



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

MARCELO GARCIA BONFIM

**A GUERRA DO IRAQUE:
HISTÓRIA OFICIAL E OFICIOSA**

Londrina
2014

MARCELO GARCIA BONFIM

**A GUERRA DO IRAQUE:
HISTÓRIA OFICIAL E OFICIOSA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social do Centro de Letras e Ciência Humanas da Universidade Estadual de Londrina – UEL, em cumprimento às exigências para obtenção do título de Mestre em História, Área de Concentração em História Social.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Sylvia Ewel Lenz

Londrina
2014

**Catálogo elaborado pela Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central da
Universidade Estadual de Londrina**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

B713g Bonfim, Marcelo Garcia
Guerra do Iraque: História Oficial e Oficiosa / Marcelo Garcia Bonfim -
Londrina, 2014.
131f.

Orientadora: Dra. Sylvia Ewel Lenz
Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Londrina - UEL,
Programa de Pós-Graduação em História Social.

1. Oriente Médio. 2. Estados Unidos. 3. Indústria Bélica. 4. Petróleo. 5.
Soldados. I. LENZ, Sylvia Ewel. II. Universidade Estadual de Londrina. III.
Título.

CDU: 94(5)

MARCELO GARCIA BONFIM

**GUERRA DO IRAQUE:
HISTÓRIA OFICIAL E OFICIOSA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social do Centro de Letras e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Londrina – UEL, em cumprimento às exigências para obtenção do título de Mestre em História, Área de Concentração em História Social.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Sylvia Ewel Lenz
UEL – Londrina – PR

Prof. Dr. Dennison de Oliveira
UFPR – Curitiba - PR

Prof. Dr. Márcio Santos de Santana
UEL – Londrina – PR

Prof. Dr. Lucia Helena Oliveira Silva
UNESP – Assis – SP

Prof. Dr. Francisco César Alves Ferraz
UEL – Londrina - PR

Londrina, 10 de abril de 2014.

À Jacqueline e aos meus pais que me apoiaram
nessa longa jornada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha orientadora, a professora Sylvia Ewel Lenz, não só pela constante orientação neste trabalho, mas, sobretudo pela sua dedicação e amizade nos momentos mais difíceis, sendo uma luz ao final do túnel.

Aos colegas, André Luis e Luciano Kneipp Zuchi, pelas discussões que enriqueceram na produção do trabalho.

Agradecimento particular aos professores examinadores, em especial ao professor Márcio dos Santos Santana, pelas contribuições durante a especialização e qualificação, e ao professor Dennison de Oliveira, que se disponibilizou a participar da banca. Também agradeço ao professor Francisco César Alves Ferraz por ter me orientado na graduação, e por ter me mostrado a guerra pelo olhar dos soldados.

Grato também algumas pessoas que contribuíram para o meu aperfeiçoamento, como a namorada Jacqueline Rodrigues Antonio, como leitora e por estar sempre presente, à minha avó Maria Espinosa que incentivou a estudar a língua inglesa.

À coordenação do PPGHIS e à CAPES/CNPq pela concessão da bolsa de pesquisa que viabilizou dedicação exclusiva à pesquisa e elaboração final da dissertação.

**"A emoção da batalha costuma ser um vício forte
e letal, pois a Guerra é uma droga".
Chris Hedges**

BONFIM, Marcelo Garcia. **A guerra do Iraque na história oficial e em outras versões**. 2014. 132f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Estadual de Londrina, 2014.

RESUMO

Este trabalho visa analisar as motivações da guerra e a visão dos soldados contrários a guerra deflagrada no Iraque em março de 2003. Os atentados de 11 de setembro de 2001 transformaram a política externa dos Estados Unidos com o fim dos anos de relativa paz conquistada com ao final da Guerra Fria. Logo após os atentados, a administração Bush (2001-2009) tentou relacionar os combatentes islâmicos membros da Al-Qaeda com o regime de Saddam Hussein, numa clara tentativa de justificar internamente a invasão no Iraque. No plano externo, o seu governo, junto com o britânico, alegavam que a presença de armas de destruição em massa contra as resoluções da ONU impostas ao governo iraquiano durante os anos 1990. Contudo, nem as inspeções e, posteriormente, nem a invasão militar dos EUA seus aliados, encontraram tais armas mas, o que se notou após o conflito era o enorme lucro obtido por empresas militares privadas e pelas companhias de petróleo. Para tanto, analisou-se primeiro como se formou o Oriente Médio e o domínio do Império Americano em escala global. Então, o relato de Hans Blix, inspetor chefe da UNMOVIC, agência da ONU responsável pelas inspeções de armamentos no Iraque, e algumas cartas de soldados enviadas a M. Moore durante o conflito. Tanto na historiografia, quanto nas fontes constata-se que havia três interesses em na Guerra do Iraque. Primeiro, de ordem econômica em função do lucro obtido por empresas militares privadas assim como pela extração direta de petróleo; segundo, relacionado à política externa de Washington, interessado em reorganizar geopolítica da região; em termos doméstico, fomentar a popularidade do Governo Bush em sua missão de Guerra ao Terror.

Palavras-chave: Oriente Médio. Estados Unidos. Indústria Bélica. Petróleo. Soldados

BONFIM, Marcelo Garcia. **The official and unofficial history of the Iraq war.** 2014. 132f. Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual de Londrina, 2014.

ABSTRACT

This paper aims to analyze the motivations and the soldiers who fought in the war in Iraq started in March 2003. The attacks of September 11, 2001 transformed the foreign policy of the United States, the years of relative peace conquered at the end of the cold war is over, Americans now had a new enemy, political Islam. Soon after the attacks, the Bush Administration (2001-2009) tried to relate Islamic fighters belonging to Al-Qaeda with the regime of Saddam Hussein, in a clear attempt to justify an invasion on Iraq internally. Externally, the American Government, along with the Briton, claimed that the Iraqis had weapons of mass destruction, which inflicted the UN resolutions imposed on the Iraqi Government during the years 1990. However, neither the inspections and subsequently the invasion were able to find such weapons. What if you saw after the invasion was the huge profit obtained by private military and oil companies. In the research was analyzed as if formed the Middle East, the Empire of the United States on a global scale, the report of the Chief Inspector of UNMOVIC, the UN agency responsible for weapons inspections in Iraq, and the letters of soldiers who fought in Iraq. In historiography, as in what if notes is that there were three present interests in the war in Iraq, economic order first, with the possibility of profit of the private military companies and the opportunity to extract oil; second related to foreign policy, which had the interest in whether rearranging geopolitics of the region; and third of domestic politics, to which there was an increase in the popularity of the Bush administration, with the war on Terror.

Keywords: United States. Middle-East. Military history. War industry. Oil. Soldiers

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Logo da CNN 2008-2009	67
Figura 2 – Logo da CNN 1995-2006.....	67
Figura 3 – Soldados Mortos no Iraque	118

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Cartas separadas de acordo com temáticas	104
--	-----

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Etnias no Oriente Médio.....	32
Gráfico 2 – Reservas Mundiais de Petróleo	35
Gráfico 3 – Produção Mundial de Petróleo Cru	35
Gráfico 4 – A Diversidade Étnica e Religiosa.....	77
Gráfico 5 – Números de Baixas na Guerra do Iraque.....	95
Gráfico 6 – Quantidade de Civis Mortos no Iraque.....	111
Gráfico 7 – Popularidade do Governo George W. Bush	121

LISTA DE MAPAS

Mapa 1	– Nem Oriente Próximo, nem Médio, A Ásia Menor, segundo os gregos	19
Mapa 2	– Zona do Canal de Suez.....	20
Mapa 3	– Canal de Suez	21
Mapa 4	– British Empire 1921 Indian Subcontinent	22
Mapa 5	– Oriente Médio Atual	22
Mapa 6	– Tratado de Sèvres 1920	23
Mapa 7	– Forças Americanas na Região do Golfo (2006)	30
Mapa 8	– Etnias no Oriente Médio	33
Mapa 9	– Rotas Petrolíferas e Gargalos Estratégicos.....	34
Mapa 10	– Ásia Central e Mar Cáspio	36
Mapa 11	– Campos de Petróleo, Oleodutos e Refinarias Iraquianas	38
Mapa 12	– As Terras Curdas	39
Mapa 13	– O Curdistão Iraquiano	39
Mapa 14	– Mapa Político do Oriente Médio com o Sudeste da Ásia Central.....	45
Mapa 15	– Bases Militares dos EUA no Oriente Médio.....	53
Mapa 16	– Bases e Presença Militar dos Estados Unidos no Mundo	56
Mapa 17	– Oleodutos e gasodutos na Ásia Central.....	64
Mapa 18	– Presença Militar Americana	74
Mapa 19	– A Diversidade Étnica e Religiosa.....	77
Mapa 20	– Terrorismo Mundial	94
Mapa 21	– As Bases Militares Iraquianas	96
Mapa 22	– Alcance dos Mísseis Iraquianos	98

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 ÁSIA MENOR, ORIENTALISMO E PETRÓLEO	19
1.1 JUNÇÃO ENTRE EURÁSIA E ÁFRICA.....	19
1.2 O ISLÃ UNIFICADOR.....	25
1.3 POR TRÁS DOS VÉUS: O ORIENTALISMO.....	28
1.4 O PETRÓLEO E A GUERRA DO GOLFO 1991	35
2 O “EXTREMO OCIDENTE” – OS EUA	44
2.1 ANTIGOS INTERESSE, NOVOS RESENTIMENTOS	44
2.2 IMPÉRIO MUNDIAL COM BASES MILITARES	53
2.3 PODER DA MÍDIA, PODER BÉLICO	67
3 INTERVENÇÃO E OCUPAÇÃO	75
3.1 IRAQUE ATÉ A GUERRA DO GOLFO.....	75
3.2 INSPEÇÃO DE ARMAS QUÍMICAS PELA ONU.....	80
3.3 SANÇÕES ECONÔMICAS CONTRA IRAQUIANOS	89
3.4 INVASÃO DO IRAQUE: MARÇO DE 2003.....	93
4 QUEM GANHA, QUEM PERDE	103
4.1 MOORE E O PATRIOTISMO EM QUESTÃO	103
4.2 A VOZ E A VEZ DOS SOLDADOS	108
4.3 ESPÓLIOS DA GUERRA.....	114
4.4 VETERANOS CONTAMINADOS	118
CONCLUSÃO	126
REFERÊNCIAS	129

INTRODUÇÃO

Ao final do ano de 1991, Mikhail Gorbachev anunciou o fim da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, fundada em 1922. Para muitos, a relativa fragmentação deste império, significava a vitória do bloco capitalista, para outros, o fim da história. Entretanto, para Nial Ferguson, a Queda do Muro de Berlim, em 9 de novembro de 1989, o 9/11, significava o fim de uma era, e o início do século XXI. A partir de então, para os governantes dos Estados Unidos os islâmicos fundamentalistas substituíram passaram a ser os novos inimigos no lugar dos antigos comunistas. Ou seja, o eixo deslocou-se da Ásia para o Oriente Médio principalmente após o atentado e destruição das Torres Gêmeas em 11 de setembro de 2001, o 11/9. Então, Osama Bin Laden era a personificação da ameaça à democracia estadunidense e do bloco ocidental. Portanto, o presidente e comandante em chefe das forças armadas deveria mandar capturá-lo a qualquer custo, meta finalmente alcançada em 2011.

Para abordar estes acontecimentos recentes, estudou-se historiografia pertinente assim como a geopolítica junto com a questão energética contemporânea. A seguir, em oposição à versão oficial dos vencedores, visou-se a apresentar uma história oficiosa de motivações reais e fatos silenciados pela mídia, mas disponíveis em fontes selecionadas para esta pesquisa. Os bastidores da guerra, ou seja, motivações reais da guerra de Washington contra Bagdá e o cotidiano bárbaro tanto para civis iraquianos quanto para militares americanos, foram tão blindados quanto os seus tanques na destruição do país.

A abrangência temática e bibliográfica teve de ser pela limitação temporal de uma pesquisa de mestrado, intercalada por disciplinas, estágio e qualificação. Diante deste fato realista, optou-se por escolher três tipos de fontes: uma midiática, uma institucional e uma privada. Sobre a versão oficial, o canal internacional de notícias CNN - Canal de Notícias (*Cable New Network*, fundado em 1980) transmitiu, em tempo real tanto a Guerra do Golfo como dos EUA contra Guerra do Iraque, de 2003. Em 2004, Sidney Pike publicou Nós mudamos o mundo - um pioneiro revela a história da CNN sobre a nova tecnologia midiática de divulgar notícias internacionais em tempo real conforme declarado por Vicente Adorno, editor internacional do Jornal da TV Cultura, SP: “A guerra do Iraque em 1991 confirmou e consolidou essa filosofia, que influencia até hoje todas as transmissões globais de grandes e pequenos eventos”.

Mas faltou acrescentar que aquela era versão do canal internacional mais importante dos EUA justificava a guerra embora a mesma tivesse sido vetada pelo Conselho

de Segurança das Nações Unidas. Outra oficial, do sueco Hans Blix que, em 2002, foi convidado pelo secretário-geral da ONU, Kofi Annan, a ser o primeiro presidente executivo da Comissão de Monitoramento de Verificação e Inspeção - UNMOVIC -. Conforme seu prefácio no livro Desarmando o Iraque. Inspeção ou Invasão? publicado em 2004, ele desabafa sobre sua experiência como enviado da ONU: “Durante meu último ano na comissão ocorreram fatos dramáticos. Negociações, inspeções no Iraque, a retirada dos inspetores em maio de 2003, a guerra e o fracasso em encontrar qualquer arma de destruição em massa”. (BLIX, 2004, p. 10).

A terceira, não oficial, de milhares de cartas de soldados enviadas a Michael Moore durante a guerra ele selecionou por origem - do Iraque, de soldados ao redor do mundo, dos veteranos e cartas de casa, publicadas em 2004, sob o título Cartas da Zona de Guerra - Algum dia voltarão a confiar na América? Destas, escolheu-se dezessete pelo teor tanto patriótico como contestatório em relação aos desmandos tanto do Pentágono, o governo militar vinculado aos interesses da indústria bélica, quanto da Casa Branca, o governo oficial e civil vinculado a interesses estratégicos e políticos. Um trecho do e-mail de Karli Berhost a Moore em três de julho de 2004:

Sou mãe solteira, e não entendo por que se dão ao trabalho de chamar de volta reservista e militares aposentados para lutar nessa guerra, já que muitas outras pessoas saudáveis que nunca foram levadas em conta (i.e. as gêmeas Bush). Não apoio nem nunca apoiarei a guerra no Iraque. Entretanto, apoio as nossas tropas, e está na hora de trazê-las de volta para casa [...] junto às suas famílias (MOORE, 2004, p. 64.)

Para situar tais fontes, leitura e análise de livros e mapas sobre: a formação da Mesopotâmia no Oriente Médio, a sua islamização durante o medievo, a subjugação dos seus povos pelo Império Otomano durante a época moderna, e, por fim, o domínio britânico na região petrolífera no século passado. Para analisar o tema, algumas categorias norteiam a pesquisa, tais como a cultura política anglo-americana voltada, num primeiro momento para a expansão territorial e, após a industrialização, para a expansão do imperialismo econômico. Em termos ideológicos, a crença presente desde a fundação da República Federativa dos Estados Unidos da América, do “Destino Manifesto”. Ou seja, embora a nação mantivesse a escravidão até 1863 quando foi declarada sua emancipação pelos estados do norte, os direitos civis só lhes fosse concedida 102 anos depois, em plena Guerra do Vietnã. Entretanto, Washington justifica intervenções bélicas, ou seja, declara guerra em nome da democracia e da liberdade contra diversas nações desde o final do século XIX.

Desta forma, as antigas Treze Colônias, em pouco mais de dois séculos tornaram os EUA num Império global, primeiro rumo ao Pacífico, depois com presença no Caribe e no Pacífico. Após a Segunda Guerra Mundial, o mundo era disputado pelos EUA e pelo bloco comunista - ambos disputaram os despojos das antigas colônias europeias, em áreas de influência política e econômica. Mas, após 1991, a relativa fragmentação da União Soviética que dominava a Eurásia setentrional e a Ásia Central, formou-se um vácuo de poder em áreas estratégicas, tanto militarmente como em termos de recursos naturais.

Por fim, analisa-se a guerra cuja transformação no início do século XXI é tamanha que conceitos clássicos apresentados por Kant e Clausewitz¹ são insuficientes para explicá-la. Afinal, nas guerras atuais, a tecnologia, aliada aos interesses econômicos cada vez maior das empresas militares, alteram alvos e estratégias elaborados pelos "senhores da guerra", oficialmente orquestrados pelo Pentágono. Em termos de justificativa, se no século XX eram alegadamente ideológicas - nacionalismos x imperialismo, liberalismos x fascismo; democracia mais comunismo versus socialismo nacional, hoje são político-religiosos. Ou seja, democracia dita liberal versus terrorismo; secularismo versus fundamentalismo religioso.

Domenico Losurdo (2010), questiona a definição um tanto tendenciosa e vaga de terrorismo pois alega: afinal, quem tem a legitimidade de cometer atentados: movimentos radicais ou Agências de Espionagem? Em dois de maio de 2011, as forças da elite dos EUA supostamente executaram Osama Bin Laden no Paquistão, ato entendido como não terrorista. Contudo, caso os combatentes da Al-Qaeda tivessem sucesso em assassinar o presidente dos Estados Unidos na Casa Branca, seriam considerados e caso, aprisionados, condenados como terroristas.

A questão legal, de o acusador provar a culpabilidade do acusado, é negligenciada com emprego da violência pelo Estado contra seus rivais políticos. Quando enviados dos Estados Unidos atacam uma casa, suspeita de abrigar um líder da Al-Qaeda, mas habitada por civis comuns, esta ação não é considerada como terrorista, mas justificada como mero "dano colateral". O vídeo *Collateral Murder*², divulgado pelo *Wikileaks*, mostra o aparato bélico norte-americano assassinando jornalistas e civis na manhã de 12 de julho de 2007 por supostamente transportarem armas - mas, na realidade, era tão somente câmaras de filmagens.

Já os bombardeiros incendiários dos britânicos sobre várias cidades alemãs, e nucleares sobre duas japonesas pelos americanos, destruíram e mataram inúmeros civis, não

¹ Disponível em: http://www.cih.uem.br/anais/2013/trabalhos/332_trabalho.pdf. Acessado em: 26 fev. 2014.

² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5dgKAXPbJ0w>. Acessado em 25 fev. 2014.

são considerados atos terroristas, mas operações de guerra entre países. Assim, Losurdo ressalta que:

se por terrorismo de massa entendermos o desencadeamento da violência contra a população civil com o intuito de alcançar determinados objetivos políticos e militares, devemos dizer que na história o exemplo mais clamoroso dessa forma horrível de violência foi o aniquilamento nuclear de Hiroshima e Nagasaki. (2010, p.21)

Fato semelhante ocorreu da década de 1970 quando o presidente norte-americano Richard Nixon ordenou o lançamento de mais bombas no Camboja do que no Japão, o que resultou na morte de cerca de 750 mil camponeses cambojanos (LOSURDO, 2010, p.22) com posterior tomada de poder pelo regime genocida de Pol Pot. O uso de agentes químicos causou grande mortandade entre que atingem a população civil, e mesmo em gerações posteriores, como no o caso do agente laranja utilizado no Vietnã, uma arma química que, durante e após a guerra, vitimou quatro milhões de pessoas (LOSURDO, 2010, p.22); por ora sabe-se pouco sobre vítimas, entre civis iraquianos e militares anglo-americanos, ,letais ou não, devido ao emprego de metais com liga de urânio empobrecido no Iraque.

Outra categoria a ser realçada é a dos embargos econômicos como os impostos ao Iraque que atingiram principalmente os civis, incluindo mulheres, idosos e crianças que. Tal bloqueio de alimentos, remédios e demais itens básicos, representou “ arma branca” de destruição em massa que vitimou mais iraquianos do que as bombas atômicas lançadas sobre o Japão ou mesmo gás mostarda durante a Grande Guerra. Ele afirma que "o embargo foi seguido por um campo de concentração mais ou menos camuflado, com arame farpado a cercar as aldeias e cidades inteiras, com revistas de casa em casa que semeiam o terror até durante a noite" (LOSURDO, 2010, p.27).

Entretanto, para a elite, o terrorismo é o recurso utilizado pelos que estão embaixo, omitindo que o Terrorismo de Estado, do governo que usa do aparato governamental para gerar o terror na população, mediante repressão violenta e execuções públicas. Losurdo afirma que "a denúncia insistente, obsessiva, do 'terrorismo' visa a apenas criminalizar toda forma de resistência à ocupação militar, não limitar o conflito ou impedir sua barbarização" (2010, p.48). Há uma inversão sobre os fatos que ocorrem no Iraque pois, enquanto as vítimas civis das tropas de ocupação são frequentemente incluídas entre os 'danos colaterais', não é raro ler na imprensa internacional sobre o 'assassinato' de soldados estadunidenses ou da coalizão por ação de 'terroristas';

Em *Poder, Terror, Paz e Guerra: Os Estados Unidos e o mundo contemporâneo sob ameaça*, Walter Russel Mead (2006) Apresenta uma versão pró-estadunidense que demonstra a política de contenção para combater o Islã. Essa estratégia foi utilizada por Washington contra Moscou durante a Guerra Fria no embate entre as potências capitalista e soviética. O império russo desde o século XVII era expansionista, cuja política foi mantida pelo governo soviético após a Segunda Guerra, tanto no leste europeu como no sudeste da Ásia e até em Cuba, no Caribe. Como forma de reação, os Estados Unidos visaram a conter o poder militar armado assim como a expansão do regime comunista, inclusive chinês. No caso da América Latina foram instauradas Ditaduras Militares, e em outras partes do mundo, a CIA, buscou financiar milícias e a oposição a governos socialistas; então a palavra-chave era subversão, e subversivo.

Mead propõe que, para os Estados Unidos vencerem a Guerra ao Terror deveriam implementar a política de contenção impedindo a expansão da influência ideológico-religioso e em seu lugar, consolidar o poder laico em lugar dos governos fundamentalistas. Washington também deve romper ligações com governos que mantém ligações com grupos terroristas dominada por um tipo de fascismo chamado de árabe. Portanto, para combater o extremismo religioso, o governo estadunidense deve promover abertura intelectual e cultural no Oriente Médio, ou seja, a sua ocidentalização.

Assim, para o autor, tanto o Oriente Médio quanto os Estados Unidos podem chegar a um entendimento via estudos culturais devido às suas respectivas religiões monoteístas - Islã e Cristianismo. Afinal, ambas são monoteístas, derivam do Judaísmo e remontam à Abraão. Uma política externa que trabalhe essa "unidade" pode, segundo Mead, conter e enfraquecer os "fascistas" fanáticos do Oriente Médio. Ele também sugere que os israelenses paguem indenizações individuais aos palestinos desterrados e que, os EUA e seus aliados paguem altas quantias, tanto aos palestinos quanto aos israelenses, caso haja acordo de paz legítimo. Afinal, para concretizar a contenção do Islã radical, é preciso "impedir o fascismo árabe e os movimentos relacionados de estabelecer o controle político sobre outros Estados no mundo". (MEAD, 2006, p.200).

Mead tem uma visão que define o Islã Político como inimigo da "América" a ser combatido por meio da diplomacia, aparato ideológico e pelo controle militar. Ao defender política semelhante aplicado aos soviéticos ele acredita na definição de terrorismo pregado pelo Estado norte-americano. Dessa forma a Guerra ao Terror teria um cunho moral, em que o Islã político é um "mal" a ser combatido pelo "bem", no caso os Estados Unidos.

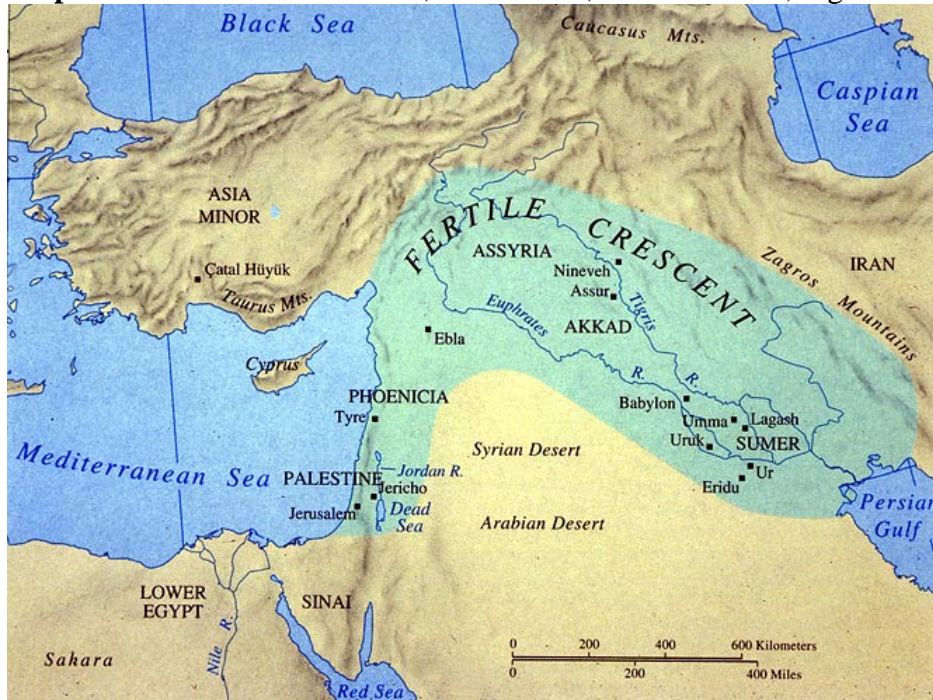
Mas, após o fim da “Cortina de Ferro” está em jogo outra questão: a necessidade de se “legalizar” a guerra. Para Godwan, os Estados beligerantes precisam justificar suas ações perante a ONU para legitimar conflitos atuais. A Guerra do Golfo (1990-91) é um modelo dessa guerra "justa", legalizada pois, embora a URSS ainda existisse, seu governo tinha sérios problemas internos. A coalizão liderada por Washington visava a libertar o Kuwait, invadido e anexado por Bagdá como província. Até na Guerra do Iraque (2003), os britânicos e norte-americanos buscaram justificar-se para legalizar a guerra no país controlado por Saddam Hussein, acusado por “porte de armas de destruição em massa”; já previstos intervenção militar no Iraque após a Guerra do Golfo, caso o regime de Hussein não destruísse tais armas.

Portanto, no primeiro capítulo questiona-se como um território multiétnico selou um sentido unificador por meio da religião, o Islã assim como sua imagem foi construída pelo Ocidente; além do interesse das potências anglo-americanas desde o emprego do petróleo como combustível do petróleo. No seguinte, indaga-se como os Estados Unidos formaram seu império em termos políticos, mediante a presença militar em bases navais em todos oceanos. Também, a divulgação do seu estilo de vida por meio ideológico com CNN, o canal internacional dos EUA. No terceiro capítulo, ressalta-se como as potências anglo-americanas driblaram as inspeções por armas químicas conduzidas pelo agente da ONU, Hans Blix que nada encontrou. Mesmo assim, a Casa Branca ordenou a intervenção militar no Iraque, embargos econômicos e destruição das cidades, nenhum sem consentimento do Conselho de Segurança. Finalmente, apresenta-se alguns exemplos do olhar crítico dos soldados enviados pelos EUA ao Iraque assim como os lucros de empresas militares privadas, as reais vencedoras da guerra.

1 ÁSIA MENOR, ORIENTALISMO E PETRÓLEO

1.1 JUNÇÃO ENTRE EURÁSIA E ÁFRICA

Mapa 1 - Nem Oriente Próximo, nem Médio, A Ásia Menor, segundo os gregos.



Fonte: Disponível em: <http://irrigacao.blogspot.com.br/2009/07/crescente-fertil-deve-desaparecer-neste.html>. Acessado em: 22 fev. 2014.

Mediante rápida visualização do mapa acima, nota-se que, além desta região unir o continente Eurasiático com a África, seus limites naturais são os mares abertos como o Mediterrâneo, via de acesso ao Oceano Atlântico; o Mar Vermelho e o Golfo Persa rumo ao Oceano Índico. Mas também para mares fechados como o Negro e o Cáspio e as montanhas do Cáucaso, ao norte. Exceto o “Crescente Fértil” com seus grandes rios como Tigre e Eufrates, e onde os britânicos inventaram o Iraque em 1920, e, quiçá, na costa marítima, a região é montanhosa e desértica.

Desde a Antiguidade a Europa é representada como vitoriosa e a Ásia como derrotada. A divisão do Oriente foi estabelecida entre a parte conhecida, estudada por Heródoto, e conquistada por Alexandre o Grande. Na região conhecida como Oriente Próximo, originaram-se as três grandes religiões monoteístas, todas abraâmicas: Judaísmo, Cristianismo e o Islã. A cultura política se deve à gradual expansão do Império Otomano na região (1281-1922) mas com sinais de desgaste desde o setecentos.

Mas no auge do imperialismo, principalmente britânico no século seguinte, os diplomatas passaram a chamá-lo de “Homem Doente”, e Nesse período, os militares locais passaram a ter, cada vez, mais poder enquanto que a dominação estrangeira se deu de forma econômica e tecnológica. Com o aumento do poderio militar e comercial das potências imperialistas, França e Grã-Bretanha pretenderam por em prática seu projeto político para a região.

Mapa 2 - Zona do Canal de Suez



Fonte: Disponível: <http://cambetabangkokmacau.blogspot.com.br/2010/11/17-novembro-1869-inauguracao-do-canal.html>. Acessado em 24 fev 2014.

A construção e a abertura do Canal de Suez pelo governo francês de 1859 a 1869, ataçaram interesses estratégicos britânicos tanto no Mediterrâneo cuja entrada dominavam por Gibraltar, como, a partir de então, no Mar Vermelho. Afinal, este acesso marítimo direto da Europa ao Oceano Índico encurtava a rota tradicional, via Atlântico pelo sul da África. Ora, as colônias recentes de Canadá, Nova Zelândia e Austrália eram mais de povoamento do que de exploração e comércio.

Mas a Índia era grande joia do Império Britânico, principalmente após 1857, quando o Londres (e não mais a Companhia de Comércio) passou a governar diretamente a Índia. Vinte anos depois, Vitória, rainha da Inglaterra, era coroada também como imperatriz do *British Raj* - do Império Britânico da Índia. (FERGURSON,2010)

Portanto, a abertura do Canal de Suez pelos franceses provocou ainda mais o interesse britânico na região, uma vez que facilitava o acesso ao Oceano Índico, e portanto, às colônias de ambos na Ásia Central e no Extremo Oriente. Em 1882, aproveitando uma das

revoltas egípcias, os britânicos intervieram, venceram, desbancaram a presença francesa no Egito e passaram a controlar aquela via fundamental para ligar Londres como Império da Índia.

Mapa 3 - Canal de Suez

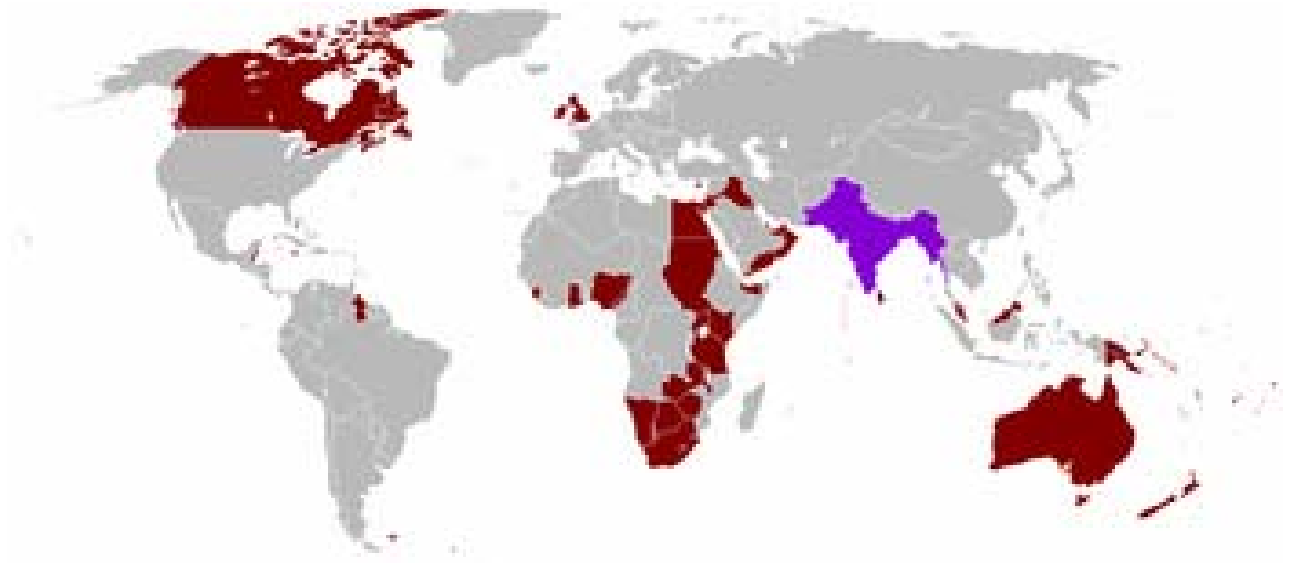


Fonte: Disponível em: <http://planetalarve.com/2013/07/08/portugal-pode-beneficiar-com-a-crise-no-egito/>. Acesso em 22 fev. 2014.

Durante a Grande Guerra (1914-1918), os aliados ocidentais, apoiaram a oposição dos árabes contra ao Império Otomano; contudo, após a sua redução e partilha entre Londres e Paris, os povos da região mal foram respeitados. Após o fim do conflito mundial e a derrota incondicional dos Impérios Centrais - Alemão, Austro-Húngaro e Otomano, os britânicos, junto com os franceses, partilharam a região conforme seus interesses econômicos, energéticos e geopolíticos.

Além disso, garantir ao Reino Unido o acesso ao Império da Índia via Canal de Suez com a criação de mandatos britânicos na Palestina e Egito, justamente a junção marítima entre os mares Mediterrâneo e Vermelho. Ora, desta forma o império britânico aumentou seus domínios ultramarinos - dos antigos domínios brancos como o Canadá, Nova Zelândia e Austrália, a colônias estrategicamente localizadas no Oceano Índico: da cidade do Cabo ao Cairo, no Oriente Próximo, do Paquistão, Índia a Bangladesh.

Mapa 4 - British Empire 1921 Indian Subcontinent .



Fonte: Disponível em: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/a/a3/British_Empire_1921_IndianSubcontinent.png. Acessado em: 22 fev. 2014.

Com o aumento do poderio militar e comercial dos países imperialistas, França e Grã-Bretanha trataram de ocidentalizar a região que os britânicos, a partir da década de 1920, passaram a chamar de *Middle East*. Este Oriente Médio abrangia Península Arábica, Mesopotâmia, Golfo Pérsico e Pérsia; Oriente Próximo, a região dos Balcãs, Anatólia, Levante e Egito; já o Extremo Oriente os territórios do Sudeste Asiático, China, Coreia e Japão. Com mandatos franco-britânicos na região abaixo da Anatólia, a substituir o domínio turco-otomano, passou a ser chamada de Oriente Próximo (*Near East*), enquanto para os EUA, de Oriente Médio, já que África e Europa estão situadas a leste da costa americana.

Mapa 5 - Oriente Médio Atual.



Fonte: (SMITH, 2008, p. 5)

Ambas as potências impuseram a modernidade levando seus produtos da era industrial com alterações no cotidiano dos povos locais. Além de transformar os costumes, os europeus também tentaram impor a filosofia política liberal e atea, em oposição ao Islã; contudo, esse imperialismo tardio na região durou pouco. Afinal a sua cultura política é forte herdeira do Islã presente desde Maomé e da expansão dos otomanos. Não obstante, a atual delimitação geográfica decorre da partilha do Império Otomano, em 1920, conforme Tratado de Sèvres.

Mapa 6 - Tratado de Sèvres 1920



Fonte: Disponível em: www.atlas-historique.net. Acessado em: 20 de fev. 2014

Ora, nações conquistadoras, inclusive das supostamente civilizadas - francesa e britânica, não diferenciavam de outras formas de imperialismo; afinal, dominavam arbitrariamente sem consentimento popular. Eles impuseram ao Oriente Médio a modernidade, negociaram seus produtos industriais, buscaram transformar o modo de vida da população local e, buscaram impor sua filosofia política liberal.

Os britânicos queriam tirar o máximo de proveito em cima dos despojos do Império Otomano após a sua derrota previsível em 1918. Para obter domínio territorial e influenciar politicamente a região, os britânicos fizeram acordos com os franceses e com as elites locais. O plano de repartir o Império Otomano entre franceses e britânicos, foi

parcialmente frustrado pelos Estados Unidos que começou a fazer acordos com a Itália e Grécia. Assim, os Londres e Paris não foram os únicos a se apossarem inteiramente do Império Otomano, tiveram que ceder alguns territórios para atender aos interesses de Atenas e Roma. (SMITH, 2008, p.26)

Após a Segunda Guerra Mundial, (1939-1945) e a ascensão de outras potências no cenário global, URSS e Estados Unidos, britânicos e franceses cedessem seus protetorados, enquanto os EUA, almejavam o domínio do petróleo na região. (SMITH, 2008, p.46). Portanto, três fatores redefiniram a região: o primeiro, a fundação do Estado de Israel (1948) que marca a presença de um Estado ocidental na região. Mas Londres perdia sua colônia mais importante, o subcontinente indiano, e Paris travava longas guerras coloniais contra a autonomia de seus domínios, como as brutais contra Argélia e Indochina (FERRO, 1996).

Então, a Guerra Fria que havia começado com o bloqueio de Berlim Ocidental pelos soviéticos em 1948 e se acirrou com o controle dos países satélites por Moscou, passou a ser travada em nível mundial. Neste sentido, os EUA entraram no vácuo de poder das antigas potências ocidentais em longos conflitos no Extremo Oriente mas, também, no Oriente Médio, na disputa por áreas de influência com Moscou. Desde 1917, havia interesses anglo-franceses em prol da instituição do Estado de Israel na Palestina, o que também provocou o antagonismo entre duas religiões monoteístas: o Islamismo e o Judaísmo³.

Portanto, alguns fatores históricos influenciam a formação do Oriente Médio até a Segunda Guerra: a cultura religiosa e política do Islã na região; a partilha do Império Otomano; a exploração do petróleo por empresas estrangeiras; o breve colonialismo franco-britânico e a fundação do Estado de Israel (SMITH; 2008; p.11). Durante a Guerra Fria e principalmente depois, o controle das reservas petrolíferas, oleodutos, gasodutos e portos no Golfo Pérsico, seguiam acordos tácitos de regiões. Segundo interesses anglo-franceses, acordos com Israel, Líbano e Palestina; sob a Washington, a Arábia Saudita e reinos menores como Kuwait e Qatar enquanto a leste, Síria e Iraque, alinhavam-se à Moscou.

Após o fim do Império Soviético, acirraram-se os conflitos na região não mais em função de divergências ideológicas, mas religiosas e sectárias. E claro, o controle dos Estados Unidos pela região da produção petrolífera e de sua distribuição até os portos exportadores no Golfo Pérsico.

³ Islã é a religião muçulmana fundada pelo profeta Maomé; islamismo é o movimento fundamentalista, ou seja, o Islã político; corresponde aos evangélicos do cristianismo, à ortodoxia radical do judaísmo.

1.2 O ISLÃ UNIFICADOR

*Não é forte quem derruba os outros; forte é quem domina a sua ira.
As ações devem ser julgadas de acordo com as intenções.*
Maomé

O Islã é a terceira religião monoteísta revelada que surgiu durante a Idade Média. Atualmente os muçulmanos se dividem em três grupos: xiitas (quase 10%), kharijitas (menos de 1%) e sunitas (90%). Os sunitas se subdividem em: hanafitas (mais liberal, presente na região turcofôno, Índia, Paquistão e China); malequitas (ênfase nos costumes) (Alto Egito (sul), Magrebe (África do Norte) e parte da África negra); chafeítas (Baixo Egito (norte), África negra oriental, Índia, Malásia, Filipinas, Tailândia e Indonésia); hanbalitas (mais rigoroso, ritual puritano) (Arábia Saudita e Qatar). Hoje, há cerca de 300 milhões de muçulmanos árabes e que representam uma quinta parte de 1,5 bilhão de islâmicos no mundo (BALTA, 2010, p.11).

O profeta Maomé nasceu em 570 na cidade de Meca. A região era povoada por povos nômades judaicos, cristãos e beduínos politeístas. Maomé pertencia a tribo dos Koraishitas, umas das mais poderosas de Meca. Em 622, devido a uma rivalidade das tribos de Yathrib Maomé assinou com as tribos judaicas e cristãs a Constituição de Medina, o oásis ganhou o nome de Madinat el Nabi, “a Cidade do Profeta”.

Devido à pregação de Maomé contra a religião politeísta presente na região, os comerciantes Meca com receio de perder a peregrinações, principal fonte de lucro de Meca, os se reuniram e destituíram Maomé da proteção da tribo, com esse ato ele poderia ser morto por qualquer um sem as restrições da lei do talião.

A saída de Maomé de Meca simboliza o período da Hégira e ele só conseguiu retornar à cidade em 632, após reconquistá-la sem derramamento de sangue; depois, faleceu em Medina no mesmo ano. Com a sua morte houve a luta por várias tribos pelo vácuo de poder deixado por Maomé, os califas que assumiram não tinham vida longa, Abu Bakr assumiu como califa (632-634), seguido por Omar (634-644), Othman (644-656), e Ali (656-661), todos assassinados.

Os islâmicos, liderados pelo califa Omar, iniciaram a expansão da religião e essa primeira fase expansionista estendeu-se até o século X. Essa rápida expansão deu-se devido à crise no Cristianismo causado pela invasão de Roma pelos povos bárbaros e por rivalidades entre os patriarcas de Alexandria e Constantinopla. Diferente do Cristianismo, com debate teológico a favor da Trindade, e se Jesus era humano-Deus, ou só Deus, a

mensagem do Islã é clara e objetiva, sem pretender romper com o Cristianismo e o Judaísmo. Portanto, o Islã também tolerava os demais chamados Povos do Livro; contudo eles deviam dois impostos - o pagamento da djiziá⁴ e do kharaj⁵. (BALTA, 2010, p.23)

A segunda expansão aconteceu no século XI-XVII e, devido à conversão de príncipes e reis para conquistar outros povos, atingiu regiões da Ásia Central até a Oceania. A terceira expansão, de cunho mais militar, foi a conquista de Constantinopla até a Grécia, Sérvia, Albânia, Hungria, o ao Magrebe norte-africano e Oriente Próximo. São vários os versículos do Alcorão que pregam o ecumenismo e a tolerância religiosa:

Dhimma, pacto de proteção, permitia aos monoteístas minoritários viver em paz no meio dos mulçumanos, praticar o culto sem serem perturbados e manter seus relacionamentos pessoais, mas os submetia ao pagamento de impostos e limitava sua participação na vida urbana (BALTA, 2010, p.29).

Durante a dominação dos mouros na península Ibérica durante 711 à 1492 a convivência de mulçumanos, judeus e cristãos foi relativamente pacífica. Desde as primeiras conquistas foram elaboradas as *Dar al Islam*, território do Islã, ou território da paz (BALTA, 2010, p.27), a *Dar el Kufr* território da impiedade, e a *Dar el Solh*: território da trégua. Para aqueles que moram na *Dar el Kufr* dividem-se em dois grupos, "o primeiro compreende as minorias nacionais que vivem, desde que se convertam à religião entre os hinduístas e budistas [...], católicos [...], animistas ou cristãos." (BALTA, 2010, p.28); e as minorias que emigraram dos países árabes.

A partir do século XVI, a civilização árabe-mulçumana entrou em declínio e sua. A queda deve-se a causas internas e externas. As causas externas foram as conquistas mongóis, a queda de Bagdá em 1258, o crescimento de Veneza, Gênova e Lisboa que abriram novas rotas comerciais e marítimas. As internas foram as guerras no califado da dinastia de Abássida.

Diante das transformações na Europa, com a Revolução Francesa, Industrial e Era Napoleônica surgiram duas vertentes de pensamento do islamismo: modernismo liberal: inspirado por Rifaa Tahtawi (1801-1873); influenciou as correntes nacionalistas no mundo árabe; pregava a liberdade e industrialização; e o fundamentalismo mulçumano: principal pensador foi Mohamed Abdó (1849-1905) para combater o declínio do islamismo propôs o retorno as origens.

⁴ Imposto que homens adultos, em idade de serviço militar, deveriam pagar ao Estado Islâmico

⁵ Imposto em relação a propriedade

Também houve três diferentes movimentos. O da sociedade da propagação da fé, iniciada 1927, visava a realizar uma conversão dos hindus por meios pacíficos. A seguir, a teoria das duas nações criada em 1928 para enfrentar o hindu Jawahardal Nehru, favorável do Estado que laico; esse movimento provocou a divisão da Índia e conseqüente formação do Paquistão. Finalmente, os Irmãos Muçulmanos, fundada em 1928 por um professor primário Hassan el Banna (1906-1949) - a organização defendia a tomada do poder quando necessário (BALTA 2010, p.94).

Os EUA apoiaram movimentos fundamentalistas no Paquistão para conter a onda de nacionalismo e o avanço dos soviéticos. Entretanto, quando Washington retirou seu apoio ao Xá Mohammed Reza Pahlevi, abriu caminho para os fundamentalistas realizarem a Revolução em 1979. Na Guerra Irã-Iraque (1980-1989) acirraram-se as disputas entre sunitas e xiitas, e entre árabes e persas. O Irã apoiava movimentos xiitas no mundo árabe. A consolidação da democracia iraniana representava uma ameaça aos regimes da região, levou a reformas institucionais no Qatar, Kuwait, Bahrein e Arábia Saudita. Além disso, o seu regime fez pronunciamentos contrários aos atentados de 11/09/2001, realizada pela organização comandada por Osama Bin Laden.

Em geral prevalecem os regimes autoritários em países muçulmanos. No Irã, por exemplo, os aiatolás tentam controlar o sistema eleitoral, contudo a crescente escolarização das massas e a ampliação dos meios de comunicação, televisões a cabo, internet e rádios, esse cenário tende a mudar. Em 1019, na região do Iraque atual, antiga Mesopotâmia, Al Qadir, califa de Bagdá, pela Epístola de Qadir, proibiu novas interpretações do Alcorão, fixou o islamismo como credo oficial, fechou a porta da *ijtihad* (esforço de pesquisa pessoal), encorajou a taqlid (imitação servil). O ensino tem por base no método corânico e na aprendizagem decorada. Em 2005, 50% das mulheres e 30% dos homens eram analfabetos (BALTA, 2010, p.36 e 37).

Durante a Guerra Fria, os EUA financiavam o Islã político para conter governos nacionalistas e a influência soviética. O embargo econômico imposto ao Iraque após a invasão do Kuwait causou a morte de um milhão e meio de iraquianos (BALTA, 2010, p.43). Por mais de meio século os EUA sustentaram e encorajaram os movimentos e regimes mulçumanos (BALTA, 2010, p.44). A CIA formou membros da Internacional Islâmica, com vários movimentos fundamentalistas.

Após a Revolução Iraniana 1979, o islamismo passou a significar o Islã político ou radical. Mesmo após o fim da Guerra Fria, os EUA mantiveram apoio ao talibã devido a interesses em instalar um gasoduto e oleoduto que passasse no Paquistão e

Afganistão para transportar hidrocarbonetos vindos do Turcomenistão e Uzbequistão. A construção de uma sociedade laica tem demonstrado ser um dos grandes desafios para o mundo árabe. Os muçulmanos representam aproximadamente 25% da população mundial, mas com menos de 10% da riqueza global, além de ser a religião que mais cresce em todo mundo.

1.3 POR TRÁS DOS VÉUS: O ORIENTALISMO

Orientalismo não é um simples tema ou campo político refletido passivamente pela cultura, pela erudição ou pelas instituições; nem é uma grande e difusa coletânea de textos sobre o Oriente; nem é representativo ou expressivo de alguma execrável trama imperialista 'ocidental' para oprimir o mundo 'oriental'.

Edward Said

Segundo Edward Said, o Oriente é uma invenção dos intelectuais europeus; a região teria sido a colônia europeia mais antiga e rica, pois remonta ao domínio do Império Romano na região. O termo orientalismo foi criado para diferenciar Oriente do Ocidente e com intenções político-ideológico. Esse conceito monopoliza o debate sobre o Oriente e é interessante que ao digitar *ocidentalismo*, o editor de texto sublinha a palavra em vermelho, como se tivesse erro ortográfico, ou seja, é inexistente no Word.

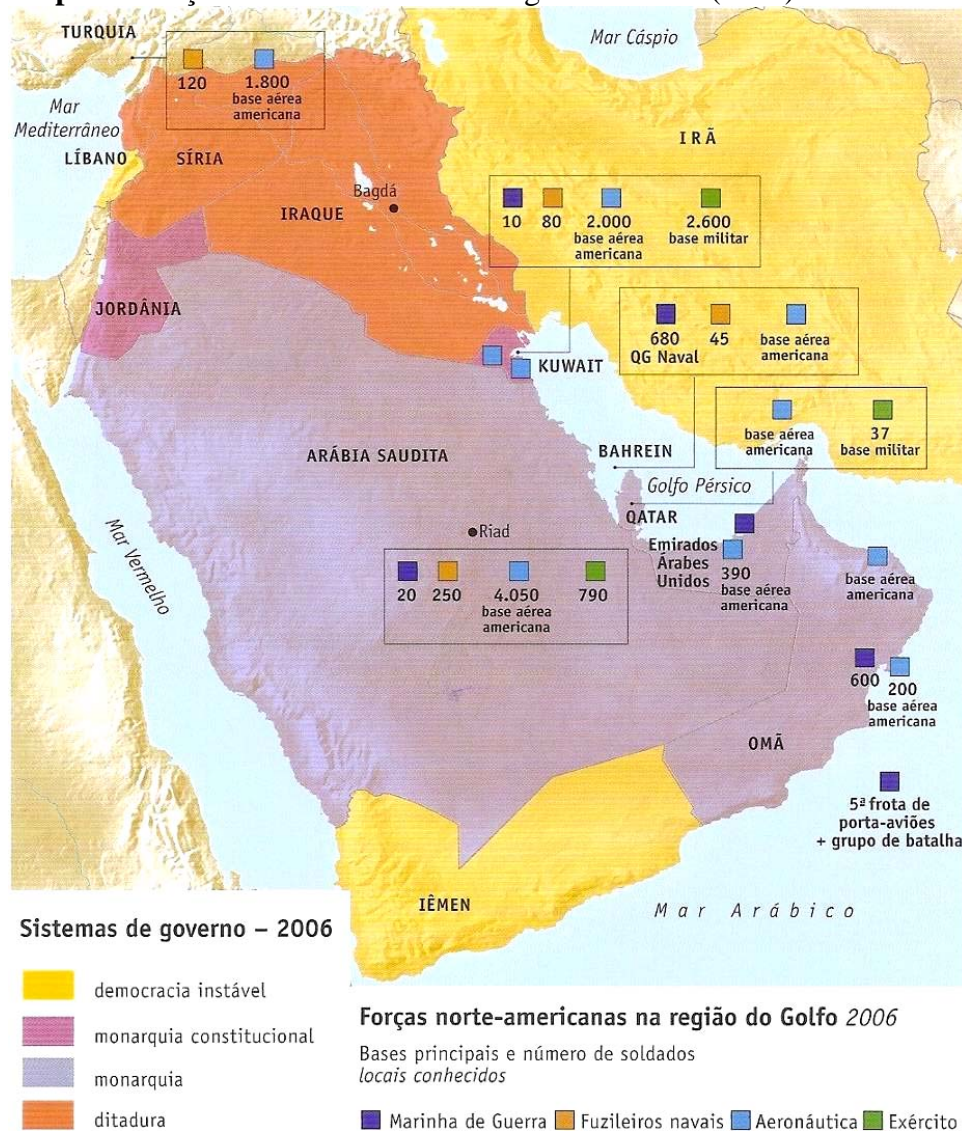
A hegemonia cultural do Ocidente fez com que este criasse um discurso sobre o Oriente capaz de fazer uma distinção entre conhecimento puro e político: se fosse sobre o europeu, seria puro; mas em relação ao Oriente, é político. No mundo ocidental há uma imposição para que se produza conhecimento apolítico, pois o conhecimento político não seria verdadeiro, conforme ele afirma:

É antes a distribuição de consciência geopolítica em textos estéticos, erudito, econômicos, sociológicos, históricos e filológicos; é a elaboração não só de uma distinção geográfica básica, mas também de toda uma série de 'interesses' que, por meios como a descoberta erudita, a reconstrução filológica, a análise psicológica, a descrição paisagística e sociológica, o Orientalismo não só cria, mas igualmente mantém; é, mais do que expressa, certa vontade ou intenção de compreender, em alguns casos controlar, manipular e até incorporar o que é um mundo manifestamente diferente; é sobretudo, um discurso que não está absolutamente em relação correspondente direta com o poder político ao natural, mas antes é produzido e existe num intercâmbio desigual com vários tipos de poder, modelado em certa medida pelo intercâmbio com o poder político, intelectual, cultural, e moral. (SAID, 2007, p.40-41)

Vários escritores oitocentistas - das ciências sociais ou da literatura, refletiam em seus escritos sobre imperialismo e a superioridade cultural europeia. Said analisou as iniciativas britânicas, francesas e americanas como uma unidade e constatou que o "orientalismo é um postulado sobre a exterioridade, isto é, sobre o fato de que o orientalista, poeta ou erudito, faz o Oriente falar, descreve o Oriente, esclarece os seus mistérios por e para o Ocidente" (SAID, 2007, p.51).

Há uma construção sobre o perigo que o Oriente representa ao resto do mundo. Said (2007) ressalta, principalmente, a forma como o Ocidente construiu uma imagem exótica do árabe. A história do preconceito que o Ocidente tem em relação aos árabes e o islã; a disputa entre árabes e judeus e a ausência de posição cultural sobre os árabes e o Islã politizam a questão sobre árabes e islâmicos.

No século XIX, o Oriente era visto como mistério a ser revelado, literalmente, tirar-lhe os véus e desvendá-lo de forma racional. Segundo Said, a divisão entre orientalismo e ocidentalismo, é uma forma de definir qual é o espaço nosso e qual é o deles. Para o mundo ocidental, o Islã é visto como uma experiência equivocada do Cristianismo. O medo da Cristandade em relação ao Islã aconteceu diante de sua expansão constante após a morte do Profeta; a leste até o Extremo Oriente - Indonésia, a oeste, até o noroeste da África - Marrocos. Said afirma que o "Islã para os europeus se tornou a devastação demoníaca dos odiados bárbaros" (2007, p.98).

Mapa 7 - Forças norte-americanas na região do Golfo (2006)

Fonte: (SMITH, 2008, p.71)

O Islã aparentava ser uma afronta cultural ao judaísmo e cristianismo, pois havia o temor do islamismo de se opor ao Ocidente Cristão. O orientalista islâmico apresentava suas ideias como forma de resistência do islã a modernidade europeia. Após 1945, o Império Americano desalojou o britânico e francês com o povo árabe apresentado como exótico. Após a Guerra de 1973 o árabe passa a ser representado como alguém ameaçador, tendo a passagem do anti-semitismo ao anti-arabismo.

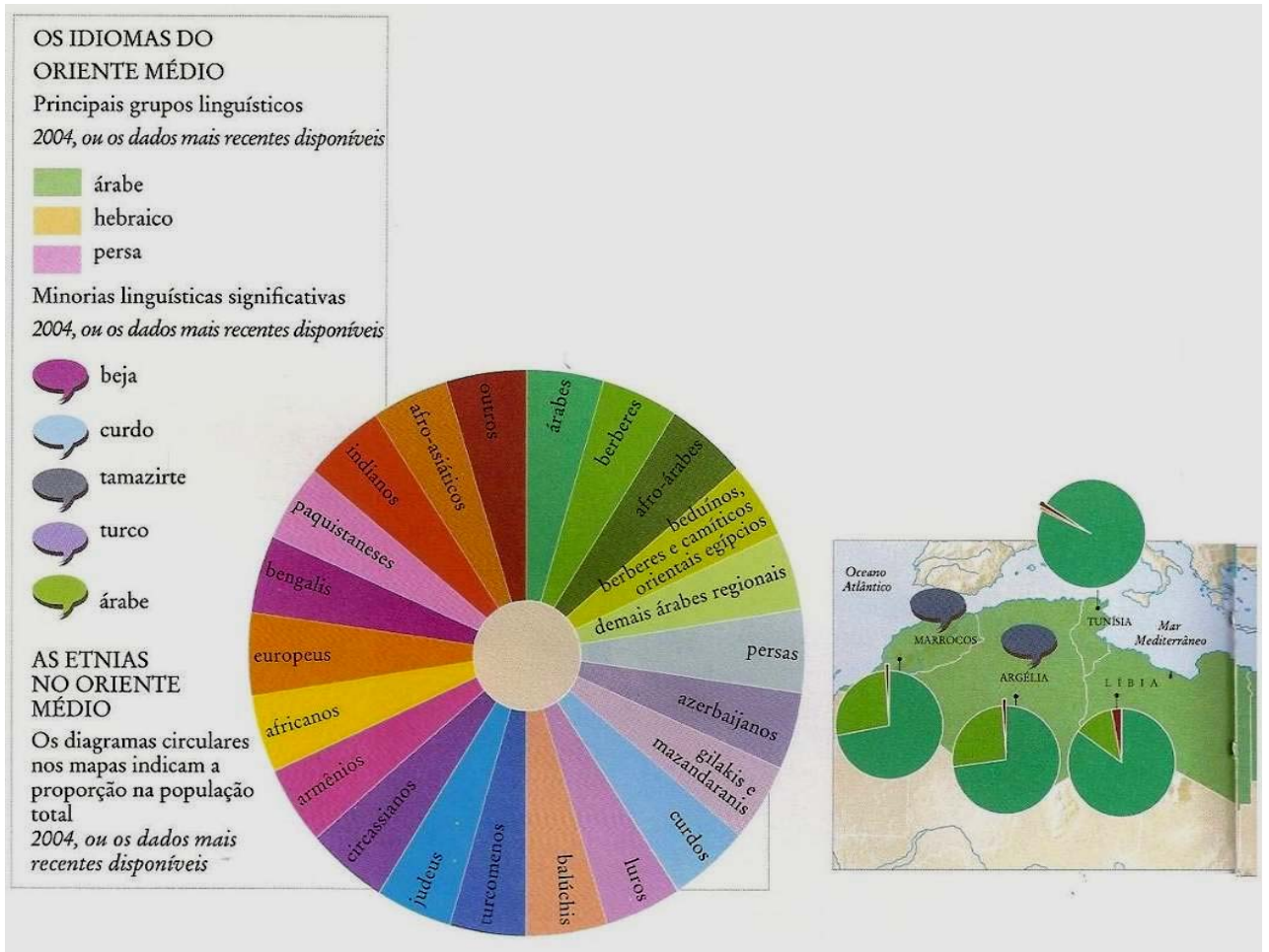
Sob o argumento da ameaça que os árabes causam ao mundo "ocidental", forjam-se argumentos para as potências dominar e extirpar dos árabes seus direitos sobre os recursos naturais. Said afirma que: “[...] sem os eufemismos habituais, a pergunta formulada com mais frequência é por que povos como os árabes têm o direito de manter o mundo desenvolvido (livre, democrático, moral) ameaçado” (2007, p.383).

Nos noticiários, o árabe é apresentado em números, massificado, nunca na sua individualidade. Também a propaganda sobre a *Jihad* é apresentada como ameaça ao mundo considerado "livre e civilizado". Para os EUA, o Oriente não era uma questão religiosa como fora inicialmente para os europeus no avanço do islamismo, mas uma questão administrativa e política. O interesse dos EUA pelo Oriente institucionalizou-se em 1842, com a fundação da *American Oriental Society*.

Após 1945, as áreas de interesses dos Estados Unidos na região se intensificou, Cairo, Teerã e África do Norte se tornaram eixos centrais para a política externa dos EUA. Nesse período, as principais forças que competiam o controle da região, além da americana, eram o islamismo e o comunismo. Os pensadores americanos retratavam a religião dominante como uma cultura incapaz de inovação. Para, Gustave Von Grunebaum, que fundou o Instituto da Ásia Palavi Institute , é monolítico, grosseiro, redutor e imutável (SAID 2007, p.399).

Para os orientalistas norte-americanos, o Ocidente é apresentado como evoluído, desenvolvido; já o Oriente, como aberração, imutável, subdesenvolvido que deve ser temido e controlado (SAID 2007, p.407). Assim, várias justificativas eram inventadas, defendendo a inferioridade da civilização árabe com objetivo de dominá-la. Em geral, os estudos orientalistas descaracterizaram o mundo árabe; primeiro, da figura exótica para não dizer erótica; depois, a do terrorista, do fanático, do radical. Para Said não deveria haver essa visão dualista cindir o mundo entre Oriente e Ocidente, uma vez que nenhum país ou povo pode representar esta divisão.

O mundo pós-Segunda Guerra, disputado entre uma antiga potência, a russo-soviética, e uma jovem, a americana, debilitou os impérios governados pelas metrópoles de Londres e de Paris, agravadas pelo crescente interesse dos EUA e URSS na partilha durante a descolonização. Além da independência havia grupos que buscavam a formação da unidade árabe, pois o anti-colonialismo era um movimento reativo contra o domínio europeu. Há grande diversidade étnica e cultural no mundo árabe, conforme o mapa e o gráfico abaixo:

Gráfico 1 - Etnias no Oriente Médio

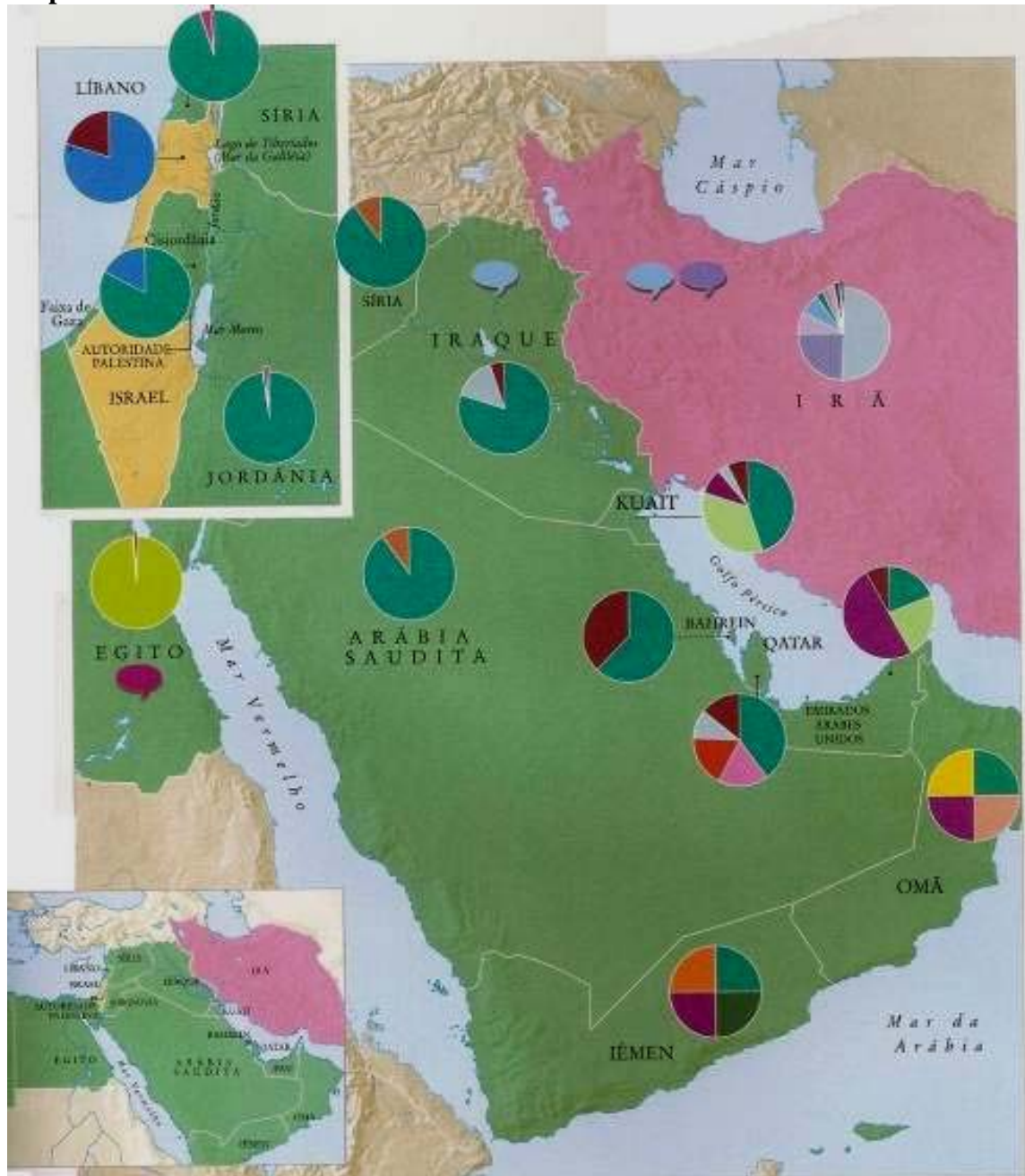
Fonte: (SMITH, 2008, p. 114)

Para o mundo árabe também há um inimigo em comum, o Ocidente. As ideias sobre o pan-arabismo começaram após o fim da Primeira Guerra Mundial. Alguns defensores da unidade árabe como o T.E Lawrence, conhecido como o Lawrence da Arábia, apoiou a revolta árabe de 1916. A proposta para formar um mundo árabe unido ganhou ainda mais força após a Segunda Guerra. Michel Aflaq foi uns dos principais fundadores do Partido Ba'ath (1947), defendia a formação do Estado Árabe. O pan-arabismo ganhou força nos anos 1950 sobretudo devido à e com a formação de Israel, em 1948.

Nesse contexto surgiu o líder carismático egípcio Gamal Abdel Nasser que orquestrou o golpe dos Oficiais Livres do Egito em 1952 com a expulsão dos britânicos do canal de Suez. Em 1958 foi formada a República Árabe Unida, mas a disputa de poder entre a Síria e o Egito pelo controle geopolítico da região e a falta de uma programa de ação causaram o fim do projeto da União Árabe (SMITH, 2008, p.34). Uma segunda tentativa ocorreu em 1960, contudo havia desentendimentos entre a Síria e o Iraque. Ainda houve a

terceira, com a entrada da Líbia no lugar do Iraque, contudo já não havia mais o fôlego político para sustentar a ideia de unidade.

Mapa 8 - Etnias no Oriente Médio



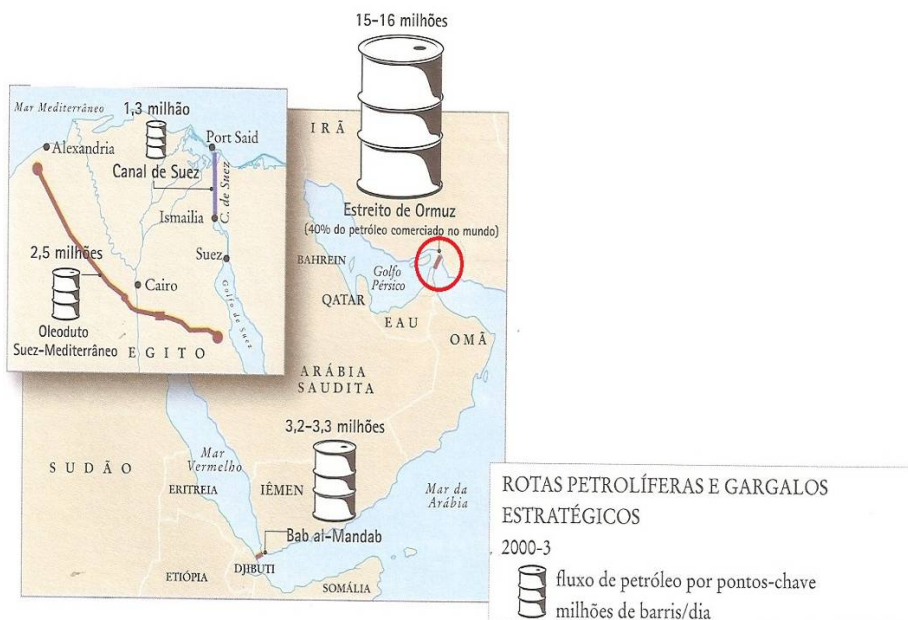
Fonte: (SMITH, 2008, p. 115)

Em 1967, na Guerra dos Seis Dias, Israel derrotou uma coalizão de Estados árabes, o que demonstrou a fracassada unidade árabe. Com a morte de Nasser o nacionalismo árabe perdeu força. A Liga Árabe, fundada em 1945 seria a única organização que busca aliar esses Estados. (SMITH, 2008, p.35) Desde os anos 1950, Washington tem intensificado a sua

influência no Oriente Médio. Os estadunidenses foram os primeiros a reconhecer o Estado de Israel.

Se, na crise de Suez em 1956, os nacionalistas árabes criam que impunham a sua vontade sobre os Impérios franco-britânicos; os EUA perceberam a iniciativa da URSS de influenciar a política na região. Em 1957, a Casa Branca instituiu a doutrina Eisenhower em o que presidente visava a oferecer ajuda militar a regiões ameaçadas pelo comunismo, inclusive no Oriente Médio, estratégico para as grandes potências globais, pois lá estão 68% das reservas mundiais de petróleo (SMITH, 2008 p.42).

Mapa 9 - Rotas Petrolíferas e Gargalos Estratégicos



Fonte: (SMITH, 2008, p.44)

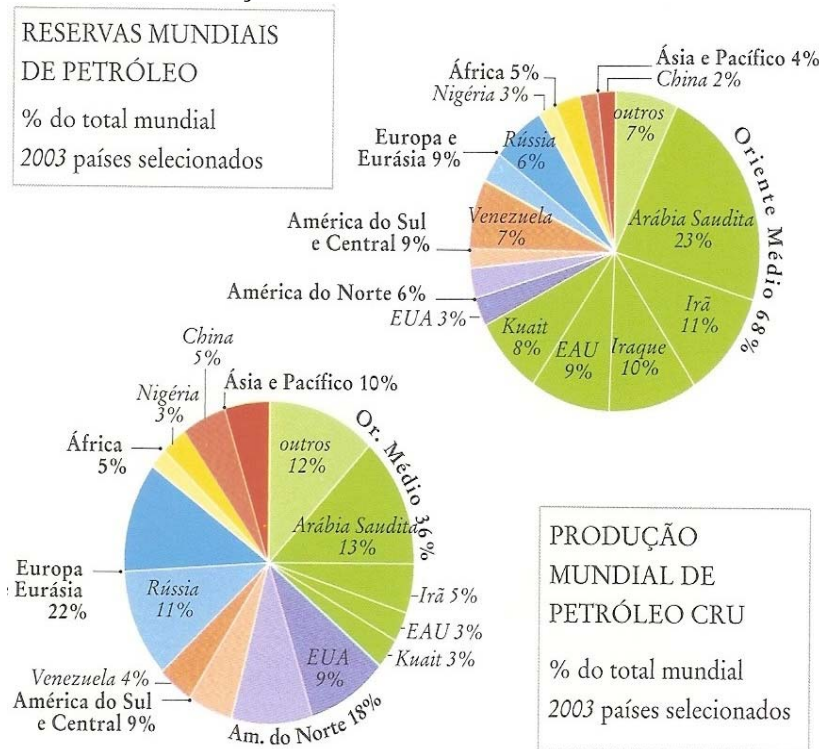
A OPEP (Organização dos Países Exportadores de Petróleo) foi fundada em 1960 quando as potências ocidentais tentaram rebaixar o preço do petróleo. Durante os anos 1970 essa organização se tornou instrumento político de combate às investidas expansionistas do Estado de Israel deflagradas após a Guerra dos Seis Dias, em 1967. Devido à crise do petróleo nos anos 1970 e à instabilidade no Oriente Médio, os EUA iniciaram a política para reduzir sua dependência do petróleo da região, ao importar mais petróleo da Venezuela.

1.4 O PETRÓLEO E A GUERRA DO GOLFO 1991

[...] por mais de sete anos, os Estados Unidos vêm ocupando as terras do Islã no mais sagrado dos lugares, a península Arábica, saqueando suas riquezas, dando ordens a seus governantes, humilhando seu povo, aterrorizando seus vizinhos, e transformando suas bases na península em ponta de lança para combater os povos muçulmanos vizinhos. Bin Laden
 Naill Ferguson

As maiores reservas de petróleo no Iraque estão localizadas na região de Mosul, capital do Curdistão. A *Iraq Petroleum Company* (IPC) era um consórcio formado por BP, Shell, Esso, Mobil e a francesa CFP (KEEGAN, 2005, p.63). No Iraque, a nacionalização do petróleo ocorreu em 1964 ao fundar a Companhia Nacional de Petróleo, na época do governo de Arif. Contudo, a proposta de Arif era que a empresa estatal iria explorar os campos que as empresas estrangeiras tinham deixado como reserva. Em comparação a outros países produtores de petróleo, observa-se a importância energética do Oriente Médio:

Gráfico 2 - Reservas mundiais de Petróleo
Gráfico 3 - Produção Mundial de Petróleo Cru



Fonte: (SMITH, 2008, p. 42)

Por outro lado, percebe-se no gráfico anterior indicativos comparação de onde estão situadas as reservas e da produção de petróleo no mundo; em geral menos ocidentalizadas, como árabes e russos, segundo versão oficial da mídia anglo-americana. Entretanto, percebe-se a omissão dos países de onde vieram originalmente o povo turco-otomano; atualmente, grandes produtores na Ásia Central, do Cáucaso e em torno do Mar Cáspio.

Mapa 10 - Mar Cáspio e Ásia Central.



Fonte: Disponível em: http://www.orexca.com/img/map_central_asia.jpg. Acessado em: 22 fev. 2014.

Em 1972, Hussein continuou o processo de nacionalização do petróleo iraquiano quando nacionalizou a IPC. Antes disso, ele confabulou acordos com franceses, que teriam compra preferencial do petróleo; com os soviéticos, que se comprometeram a comprar o excedente. A nacionalização resultou em grande transformação econômica. Em 1968 a receita do petróleo representava 22% do PIB chegando a 476 milhões de dólares em 1980; quando já existia o cartel da OPEP, a renda subiu para 50% do PIB alcançando a casa dos 26 bilhões de dólares (KEEGAN, 2005, p.64).

A renda foi usada para a modernização do Exército, mediante compra de aviões-caças franceses e equipamentos soviéticos e, também, para modernizar o país com a construção de escolas, hospitais, estradas, entre outras obras de infra-estrutura. No programa de reformas, o governo iraquiano realizou uma ampla reforma agrária, distribuindo terras do Estado para 222 mil camponeses (KEEGAN, 2005, p.65).

Com aumento da qualidade de vida devido à riqueza obtida com petróleo, Hussein ganhava cada vez mais prestígio popular. Em julho de 1979 Hussein negociou com Bakr a sua chegada ao poder. Ao alçar a presidência, ele convocou os membros mais antigos do Partido Baath para uma reunião. Na reunião, fez o antigo secretário-geral, Abdu Hussein Mashhidi, delatar uma suposta conspiração que uniria o Iraque a Síria, como resultado da "confissão", 22 membros do partido foram executados.

O Partido Baath apossou-se de todo aparelho Estatal, professores e intelectuais foram obrigados a aderirem ao partido. Os tribunais passaram a cuidar, apenas, de casos de rotina, qualquer caso de maior importância era julgado pela Corte Revolucionário de Bagdá ou tribunais especiais, todos controlados pelo presidente. Paralelamente ao Exército, Hussein criou sua própria força armada, o Exército popular que, em 1980 tinha 250 mil homens (KEEGAN, 2005, p.70).

Para o cidadão comum não houve muitas mudanças, a prosperidade geradas pelo petróleo possibilitava-lhe acesso ao ensino gratuito até o nível universitário, a saúde era universal, e as mulheres poderiam escolher sua profissão sem a necessidade de seguir as normas religiosas. Para Keegan (2005, p.249) o movimento *Baath* teve tanto influência do nazismo como do socialismo soviético. Ele entende que os personagens que inspiravam a liderança de Saddam Hussein eram Hitler e Stalin num processo de "demonização" política do presidente iraquiano:

Como ditador do Iraque, Saddam Hussein era o mais perigoso dos indivíduos, um muçulmano que podia se esquivar entre apelos religiosos e seculares à autoridade, sem ser fiel a nenhum desses credos, adepto da exploração do poder conferido por ambas as vertentes para dominar a mente de seus seguidores. [...] Muitos o veem como um genuíno cúmplice teórico de Hitler e Stalin que, assim como estes, aterrorizava seu próprio povo e tencionava implementar uma campanha de conquista e vingança contra as democracias liberais (KEEGAN, 2005, p.249).

No Iraque a profissão de militar pertencia a classe média. Dentro do Exército iraquiano havia a tendência anglófila, que apoiava a relação com os britânicos, e a tendência nacionalista. O regime de Saddam Hussein, influenciado pela tendência do

nacionalismo iraquiano, buscou criar um grande Iraque. Seu projeto de poder visava a transformar o Iraque em uma grande potência para o mundo muçulmano. A Primeira Guerra de Hussein foi contra o Irã (1980-1988); e a segunda foi a invasão do Kuwait (1990-91).

Durante os anos 1970 o Iraque teve que ceder parte do território ao Irã para conter as revoltas dos curdos. Em 1975, acatou uma exigência territorial do Irã, que concedeu uma faixa de território ao longo do Canal *Shatt el-Arab*, em troca dos iranianos retirarem seu apoio aos curdos. Outro acordo foi realizado com os soviéticos que deixaram de fornecer armas aos curdos; em troca, o governo iraquiano não deveria realizar qualquer massacre ou repressão.

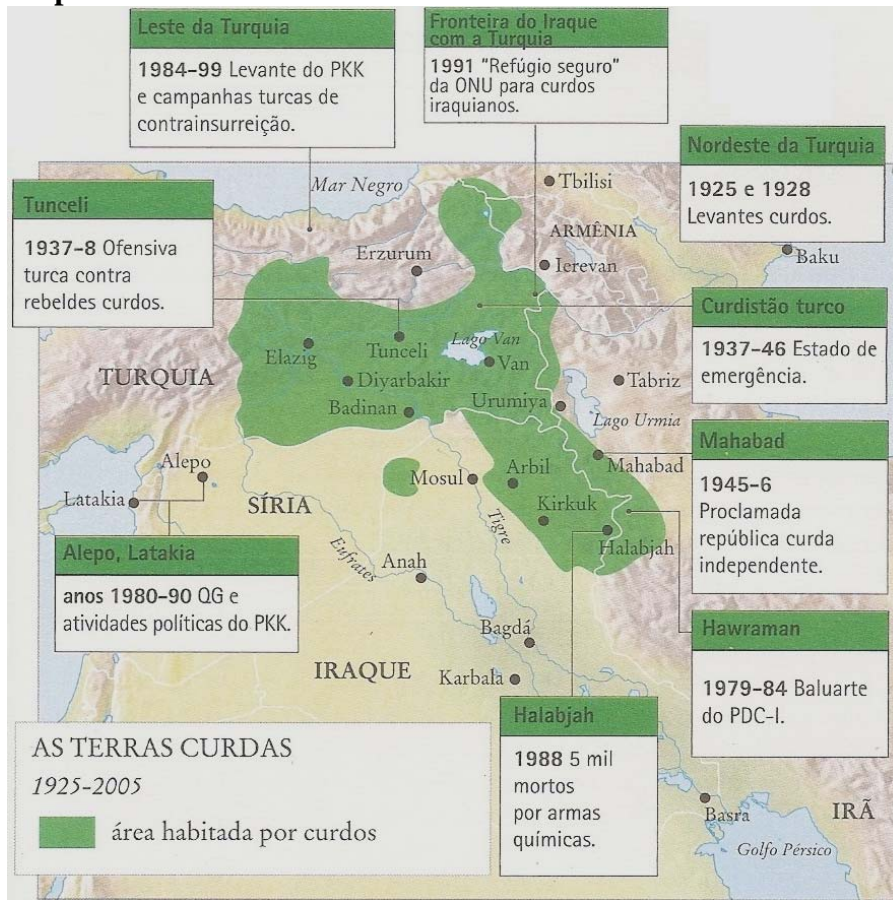
Mapa 11 - Campos de Petróleo, Oleodutos e Refinarias iraquianas



Fonte: Disponível em: <<http://www.bbc.co.uk/portuguese/especial/iraqkeymaps/page6.shtml>>. Acessado em 22 fev. 2014.

O mapa a seguir mostra todas as áreas ocupadas pelos curdos, uma forte presença no Iraque, mas ocupa também territórios pertencentes aos iranianos, turcos, sírios, armênios e georgianos. Isso evidencia o quão complexa é a luta do povo curdo para a formação de um Estado Independente, pois caso obtivesse êxito no Iraque, poderia desestabilizar a região, uma vez que desencadearia um processo de anexação e unificação de um Estado Curdo maior que abrigaria todas as áreas ocupadas por este povo.

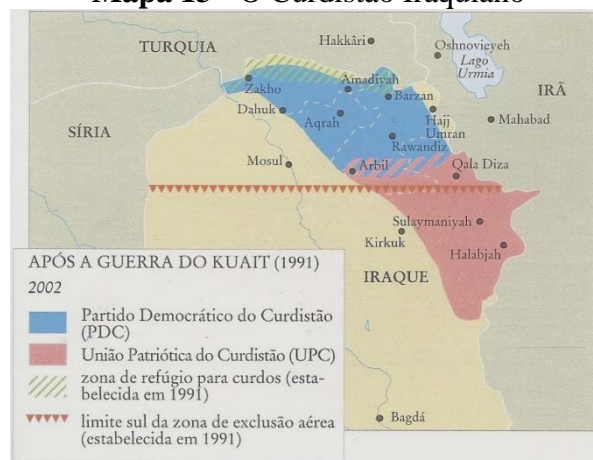
Mapa 12 - As Terras Curdas



Fonte: (Smith, 2008, p.91.)

No mapa abaixo, território ocupado pelos curdos no Iraque e a área de influência dos dois maiores partidos curdos. Nota que a área de exclusão aérea estabelecida pela ONU em 1991 não garantia a segurança de todos os curdos.

Mapa 13 - O Curdistão Iraquiano



Fonte: (Smith, 2008, p.91)

Em 22 de setembro de 1980, Hussein empreendeu ataque aéreo a dez bases iranianas, sua intenção era realizar estratégia semelhante aos dos israelenses. Ou seja, a que estes empregaram na Guerra dos Seis Dias em 1967 e que causou grandes danos às Forças Aéreas da Síria, Egito e Jordânia durante conflito. Contudo, o Irã é um país bem maior, e suas bases estavam espalhadas por todo o território.

As forças iranianas reagiram, atacaram navios iraquianos, campos de petróleo, e bases aéreas. Ao ter conquistado dez quilômetros da Região Norte a vinte da Região Sul do Irã, Hussein formou uma linha de defesa, pois acreditava que os iranianos se renderiam. Não foi o que aconteceu, o povo iraniano, no fervor patriótico, reorganizou suas tropas, e conseguiu grandes avanços durante 1981 à primavera de 1982, impondo um recuo das tropas iraquianas. Em junho de 1982 Saddam declarou um cessar fogo, alegando ter conquistados seus objetivos. (KEEGAN, 2005, p.82-83)

O Iraque sofria para exportar o petróleo pelo Golfo Pérsico, enquanto o Irã tinha acesso ao oceano Indico. O Kuwait e Arábia Saudita davam subsídios para o Iraque continuar a guerra. Washington também apoiou o Iraque devido à rivalidade com o novo regime no Irã assim como para garantir que navios iraquianos passassem pelo Golfo Pérsico. De 1982 à 1984 não houve avanços embora Bagdá procurasse chegar a Basra, capital xiita do Iraque, contudo os iraquianos conseguiram repelir o exército inimigo. Os números da guerra surpreendiam ambos os lados: em 1984 havia cerca de 65 mil iraquianos mortos e 60 mil feridos; no lado iraniano pior, com 180 mil mortos e meio milhão de feridos (KEEGAN, 2005, p.85).

Para tentar avançar, os iranianos lançaram um ataque noturno a ilha Majnun, próximo a Basra, como reação as tropas de Saddam Hussein fizeram uso do gás mostarda, um agente causador de bolhas usado na Primeira Guerra, e o gás Tabun, que ataca o sistema nervoso. Os iranianos, temendo o uso de armas químicas, prepararam-se contra esse tipo de ataque, com vestimenta e máscaras apropriadas. O uso de armas químicas por Hussein levou a ONU a organizar uma excursão as áreas atingidas, com o relatório apontando o uso de tais armas, isso causou abalos no apoio de alguns países na empreitada de Hussein. O governo de Bagdá voltou a utilizar armas químicas, somente, no final da guerra, em 1987 e 1988, mas foi contra a própria população, os curdos para que estes não apoiassem as tropas iranianas (KEEGAN, 2005, p.86).

Em fevereiro de 1988, o Iraque teve condições de lançar uma nova ofensiva expulsando os iranianos do território iraquiano. Em março, foi constatado que um ataque com essas armas químicas e biológicas vitimou 5 mil curdos. Contudo, diante de uma região

fortemente instável, fez com que durante os anos 1984-88 o Iraque recebesse a quantia de 25 bilhões de dólares, mais equipamentos vindos da França, URSS, Egito, e serviço de inteligência por parte dos EUA (KEEGAN, 2005,p.89).

Em 18 de julho de 1988, o Irã aceitou a Resolução do Conselho de Segurança da ONU, que exigiu um cessar-fogo. Por mais que Hussein obtivesse uma pequena vitória com a Guerra, o Iraque saiu do conflito praticamente falido, devia 80 bilhões de dólares para a Arábia Saudita; os custos para reconstrução do país chegavam a cerca de 230 bilhões de dólares, e o governo tinha déficit primário de 13 bilhões de dólares por ano. Por não ter uma balança comercial diversificada, o único produto que o Iraque tinha a oferecer era seu petróleo (KEEGAN, 2005, p.90). O seu governo teve que privatizar empresas estatais, reduzir o Exército, e o número de funcionários o que causou forte aumento do desemprego.

No pós-guerra, Saddam Hussein queria recuperar seu *status*, exigia que os credores perdoassem 40 bilhões de dólares da dívida de guerra, e emprestassem mais 30 bilhões para reconstruir o país. Além disso, o governo iraquiano queria que os países da Organização dos Países Exportadores de Petróleo - OPEP reduzissem sua produção de petróleo, para que o Iraque pudesse produzir mais e conseguir mais recursos para reconstrução. Ele pretendia a uma espécie de "Plano Marshall" árabe para reconstruir o país mas essa proposta foi rejeitado pelos países credores.

No cenário interno a questão do Kuwait era popular no meio político. Durante o Império Otomano o Kuwait pertencia à província de Basra, contudo os britânicos ao repartir a região concederam uma relativa independência a este país do Golfo Pérsico. Além do acesso ao mar, o Kuwait é uma região rica em petróleo. O governo de Hussein ameaçou-o; caso não perdoasse a dívida de guerra e emprestasse mais dinheiro, anexar o país. Em dois de agosto de 1990 o Exército iraquiano ultrapassou sua fronteira ao sul, e anexou o Kuwait como 19º província iraquiana. Enquanto o Iraque contava com um milhão de homens mobilizados, organizados em 70 divisões (doze deles de blindados e mecanizados, sete da Guarda Republicana, uma tropa, considerada de elite), o Kuwait tinha um Exército de dezessete mil homens (KEEGAN, 2005, p.98).

Segundo Keegan a questão da Primeira Guerra do Golfo não era apenas anexar do Kuwait, mas o avanço das tropas de Saddam Hussein para os países da região. Logo após, conquistar o Kuwait, o Exército iraquiano estabeleceu postos na fronteira com a Arábia Saudita, caso avançasse, chegaria a Bahrain, Qatar e Emirados Árabes Unidos (2005, p.98).

O conselho de segurança da ONU aprovou várias resoluções que impuseram sanções econômicas ao Iraque e exigia que suas tropas se retirassem do Kuwait até quinze de janeiro de 1991. Ao não atender as exigências da ONU, a coalizão internacional formou um contingente de vários países, dezesseis países contribuíram com forças navais, onze com unidades terrestre, dezoito com tropas terrestres, contando com apoio de países muçulmanos como o Egito, Síria e Paquistão. As forças de coalizão iniciaram os ataques aéreos em 16 de janeiro de 1991, contando com 2.430 aeronaves, bem distante dos 700 aviões iraquianos, que após o início das hostilidades se refugiaram no Irã (KEEGAN, 2005, p.100-101).

A campanha no ar teve três fases: Primeiro, o ataque a redes de comunicação civil e militar Iraquiana; a seguir, dois ataques a posições do Exército iraquiano no Kuwait; o terceiro, com apoio a tropas terrestres (KEEGAN, 2005, p.101). A guerra no Golfo foi desastrosa para o regime de Saddam Hussein, as baixas iraquianas foram por volta de 60 mil homens, enquanto as forças de coalizão tiveram 211 homens mortos em combates. Além das baixas humanas, o equipamento do Exército Iraquiano sofreu grande perda, "2.500 carros de combate, 2.000 viaturas de transporte de infantaria e 2.000 canhões do Iraque foram destruídos" (KEEGAN, 2005, p.105).

O governo do Iraque tentou se articular para aceitar o plano de paz proposto pelos soviéticos que consistia em retirar as tropas do Kuwait e cancelar as demais resoluções. Os Estados Unidos recusava a proposta soviética e queria ir além, também exigia uma reparação de guerra ao Kuwait. Tariq Aziz, Ministro Exterior do Iraque aceitou declarar nula a investida no Kuwait e ainda pagar indenizações de guerra.

Entretanto, após conflito, a infra-estrutura do Iraque encontrava-se destruída, devastada e muitas revoltas se alastravam pelo país. O Exército iraquiano reprimiu violentamente as revoltas no Sul e no Norte do país. Mesmo sofrendo grandes perdas, Hussein se recusava assumir a derrota e para justificar seu discurso de vencedor, lembrava que seu regime permanecia no poder. Segundo Keegan:

Saddam concordou com as atividades da comissão, naquele momento, porque estava totalmente ocupado em suprimir as revoltas internas. Sua aquiescência foi, contudo, secretamente condicionada à criação de um programa para iludir e ludibriar os investigadores da UNSCOM. Tariq Aziz foi encarregado do esquema de disfarce, destinado a esconder as instalações onde se encontravam as armas, dispersar o material proibido, ocultar documentos críticos e instruir o pessoal-chave para se livrar de perguntas capciosas. Tais práticas não eram estranha aos iraquianos. Durante os dez anos anteriores a 1991, o país havia sido inspecionado pela Agência Internacional de Energia Atômica (IAEA) e tivera sucesso em frustrar os esforços de investigação. (2005, p.111)

A citação demonstra que Keegan acreditava na tese de que o governo iraquiano conseguira driblar a fiscalização realizada pela UNSCOM - *United Nations Special Commission*, escondendo seus projetos de construção de armas não-convencionais e a localização das armas de destruição em massa.

A UNSCOM era uma comissão rigorosa, e seu líder, Dr. David Kay, homem corajoso e determinado. O caráter de seus questionamentos era tão invasivo que os iraquianos foram forçados a destruir muito material para evitar que caísse nas mãos dos inspetores. Mas, finalmente, como Saddam conseguiu levar documentos e material para diversos de seus chamados 'palácios' (residências oficiais que ele definira como locais privados, imunes à inspeção), Kay e sua equipe viram-se frustrados em seus esforços.

A UNSCOM foi incapaz de garantir que tivesse eliminado todos os focos de pesquisa e desenvolvimento de armas proibidas do Iraque, uma situação que levaria à discussão sobre 'armas de destruição em massa' que acabou precipitando a Guerra do Golfo de 2003. Para Keegan ela atingiu, parcialmente, seu objetivo de desarmar o Iraque o que forneceu terreno propício para os anglo-americanos questionarem as inspeções realizadas durante os anos 1990, visando à nova investida militar no país de Hussein. (KEEGAN, 2005, p.111)

A seguir, trataremos da potencial mundial mais jovem do mundo, herdeira da tradição imperial britânicas, mas com métodos mais ofensivos e menos brandos de intervenções em nome da democracia liberal, da economia de merca e dos direitos humanos: os Estados Unidos da América, construídos por diversos tipos de imigrantes, fundado em nome da liberdade, expandido pela conquista sobre territórios indígenas e hispânicos, ou comprado aos franceses.

2 O “EXTREMO OCIDENTE” DA EUROPA: OS EUA

AL FAZEERA: Se vocês entrarem à força no Iraque, preocupa-o que isso poderia dar a impressão de que os Estados Unidos estariam se tornando um poder imperial, colonial?:

RUMSFELD: Bem, eu tenho certeza de que algumas pessoas vão dizer isso, mas não pode ser verdade porque nós não somos um poder colonial. Nunca fomos um poder colonial. Não pegamos nossa força e vamos ao redor do mundo tentando tomar os terrenos de outros povos ou as propriedades de outros povos, o petróleo deles. Isso simplesmente não é o que os Estados Unidos fazem. Nunca fizemos e nunca vamos fazer. Não é assim que as democracias se comportam. Foi assim que a União Soviética imperial se comportou, mas não é como os Estados Unidos se comportam.

Secretário de Estado Donald Rumsfeld, entrevista à rede de TV Al Jazeera, 27 de fevereiro de 2003, comunicado à imprensa do Departamento de Defesa.

2.1 ANTIGOS INTERESSES, NOVOS RESSENTIMENTOS

Em 1909, a Anglo-Persian Oil Company, concessão do governo ao investidor William Knox D’Arcy, para empreender a primeira exploração de Petróleo no Oriente Médio⁶, com produção e refino a partir de 1912. Portanto, era interesse do Império Britânico dominar, por terra, região e por mar, o Golfo Pérsico, não só para garantir domínio da África Oriental desde Cidade do Cabo ao Cairo, até o Império da Índia via Canal de Suez, como também deter o controle energético⁷. Portanto, deixavam de depender a produção petrolífera dos EUA e, da Pérsia, atual Irã, obtinham a maior riqueza para alimentar indústrias britânicas e combustíveis para automóveis e navios:

Por alguma razão, o primeiro-ministro decidiu apostar em Churchill. Os registros do Almirantado do verão de 1911 ao verão de 1914 mostram que ele ganhou a parada. Inspirado por Lorde Fisher – o almirante aposentado, mas ainda ativo e controvertido –, Churchill transformou a frota de navios movidos a carvão do século XIX na Marinha de navios movidos a petróleo do século XX. (FROMKIN, 2011, p. 65)

Porém, o grande Império estava em decadência desde o fim da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). No pós-guerra tiveram que pedir ajuda de Washington para intervir na região e, uma das intervensões realizadas com auxílio dos estadunidenses foi contra o golpe de Mohammed Mossadegh (1951-1953), o nacionalista árabe que estatizou a empresa petrolífera, domada pelos britânicos no Irã. Washington, percebendo a fragilidade imperial de Londres aproveitou o momento para expandir a sua área de influência e controle

⁶ Cf. <<http://global.britannica.com/EBchecked/topic/80326/BP-PLC>> acessado em 15 jan. 2014.

⁷ David Fromkin. 1989. Paz e Guerra no Oriente Médio. Rio de Janeiro: Bibliex, Contraponto, 2011.

no Oriente Médio. Com o fim da Guerra Fria (1946-1991), o caminho ficou mais livre para o domínio da região.

Mapa 14 - Mapa político do Oriente Médio com o sudoeste da Ásia Central



Fonte: Disponível em: <<http://www.advivo.com.br/blog/luisnassif/a-direita-americana-e-a-questao-da-siria>>. Acessado em: 10 jun.2013

Os interesses americanos em relação ao petróleo no Oriente Médio são bem anteriores ao fim da Segunda Guerra Mundial. Em 1933 a *Standard Oil Company da California* (atual Chevron) pagou 35 mil libras e recebeu a concessão 60 anos de explorar petróleo na Arábia Saudita. A parceria entre árabes e estadunidenses formaram a *Arabian-American Oil Company* (Aramco), que tinha como associados *Texaco*, *Standard Oil* de Nova Jersey (*Exxon*) e *Socony-Vacuum* (*Mobil*). A sede da *Aramco* é na cidade de Dhahran⁸ na Arábia Saudita. (JOHNSON, 2007, p.250)

Os EUA tiveram que realizar acordos com os britânicos que dominavam a região. Esses acordos fomentaram a instalação de bases navais em Manama, uma ilha do Barein. Mesmo após a independência do Barein, em 15 de agosto de 1971, o governo estadunidense fez um acordo com o novo governo de Barein, permitindo a permanência do acesso a base naval em troca em quatro milhões de dólares por ano. (JOHNSON, 2007, p.253)

⁸ Dhahran se tornou a principal base área dos EUA na Primeira Guerra do Iraque

Ressalte-se que, em 1972, a Arábia Saudita comprou as ações *Aramco* até atingir a totalidade em 1980, quando, ao completar a compra das ações o nome da companhia foi alterado e passou a ser *Saudi Aramco*. Além do Barein, os Estados Unidos conseguiram ter acesso às ilhas de Diego Garcia no Oceano Índico. Tanto na Guerra do Afeganistão (2001) quanto na Guerra do Iraque (2003) os bombardeiros B-52, B-1, e B-2 saíram dessa ilha para realizar os ataques; sua posição é estratégica embora esteja localizado a cinco mil quilômetros do Iraque.

Porém, até o fim da Guerra Fria (1946-1991), a presença estadunidense no Oriente Médio era limitada, primeiro pelo Impérios Britânico, a seguir pelo Soviético. Mas, desde a invasão do Exército Vermelho contra os rebeldes islâmicos, em 1979 e a retirada de suas tropas dez anos depois, Moscou perdia força na região e no leste europeu durante a década de oitenta. Portanto, a partir de 1990, a geopolítica na região era alterada. A oportunidade para se estabelecer na região surgiu com a Guerra do Golfo (1990-1991) posto o decadente regime soviético não tinha forças para deter o avanço americano na região, envolvido em crises políticas internas. Além do mais, o poderia naval e aéreo que Washington enviou em torno da Península Arábida, com porta-aviões e caças automátios, além armamentos de precisão, tornam os EUA imbatíveis.

Durante décadas, Washington manteve relações amistosas com os governantes iraquianos. Em 1958, quando oficiais iraquianos tomaram o poder o governo do General Abdel-Karim Kassem aproximou-se de Moscou. Como reação, em 1963, a CIA apoiou os anticomunistas, liderados pelo Partido Ba'ath para derrubar Kassem. Em, 1968 mais uma revolta apoiada pela CIA, o Ba'ath conseguiu se tornar hegemônico eliminando a coalizão. O caminho ficou aberto para a ascensão de Saddam Hussein, que assumiu o poder em julho de 1979. (JOHNSON, 2007, p.256) No Golfo Pérsico estão as maiores reservas mundiais de petróleo. Nos anos noventa, sem uma grande potência como rival, os Estados Unidos passaram a preservar as suas fontes energéticas enquanto aumentavam a importação de petróleo do Oriente Médio.

As importações de petróleo dos Estados Unidos estavam em seu nível mais alto e ainda assim continuavam subindo. O mundo voltava a depender muito do Golfo Pérsico. A "margem de segurança" - a distância entre a demanda e a capacidade de produção - estava encurtando, o que poderia tornar o mercado mais suscetível a conflitos e a acidentes. (YERGIN, 2012, p.873)

Contudo, devido ao baixo preço do petróleo, e um cenário internacional favorável, nada assustava a superpotência que a mídia vendia como a vencedora da Guerra Fria⁹. Ora, lembrar que, embora a URSS tenha se desintegrado, foi substituída pelo bloco econômico CEI - Comunidade dos Estados Independentes, e o território russo ainda é o maior do mundo, central no abastecimento energético da Eurásia via gasodutos e oleodutos além do domínio sobre o Ártico.

Em agosto de 1990, o Iraque invadiu o Kuwait e causou uma crise geopolítica petrolífera no mundo pós-guerra Fria, pois o governo de Saddam Hussein era hostil ao fornecimento e venda de petróleo para o mundo industrializado. Seu objetivo era tornar o seu país a potência do Oriente Médio e elevar o preço do petróleo em escala global. Ao aumentar os ganhos com a produção e exportação petrolífera, afirmaria a sua posição dominante na região.

Para conquistar planos tão ambiciosos, durante os anos 1980, o Iraque tornou-se um dos principais compradores de armas mundiais, inclusive do Brasil¹⁰. O primeiro alvo da empreitada do regime iraquiano foi o Irã. Mesmo com o armistício em 1988, seu plano de controle geopolítico sobre a região continuou.

Para justificar a guerra, o governo de Saddam Hussein afirmava que o Iraque tinha direito sob o Kuwait, a qual tinha sido roubada pelos imperialistas ocidentais. Caso a invasão do país vizinho fosse bem sucedida, o Iraque se tornaria o principal fornecedor de petróleo para o Ocidente, o que fez Hussein crer que os ocidentais iriam se curvar as suas exigências. Caso, Bagdá tivesse conquistado seu objetivo, o país teria controle sob 20% das reservas mundiais de petróleo e 20% da produção da OPEP. Com esse poder econômico em suas mãos, Hussein teria condições de continuar sua guerra com Irã, de adquirir armas nucleares e de se tornar a superpotência do Oriente Médio. (YERGIN, 2012, p.876)

Temerosos que a Arábia Saudita fosse o alvo seguinte, potências internacionais lideradas pelos EUA enviaram tropas para o Kuwait. Para justificar a guerra nos EUA, cujos cidadãos ainda viviam o “trauma” da derrota e fuga de suas tropas do Vietnã, o governo de Bush (1989-1993) fez analogias com o nazismo. Ou seja, alegou como no passado, a 2ª Guerra Mundial poderia ter sido evitada se os aliados ocidentais tivessem impedido a política de anexação do Estado Nazista.

⁹ Cf. breve artigo de Marcelo Aith, de 23.7.2001 “Os EUA ganharam a Guerra Fria, mas não mandam no mundo.” <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/pensata/ult515u16.shtml> acessado em 15/01/2014>.

¹⁰ E não só as armas, mas também os empreendimentos de construção civil, exportação de carros etc. conforme <http://www.istoedinheiro.com.br/noticias/11069_OS+NEGOCIOS+SECRETOS+E+OS+NEM+TANTO+D+O+BRASIL+COM+O+IRAQUE>. Desde então a venda de armas continuou, embora proibida aos cidadãos brasileiros cf. notícia em <<http://www.apublica.org/2012/01/brasil-produtor-exportador-de-armas/>>

A guerra levou à incerteza sobre a capacidade de produção de petróleo internacional, o que resultou no aumento de preços. Para tentar conter a escassez de petróleo o governo estadunidense teve que se utilizar de sua reserva estratégica. Contudo, a crise do preço do petróleo acabou levando os Estados Unidos à recessão econômica, o que custou a reeleição de Bush, derrotado por Bill Clinton nas eleições presidenciais de 1992.

O aumento do preço do petróleo favorecia o regime de Hussein, pois quanto mais tempo os EUA e a coligação de 33 países demorassem a agir, mais facilmente o Iraque obteria a vitória. Com isso as potências globais conseguiram a aprovação da Resolução 678 da ONU aprovada em novembro de 1990, que concedeu a Bagdá o prazo até 15 de janeiro de 1991 para retiradas das tropas iraquianas.

Sem atender ao chamado internacional, em nove de janeiro de 1991 o secretário de Estado, James Baker, se reuniu com o Ministro das Relações Exteriores, o iraquiano Tariq Aziz, a conversa durou seis horas sem chegar a um acordo. Assim, em 12 de janeiro de 1991 o legislativo estadunidense, percebendo que o Iraque não se retiraria do Kuwait, aprovou no Senado (por 52 a 47) e na Câmara dos Deputados a autorização (por 250 a 183) para a administração Bush atacar o Iraque. (YERGIN 2012, p.881)

Com a autorização da ONU e do legislativo estadunidense, em 17 de janeiro de 1991 os Estados Unidos realizaram massivo ataque contra as tropas iraquianas. Nas primeiras horas da guerra, a cotação do barril de petróleo subiu de USD 30,00 para 40 dólares. Após os ataques iniciais terem terminado, passou a ser cotado a 20 dólares o barril. Como reação, o Iraque atacou Israel de modo a forçar a entrada no conflito, fazendo com que a coalizão árabe pró-ocidente apoiasse o Iraque. (YERGIN, 2012). Ao todo foram jogadas 88.550, toneladas de bombas, por tropas que faziam parte da coalizão norte-americana incluindo as de urânio empobrecido. (JOHNSON, 2007, p.259).

Sem obter sucesso em seus planos, Saddam Hussein acreditava que a guerra seria resolvida em solo. No entanto, após cinco semanas de intensos bombardeiros em regiões estratégicas em todo o Iraque, o exército iraquiano, desmoralizado e desestabilizado, não queria mais se sacrificar. A guerra em solo não durou mais do que cem horas, ou seja, em menos de quatro dias de conflito, uma *hiperblitzkrieg*. Antes de se retirarem do Kuwait, os soldados iraquianos destruíram o máximo possível das infraestruturas desse país, com cerca de 600 poços de petróleo incendiados. Humilhado, e sem condições de manter sua política expansionista, o governo de Hussein assinou com as forças de coalizão o cessar-fogo em 28 de fevereiro de 1991.

No período pós-guerra, o regime iraquiano estava desestabilizado com revoltas em todas as partes do país. À sudeste, facções xiitas lideraram movimentos contra o regime sunita de Hussein; ao norte era os curdos que buscavam sua independência para formar o Curdistão, um anseio que remonta ao fim do Império Otomano. No entanto, as tropas internacionais que retiraram os soldados iraquianos do Kuwait não quiseram avançar a fronteira para derrubar o regime de Hussein. Sem apoio, as revoltas foram duramente reprimidas pelo governo iraquiano.

Com a vitória da guerra e da instabilidade no Iraque, de 16 de fevereiro de 1991 até março de 2003, houve expansão das bases militares dos EUA no Golfo Pérsico. Desde o ano de 1999, o Pentágono se preparava para uma nova incursão no Iraque, pois Washington queria ampliar sua influência no sul da Eurásia para ocupar o vácuo de poder deixado após a fragmentação da URSS. A oportunidade apareceu em onze de setembro de 2001. Poucas horas após os ataques, o secretário de Defesa, Donald Rumsfeld, pediu que se formulassem planos para um ataque ao Iraque. A guerra do Afeganistão (2001) foi um laboratório, tanto militar, quanto a capacidade das lideranças políticas e militares de controlar a mídia. (JOHNSON, 2007)

O tom bélico contra o Iraque aumentava desde setembro de 2001. Em outubro de 2002, o presidente Bush, em discurso feito em Cincinnati, afirmou que Saddam Hussein preparava um ataque aéreo de armas químicas e biológicas contra os EUA. O Iraque não tinha aeronaves com autonomia de combustível suficiente para voar direto nove mil quilômetros. Além disso, o presidente afirmou que Hussein escondia líderes do Talibã e Bin Laden em seu país o que justificaria uma intervenção bélica.

Então, o regime de Saddam Hussein passou a ser mostrado como uma ditadura sanguinária contra a qual os Estados Unidos se viam no dever de levar a liberdade e a democracia ao país. Claro que era mera retórica uma vez que os aliados estadunidenses na região, como Arábia Saudita, Omã, Kuwait, Emirados Árabes Unidos, são monarquias feudais baseadas no fundamentalismo islâmico e com regimes autoritários.

Devido à invasão do Iraque (2003), os Estados Unidos passaram a dominar as duas maiores reservas de petróleo do mundo, bem aliados à Arábia Saudita. O único Ministério iraquiano mantido e protegido pelos EUA após o domínio do país foi o do Petróleo. Portanto, conforme Johnson, a guerra do Iraque teve motivação econômica, uma continuação do governo de Bush pai (1989-1993).

A guerra atendeu também aos interesses do imperialismo e militarismo americanos. Segundo Johnson, também havia a influência de Israel na realização do conflito

Para cujo governo ainda era necessária a mudança de regime na Síria, Líbano, Arábia Saudita e Irã, como forma de garantir a superioridade militar de Israel na região para poder anexar os territórios que quisesse, sem a interferência dos países mulçumanos.

O autor também afirma que há uma teoria em que defende que tanto as guerras no Afeganistão (2001) como no Iraque (2003) foram usadas como cortina de fumaça para dispersar a multidão da corrupção na política interna de Bush como seus vínculos com a corrupta *Enron Corporation*. Mas também o crescimento do déficit orçamentário; o saque dos fundos de pensão de trabalhadores por CEO; o corte dos impostos dos ricos; evidenciado pelo fato de que mesmo com as duas guerras Bin Laden e a Al-Qaeda estavam à solta e operando (JOHNSON, 2007, p.271).

Daniel Yergin (2012), pesquisador em economia, presidente da *Cambridge Energy Research Associates* (CERA) expõe no livro *O petróleo: uma história mundial de conquistas, poder e dinheiro* que a guerra do Iraque foi motivada para manter a segurança energética dos Estados Unidos para o século XXI. Afinal, desde 1859, quando o coronel Drake havia encontrado petróleo na Pensilvânia, iniciou-se a corrida pelo ouro negro nos Estados Unidos. Com a industrialização cada vez mais crescente, os americanos tornaram-se dependentes do petróleo.

No mundo pós-guerra Fria a democracia liberal e o livre mercado haviam se tornado as palavras de ordem. O petróleo era uma mercadoria a preços baixos com o aumento da oferta do produto a gerar um cenário otimista: em 1984 a produção mundial passou a 670 bilhões de barris para um trilhão em 1990. Como afirma Yergin, o petróleo influencia as políticas internacionais no mundo contemporâneo e a vida cotidiana das pessoas em todo o mundo. Com a Guerra do Golfo (1991) a luta estratégica pelo petróleo parecia ter terminado uma vez que a ameaça da potência hostil ocupar a região parecia ter desaparecido (2012, p.887).

No início dos anos 1990, o fim da URSS transformou o sistema internacional, pois uma nova ordem mundial seria construída pela potência supostamente vencedora do conflito Leste-Oeste. Nesse período, o petróleo se tornou uma questão secundária, com preços baixos e fornecimento abundante. A economia se concentrava mais em seu crescimento globalizante do que na questão de segurança de recursos estratégicos.

A crise asiática em 1998 e 1999 fez a demanda por petróleo cair, contudo a oferta continuou crescente, o preço do petróleo chegou próximos aos 10 dólares por barril (YERGIN, 2012, p.888). Se os países produtores sofriam com a crise, as grandes economias,

principais importadoras de petróleo no mundo, beneficiavam-se e aproveitaram a queda do petróleo para cortar impostos e estimular a economia.

Nesse momento, a indústria passava por uma reestruturação produtiva, com a imposição de práticas toyotistas, visando redução dos custos na produção diante do novo mundo aberto e disponível ao capitalismo. Para sobreviver à nova realidade do mercado internacional, as petrolíferas realizaram diversas fusões para se readaptar.

Afinal, os países desenvolvidos lidavam com novas questões disponibilizadas pela massificação cada vez maior da tecnologia. A internet se tornou a grande revolução dos meios de comunicação na década de 1990, jovens procuravam emprego cada vez mais em ramos de desenvolvimento de tecnologia do que no ramo industrial. Os governos e suas populações estavam deslumbrados com o novo paradigma midiático, sem necessidade de se preocuparem com a questão energética, devidamente garantida. Contudo, esse cenário de otimismo mudou na virada do século.

No início do século XXI três eventos levaram a uma mudança sobre a importância do petróleo no cenário mundial. O primeiro foram os ataques de 11 de setembro de 2001, que resultou numa mudança da política externa dos Estados Unidos, que inaugurou a Era do Terra, com a intervenção militar no Afeganistão (2001) e posteriormente no Iraque (2003). Internamente o patrulhamento ideológico, prisões arbitrárias ou não contra islâmicos e árabes em geral.

O segundo, a era da globalização consolidada entre os anos 1990 até 2009. Sem mais o “medo vermelho” – soviético, chinês ou mesmo cubano a rondar o mundo, os capitalistas aproveitaram para expandir seus mercados a lugares antes não imaginados, a começar pelo leste europeu e Extremo oriente. Nesse período, a economia triplicou, com o crescimento promovido mais pelos países em desenvolvimento do que pelas tradicionais potências globais. De 2003 a 2007, o crescimento econômico levou a uma importância maior do petróleo, principalmente devido a crescente demanda pelos países emergentes pertencentes aos BRICS¹¹.

Por fim, a reestruturação da indústria do petróleo, fusões e crises estavam na ordem do dia. A Rússia, que chegou a produzir mais petróleo do que a Arábia Saudita passou por severa crise de produção ao final da União Soviética, mas se recuperou ao final da década de 1990. Na Venezuela, a tentativa de golpe de 2001 contra o governo de Hugo Chávez (1999-2013), somado às greves entre 2002 e 2003, temporariamente comprometeram a

¹¹ Brasil, Rússia, China, Índia, e África do Sul.

capacidade produtiva de petróleo nesse país. Já na Nigéria, grande produtor de petróleo mundial, devido a ataques de milícias teve sua produção reduzida em até 40%.

A ameaça de um Irã nuclearizado gerou instabilidade na região, uma vez que ao país possuir a capacidade de enriquecer o urânio, pode levar conseqüentemente a uma corrida nuclear na região, ameaçando o fluxo de petróleo pelo Estreito de Ormuz, responsável pela passagem de 40% do petróleo mundial. Com a crescente demanda, o perigo de um Irã nuclear e o custo de produção de petróleo em campos offshore elevou o preço do petróleo.

Após o aumento do preço, o petróleo voltou aos seus anos de glória, uma alternativa bem melhor a investimentos nas ações da bolsa de valores. Investidores buscaram comprar ações de empresas petrolíferas para fugirem da queda do dólar. Por exemplo, um dólar fortalecido conseqüentemente levaria à queda do preço do barril do petróleo uma vez que os investidores buscariam mais a moeda estadunidense do que o petróleo. (YERGIN, 2012)

Com um mundo mais dependente do petróleo, levou a necessidade dos Estados Unidos em garantir a sua segurança energética. No início da Guerra do Iraque, em 2003 o preço do petróleo era cotado a 30 dólares o barril, nos anos posteriores os preços só aumentaram chegando a custar mais de 145 dólares o barril em 2008. Somente com a crise econômica de 2008, os preços voltaram a cair.

Atualmente, mais de 80% das reservas de petróleo no mundo são controladas por empresas nacionais. O temor do esgotamento do petróleo vem desde o final do século XIX, com o fim das reservas da Pensilvânia, houve temores semelhantes principalmente após a Segunda Guerra Mundial. E, também o receio com a Crise do Petróleo dos anos 1970 quando houve até *blackouts* e racionamento nos postos de combustíveis. Contudo, os donos do “ouro negro” sempre buscam novos territórios e inovações tecnológicas para superar os momentos de escassez, chegando à crise 2008-09 a um novo excedente. (YERGIN, 2012)

Contudo, há que se ressaltarem os desafios para atender à futura demanda do produto energético, também fundamental como matéria prima na indústria em geral. Primeiro são as questões de ordem geopolítica que ameaçam a retirada do petróleo no solo; segundo é a descoberta, cada vez maior, de campos petrolíferos em águas profundas; e por fim a necessidade de atender à demanda dos países emergentes que cresce a cada dia junto com suas economias.

Os Estados Unidos, até 2013, eram dos maiores importadores de petróleo do mundo, comprando mais de 70% para atender à sua demanda voraz (YERGIN, 2012, p.898).

Essa grande dependência do petróleo promove, por sua, a pesquisa de fontes energéticas alternativas e inovações tecnológicas na produção de automóveis mais eficientes.

2.2 IMPÉRIO MUNDIAL COM BASES MILITARES

Em 1961 Eisenhower, em seu discurso de despedida perante a nação iniciou sua última fala como presidente ao ressaltar seu apressamento pelo Congresso e pela democracia eletiva. No discurso, Eisenhower afirmava que os Estados Unidos se tornaram uma das mais poderosas e influentes nações no mundo. Contudo, o povo estadunidense (restrito ao *WASP* - *White, Anglo-Saxon Protestants*, já que aos negros eram negados direitos civis que viviam sob intensa discriminação social e econômica) deveria atentar contra quem pretendesse usurpar a liberdade e os princípios dessa nação: “enfrentamos uma ideologia hostil – em âmbito mundial, com caráter ateu, implacável em seu propósito, e insidiosa no método”¹² (EISENHOWER, 1961).

Mapa 15 - Bases Militares dos EUA No Oriente Médio



Fonte: Disponível em: <<http://navalbrasil.com/o-cerco-ao-ira/>>. Acessado em: 30 jun. 2013. Em vermelho, países aliados e/ou com bases estadunidenses; em rosa, os países e locais com presença de tropas militares estadunidenses, e em azul, sem bases.

¹² We face a hostile ideology – global in scope, atheistic in character, ruthless in purpose, and insidious in method.

Desse modo, o presidente fez uma clara referência à Guerra Fria que fez com que os Estados Unidos construíssem e mantivessem uma indústria bélica permanente. Na data de despedida do presidente republicano, aproximadamente 3,5 milhões de estadunidenses estavam diretamente envolvidos nesse novo ramo da economia dos Estados Unidos, o qual consumia mais os impostos do que todas as corporações do país. Será que antes na história dos Estados Unidos houvera tamanha estrutura bélica com bases mundo afora? Por isto, Eisenhower alertou seu povo para atentar ao poder de influência do complexo industrial-militar na tomada de decisões estratégicas de modo que, em 1961 ele alertava que:

Não devemos nunca deixar que o peso dessa combinação coloque em perigo nossas liberdades ou o processo democrático. Devemos tomar nada como garantido. Somente uma cidadania alerta e bem informada pode obrigar o bom entrosamento da máquina industrial e militar de defesa com nossos métodos e metas pacíficos, de modo que a segurança e a liberdade possam prosperar juntas.¹³

Sua afirmação deixa um alerta para a população e futuros governos sobre o poder do complexo-industrial militar. A industrialização permanente da guerra fomentou a necessidade de buscar novas tecnologias o que, segundo, o presidente considera um perigo, devido a formação de uma elite pensante capaz de só ela produzir as inovações necessárias para o Estado.

No discurso, Eisenhower pretendeu dar esperanças numa época em que tensões aumentavam no mundo ocidental. A nação sabia o preço a pagar se quisesse manter seu modelo de sociedade. Por mais que a retórica do presidente parecesse alertar para o crescente poder perigoso dentro dos Estados Unidos e do futuro incerto, por onze vezes empregou a palavra “peace”, paz, de modo a suavizar a linguagem. Outras palavras repetidas no discurso foram liberdade, por sete vezes, e militar, por nove vezes.

Na Guerra do Iraque (2003) o termo “pacificador” de Eisenhower foi confirmado. As empresas privadas participaram ativamente no conflito, organizaram boa parte da logística e da intendência das Forças Armadas dos Estados Unidos. A partir da Guerra Fria, o complexo industrial-militar necessita de guerras para sobreviver, o qual usa do Estado e do sentimento patriota dos Estados Unidos para se manter. Nos séculos XX e XXI, o complexo industrial-militar financia a indústria do entretenimento inclusive com alguns

¹³ We must never let the weight of this combination endanger our liberties or democratic process. We should take nothing for granted. Only an alert and Knowledgeable citizen can compel the proper meshing of the huge industrial and military machinery of defense with our peaceful methods and goals, so that security and liberty may prosper together.

filmes como forma de propaganda da instituição militar, incentivando jovens a entrarem no Exército, em busca da glória. Cada soldado alistado, no Exército, representa um novo consumidor de armas, que Estado deve alimentar, treinar e armar.

Então se entende porque o sejam os jogos de tiro em primeira pessoa sejam o outro braço do entretenimento usado como forma de persuasão. As Forças Armadas até criaram um jogo próprio chamado de American Army, divulgado pela internet, em que o jogador assume a vida de soldado. Interessante notar que nos jogos de tiro os inimigos, antes dos ataques de onze de setembro, eram nazistas e soviéticos, após, passaram a ser os muçulmanos, numa clara tendência de afirmar os novos inimigos da “América”.

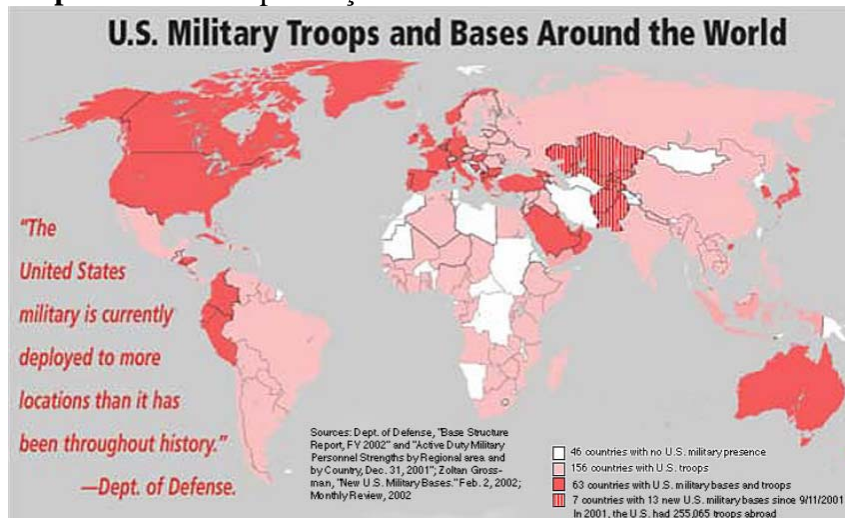
Assim, o militarismo avança na estrutura governamental, pois deputados querem que uma das indústrias militares se instale em seu distrito, trazendo consigo emprego e financiamento de campanha, o que conseqüentemente rende em votos e a manutenção do congressista no poder (JOHNSON, 2007). Desde o fim do século XIX, Washington começou a desenvolver uma política imperialista inclusive no Pacífico. Tudo começou no próprio continente americano, buscando influenciar os governos fazendo com que muitos se alinhassem com os desejos de Washington.

Até a Segunda Guerra, o imperialismo dos Estados Unidos estava contido só na América, devido, sobretudo ao embate entre os isolacionistas, e os que queriam uma política externa mais agressiva. Com a Segunda Guerra tudo mudou. A política de contenção da URSS levou os EUA a manter um contingente de guerra cada vez maior em períodos de paz. A sua presença militar dos no mundo é inquestionável. Em setembro de 2001, o Departamento de Estado admitiu ter, aproximadamente, 725 bases no exterior. Essa presença militar em vários países no mundo tem por objetivo manter os seus interesses econômicos corporativos.

Após setembro de 2001, o principal inimigo dos Estados Unidos passou a serem os fundamentalistas islâmicos. O presidente George W. Bush (2000-2008) chegou a afirmar que o país deveria estar preparado para enfrentar o terrorismo em 70 países. Afinal, o "braço armado" de Washington é o maior do mundo. Nas Forças Armadas tem como principal arma a Força Aérea, e Naval, com os Marines¹⁴; o complexo industrial-militar, com desenvolvimento de tecnologias na área bélica; e o Pentágono, com a elaboração de estratégias e inteligência militar.

¹⁴ Fuzileiros navais

Mapa 16 - Bases e presença militar dos Estados Unidos no mundo



Fonte: Disponível em: <http://xiaolongceo.blogspot.com.br/2011_11_01_archive.html>. Acessado em: 10 jun. 2013

Após o discurso de Eisenhower sobre a construção e manutenção de um gigantesco complexo industrial-militar, o imperialismo dos Estados Unidos é mantido graças a esse poderoso complexo. A cada ano, empresas privadas tem administrado boa parte das funções que, até então, eram monopólio e responsabilidade das Forças Armadas. O Pentágono e a CIA não prestam mais contas para o Tesouro Nacional, ficando caminho livre para os empresários da indústria bélica dominarem a máquina pública e alimentar o maior exército do mundo. A presença cada vez maior do militarismo nas tomadas de decisões ameaça, segundo Chalmers Johnson, a ordem democrática dos Estados Unidos.

O professor Chalmers Johnson foi um cientista político que estudou o crescente poder do militarismo dentro da democracia americana. Em, *As aflições do Império: militarismo, operações secretas e o fim da república* (2004), demonstra como na história dos EUA, principalmente durante a Guerra Fria, o militarismo passou a dominar o governo, alterando profundamente o princípio democrático do povo estadunidense frente a interesses privados e militaristas de alguns. A tendência militarista surgiu nos EUA no fim do século XIX com a Guerra Hispano-Americana (1898) e a expansão americana no Caribe e Pacífico (BRADLEY, 2010).

O tratado imposto aos derrotados elevou os EUA ao status de potência mundial, com domínio de posses espanholas na região do Caribe e do Pacífico. Ao final da Primeira Guerra Mundial, o governo do solista Woodrow Wilson (1913-1921) defendia a

autodeterminação dos povos, só que a determinadas nações europeias¹⁵, mas não nas colônias das grandes metrópoles, como o racismo britânico na África do Sul e na Índia, e a servidão dos nativos por Portugal, França e Bélgica. Enquanto Theodore Roosevelt se baseava no imperialismo militarista nos moldes europeus, Wilson propunha construir uma democracia global, tendo como modelo internacional o governo estadunidense. (FERRO, 1996)

As guerras mundiais contribuíram na consolidação de ideologias opostas e impulsionaram o imperialismo estadunidense. Entre 1945-1950 houve queda da indústria bélica quando se investiu na “revolução branca” dos eletrodomésticos (HOBSBAWM, 1995). Mas, entre 1950-2003, houve forte investimento, na casa de 300 bilhões de dólares, com quatro fortes picos, 1952 (500 bilhões), 1968 (pouco a mais de 400 bilhões), 1985 (450 bilhões), 2002 (ultrapassando os 400 bilhões e crescendo) (JOHNSON, 2007, p.69).

A Guerra da Coreia (1950-1953) fez aumentar os gastos de 150 bilhões, em 1950, para 500 bilhões em 1953. A maior parte do dinheiro foi gasto em bases militares na Grã-Bretanha, Alemanha Ocidental, Itália, Japão e Coreia do Sul, também houve custos com o desenvolvimento de armas nucleares. O Governo de Ronald Reagan (1981-1989) financiou o desenvolvimento de armamentos de alta tecnologia. Os gastos com armamentos no período pós-1945 foram sempre superiores aos da Segunda Guerra Mundial. Esses altos investimentos nas Forças Armadas apresentam, três indicativos da formação do militarismo nos EUA: o primeiro seria a constante profissionalização das forças armadas; segundo, o uso de estrategistas como os responsáveis por elaborar planos de futuras ações das Forças Armadas; por fim os oficiais e representantes de indústria bélicas tendo seus projetos financiados à custas do governo federal. (JOHNSON, 2007 p.70)

No pós-Vietnã (1974) houve uma reestruturação das Forças Armadas dos Estados Unidos e a profissionalização do soldado foi uma delas. Foram abolidas a convocação equitativa, os conscritos, e passou a se estruturar uma Força Armada de voluntários. As regiões mais pobres dos Estados Unidos tornaram-se campo fértil para recrutadores, pois alguns jovens veem na carreira militar uma forma de ascenderem socialmente, devido aos benefícios para aqueles que trabalham pela nação pegando em armas. Além disso, a partir de 1974, os militares buscavam classificar, praticamente, todas as suas ações como secretas, numa forma de impedir a opinião pública conhecer o que está sendo feito pelas Forças Armadas. Ou seja, é um Estado paralelo ao oficial.

¹⁵ A exemplo dos antigos Impérios Austro-húngaro e o Alemão, pois quando a Áustria alemã queria se unir à Alemanha, em função da língua comum (autodeterminação dos povos) a França foi contra pois alegou que o território alemão aumentaria muito! Nem as “minorias” alemãs na Polônia e nos Sudetos foram consideradas no novo mapa que fragmentou a Europa Central.

No plano externo o imperialismo estadunidense acontece por meio de concessão de subsídios a governos aliados; sanções econômicas e até o uso da força militar em países recalcitrantes. Uma rede com quatro braços, viabiliza a administração colonial: o Departamento de Estado, a Agência para o Desenvolvimento Internacional (USAID), a Agência de Informações dos Estados Unidos (USIA) e a Agência Central de Informações (CIA).

Após os ataques de onze de setembro a população estadunidense passou a aceitar o Império dos Estados Unidos. Há dois grupos imperialistas: o primeiro busca o domínio irrestrito e unilateral dos EUA sobre o planeta; o segundo aparentemente tem um caráter mais “humanitário”, ao propor a liberdade ao mundo inteiro. Em comum, é o fato de preencher o vácuo de poder deixado pelos Impérios britânicos e soviéticos.

Para justificar a investida do Império, sempre é escolhido um inimigo. Para Reagan era a URSS que representava o Império do Mal; na administração Bush filho, o Eixo do mal era constituído pelo Irã, Iraque e pela Coreia do Norte. Essa lista pode ser aumentada se qualquer país, não alinhado com Washington, quiser ter armas de destruição em massa. No plano interno, o governo dos Estados Unidos pode mandar prender e investigar qualquer cidadão, o presidente pode considerar qualquer pessoa como “combatente ilegal”, fazendo com que não tenha direito um advogado para defendê-lo e fique a mercê de seus carrascos. Muitos dos presos em Guantánamo estão lá sob essa acusação.

Para manter a hegemonia bélica mundial, os Estados Unidos buscam ter controle sobre o espaço sideral. Em 2001 Donald Rumsfeld, secretário de defesa entre 2001 a 2006 do governo de Bush filho, presidiu a Comissão de Avaliação da Organização e Gerenciamento do Espaço de Segurança Nacional dos EUA. Entre outros temas, a comissão definiu que os EUA podem usar seu potencial espacial para apoiar objetivos da política interna e externa além de conter ou deter qualquer agressão contra suas instalações espaciais (JOHNSON, 2007, p.99).

Em 2003 foi criado o 614º Esquadrão de Inteligência Espacial responsável por defender satélites dos EUA. Há também o desenvolvimento de satélites assassinos capazes de impedir que outros países ocupem o espaço. Para justificar os altos gastos no espaço, o exército apresentou como justificativa a formação de um sistema de defesa contra mísseis balísticos. O sistema de defesa de mísseis não traz maior segurança aos EUA, segundo Johnson (2004), pois seu fim não é a defesa, mas um sistema de ataque imperialista. Isto leva países a entrarem numa corrida armamentista espacial e nuclear, gerando mais lucros para as companhias bélicas. Desde 2001 o governo Bush substituiu a Rússia pela China como

alvo militar.

O fim da Guerra Fria se deu por causa das reformas políticas e econômicas implantadas no governo de Gorbachev (1985-1991), e não por causa do programa “Guerra nas Estrelas” durante o governo Ronald Reagan (1981-1989). Com o fim do embate Leste-Oeste, havia a crença de que os Estados Unidos seriam os grandes donos do mundo, e que seu modelo econômico e político se consolidaria numa nova ordem mundial. Para justificar a manutenção da ampla e poderosa máquina militar, os militares tiveram que criar novas guerras para manter os altos custos do complexo industrial-militar. Com o fim do suposto perigo vermelho, os estadunidenses queriam assim a posição de policiamento do mundo. Johnson afirma que:

os EUA passaram a assumir, gradualmente, novas responsabilidades: intervenção no exterior com finalidades humanitárias; propagação, por meio da globalização, da ‘democracia de mercado’ no estilo americano; combate aberto aos cartéis da droga latino-americanos e aos movimentos políticos nacionalistas, bem como isolamento dos ‘Estados párias’; liderança numa guerra infindável contra o terrorismo; e, finalmente, ações de caráter ‘preventivo’ contra qualquer nação inamistosa desejosa de possuir armas de destruição em massa – armas que os EUA foram, aliás, os primeiros a desenvolver e que continuam querendo monopolizar. (JOHNSON, 2007, p.31).

Com o onze de setembro a República acabou, e iniciou, segundo Johnson o Império militar. Nos anos iniciais da Guerra Fria, os Estados Unidos (1989-2001) aumentaram a sua influência na região que ia dos Bálcãs, no sudeste da Europa, até o Paquistão, na Ásia Central. Com o onze de setembro a presença militar estadunidense no mundo tem se intensificado. Segundo Johnson, o Império Militar “consiste em bases navais permanentes, campos de pouso militares, destacamentos do exército, postos de escuta de espionagem e enclaves estratégicos em todos os continentes do globo.” (JOHNSON, 2007, p.31).

Dessa forma percebe-se que os Estados Unidos não criaram um império tradicional de colônias, como fizeram portugueses, espanhóis, ingleses e franceses, mas consolidaram um império de bases militares. Espalhadas em todos os continentes do mundo, elas atendem aos interesses do imperialismo e do militarismo. Johnson afirma que militarismo significa “um processo pelo qual as forças armadas de um país colocam sua preservação institucional acima dos interesses da segurança nacional ou do compromisso para com a estrutura de governo da qual fazem parte.” (JOHNSON, 2007, p.33).

Os combatentes envolvidos na Segunda Guerra do Iraque (2003), não vieram de bases da região, mas de bases da Califórnia (1ª Divisão de Fuzileiros Navais de Camp Pendleton; Geórgia (3ª Divisão de Infantaria de Fort Stewart); Texas (4ª Divisão de Infantaria de Fort Hood); e de Kentucky (101ª Divisão Aerotransportada de Fort Campbell). As bases da região (Qatar, Arábia Saudita, Barein, Emirados Árabes Unidos, Oman) serviram como estações balneárias para os navios porta aviões onde realizavam ataques aéreos.

Nesse novo formato de guerra há um processo de desumanização na arte de lutar e guerrear pois a guerra “videogame” faz com que o soldado elimine seu alvo a dezenas de quilômetros de distância. Também há o fim da soberania nacional, pois os EUA podem, a qualquer momento, bombardear qualquer alvo em no mundo sem pedir autorização. A morte de civis passa a serem considerados meros “danos colaterais”. Quem controla as bases militares no exterior são o Departamento de Defesa, CIA, e Agência Nacional de Segurança. Por mais que, aparentemente, as agências governamentais controlem a guerra, seus gastos são omitidos no Congresso, desequilibrando os três poderes da República em detrimento do Executivo.

Após a Guerra do Vietnã, as Forças Armadas dos Estados Unidos se tornaram em um exército de voluntários. Para atrair os jovens, os EUA usam de forte propaganda, tendo slogans “Seja tudo o que você for capaz de ser” e “Um Exército de um só”. Além disso, há jogos eletrônicos, filmes, corridas de carros patrocinados pelos militares. Há também programas de bolsas de estudos em Universidades que chegam ao valor de 50 mil dólares.

Não é em vão que, de cada cinco jovens que se alistam, quatro optam por carreiras não-combatentes. Na Primeira Guerra do Iraque (1991-92), foram mobilizados 696.778 soldados, com a baixa oficial de 760. No entanto no pós-guerra houve 8.306 mortes, 159.705 feridos pela exposição a guerra e 206.861 tinha solicitado junto a *Veteran Administration*¹⁶ pensões e tratamento médico (JOHNSON, 2007, p. 119).

Umas das principais causas de tantos problemas de saúde no pós-guerra são os usos de munições com Urânio Empobrecido (Depleted Uranium, DU). Um ex-coronel, Doug Rokke, responsável pela operação de limpeza ambiental na Primeira Guerra do Iraque e recomendou maior proteção aos soldados que utilizaram munições radioativas, foi demitido do cargo: “entre agosto de 1990 e maio de 2002, 262.586 soldados se tornaram ‘veteranos

¹⁶ Agência governamental responsável pela assistência aos veteranos de guerra. Essa agência administra o sistema de pensões, faz encaminhamento a hospitais credenciados, e oferta os benefícios destinados aos veteranos de guerra.

incapacitados' e 10.617 morreram. Seus números refletem uma taxa de baixas de 30,8% para toda a década” (JOHNSON, 2007, p.119).

A explicação do Pentágono é de que o emprego de DU não é responsável por doenças no pós-guerra, mas sim o contato entre o soldado e fábricas de armas químicas e biológicas do inimigo, assim como a queima de poços de petróleo. No entanto: “o Urânio Empobrecido, urânio 238, é um subproduto dos reatores nucleares geradores de energia” (JOHNSON, 2007, p.120). Em 1991 foram disparados 944 mil toneladas de DU no Kuwait e no Iraque. O Pentágono afirma que deixou 320 toneladas de DU no campo de batalha. O uso de munição DU é ilegal na Resolução de ONU de 1996, pois é considerada uma arma de destruição em massa. Isso porque já fora usado no conflito da Bósnia deixando sequelas inclusive entre soldados da ONU (1992-1995).

Os números desse novo formato de Forças Armadas nos Estados Unidos impressionam. Em 1999, 20% dos soldados na ativa eram afro-americanos; os hispânicos representam 11%; 7% de outras etnias, todos geralmente vem da classe média e média baixa. No entanto, apenas 9% dos oficiais são afrodescendentes, 4% hispânicos, e 9% de outros grupos minoritários. Ainda, a maior parte da elite militar é composta por homens brancos e para as mulheres, a situação é ainda mais trágica, 28% relataram já ter sofrido algum ato de agressão sexual.

Além das tropas composta por cidadãos estadunidenses, tem aumentado o número de estrangeiros e mercenários que atuam nas guerras dos Estados Unidos em troca de pagamento. A relação entre estrangeiros e soldados estadunidenses tem se intensificado a partir do pós-guerra. Durante 1960-75, em Laos, os Estados Unidos forneceram armas e treinamentos, além de vender ópio produzido no país para os soldados na guerra do Vietnã. Em contrapartida o exército de Vang Pao forneceu 30 mil soldados para combater os vietcongues. (JOHNSON, 2007, p.158)

No pós-guerra Fria os EUA implementaram uma política de Programa de Educação e Treinamento Militar Internacional para preparar tropas do 3ª Mundo; em 2002 já eram o 133 países no programa. Além de auxiliar na venda de material bélico a países de todo o mundo, o treinamento realizado pelo Pentágono tem por objetivo treinar militares estrangeiros para o Terrorismo de Estado. As empresas militares privadas são formadas por militares da reserva e responsáveis pelo treinamento de tropas no mundo. A Vinnell Coporation, localizada em Fairfax, Virgínia, e subsidiária da Northrop Grumman, desde 1975, tem autorização dos EUA para treinar a Guarda Nacional da Arábia Saudita.

A Vinnell faz parte de um universo de 35 empresas formadas por militares da reserva de alta patente que vende seus serviços para vários países. Além de fornecerem treinamento para tropas militares e policiais, as empresas militares privadas se beneficiam de outro programa do Pentágono, intitulado como Financiamento Militar Externo. Esse programa empresta dinheiro para países comprar as armas dos EUA.

Empresas como *Vinnell Corporation*, *Military Professional Resources Inc*, *Kellogg Brown & Root* é subsidiária da *Halliburton Corporation*, *DynCorp*, *Science Applications Internacional*, *BDM International*, *Cubic Applications*, *DFI*, *International Charter Inc*, as maiores e principais no ramo de lucratividade de empresas militares privadas. Essas empresas mantêm contratos com os Estados Unidos e conseguem, por meio de apoio do Programa de Financiamento Militar Externo do Pentágono, vender suas armas a vários países.

O lucro dessas empresas só cresce com o passar dos anos, em 1990 chegou a 55,6 bilhões, em 2010 o lucro já era de 202 bi (JOHNSON, 2007, p. 167), o complexo industrial-militar foram dos que mais ganharam com o fim da Guerra Fria. No século XXI todo o serviço de inteligência se encontra terceirizado.

A região dos Bálcãs tem se tornado de grande interesse dos Estados Unidos, principalmente, após o fim do conflito Leste-Oeste. Em Kosovo, é mantida a base de Bondstell, uma posição estratégica pois que fica próximo da estrada prevista para o oleoduto transbalcânico chamado AMBO (Albânia, Macedônia, Bulgária Oil). O projeto teve participação de estudos realizados pela empresa *Brown & Root*, de 1955, que analisou a viabilidade de bombardear petróleo da bacia do Mar Negro.

A *Brown & Root* foi comprada em 1962 pela Halliburton, empresa de construção e exploração de petróleo. Quando Dick Cheney era secretário de Defesa da administração George Bush (1988-1992), a *Brown & Root* começou a fornecer serviços às Forças Armadas. Antes de ser tornar vice-presidente, Cheney foi diretor-executivo da Halliburton (1992-200) e fez a empresa sair do 73º lugar de empresas com contrato com o Pentágono, para 18º. Na administração de George W. Bush (2000-2008) foi favorável à privatização de todo o setor operacional do exército.

Na Guerra Fria (1946-1991) as bases militares tinham quatro funções: projetar o poderio militar para áreas de interesse dos EUA; preparar para guerra nuclear; funcionar como sinal de alerta (principalmente nas áreas quentes como Alemanha e Coréia) e finalmente, como símbolo do poder dos EUA. No pós-Guerra Fria, o Império de Bases tem como objetivo: manter a supremacia militar; vigiar a população mundial; dominar áreas com

enormes riquezas de petróleo; manter o complexo militar-industrial e oferecer conforto aos militares e seus familiares.

Segundo o Pentágono, os EUA têm 725 bases no exterior situadas em 38 países (17 são grandes, com gastos acima de 1,5 bilhões de dólares; 18 médias, entre 800 milhões a 1,5 bilhão; 690 pequenas, com menos de 800 milhões). Os custos das bases ficam em torno de 118 bilhões de dólares (JOHNSON, 2007, p.180). Além do domínio desses pontos estratégicos, também há rígido controle dos três principais meios de telecomunicações utilizados mundialmente: os convencionais; os radiofônicos; e a cabos de cobre e de fibra óptica.

Os meios convencionais (telefone, fax, e-mail, e internet) utilizam um sistema de satélites pertencentes à *Internacional Telecommunications Satellite* (INTELSAT), organização internacional fundada em 1964. Ela teve o seu primeiro satélite lançado em 1967; em 1999 já havia 19 deles; 24% de suas ações são da empresa estadunidense *Lockheed Martin Corporation*.

Atualmente, há satélites espalhados na órbita terrestre capazes de interceptar qualquer sinal de celular, informações passadas por e-mails, etc. Os meios radiofônicos são facilmente interceptados por sistema de antenas para ondas curtas e VHF. Já o sistema de cabos de cobre e fibra óptica de alta capacidade é um meio mais seguro, pois para interceptar o sinal é necessário interceptar a linha diretamente, e não por um meio externo como nos outros meios citados.

Os EUA, Austrália, Nova Zelândia, Canadá e Reino Unido fizeram acordo autorizando esses países a trocarem informações, uma forma de burlar a legislação interna que proíbe a espionagem de seus próprios cidadãos sem a autorização de um tribunal. O sistema usado por esses países é o Echelon e, atualmente fiscaliza 120 satélites.

A ocupação da Ásia Central é estratégica aos interesses dos EUA. Nessa região as bases militares dos EUA também têm por objetivo defender-se de competidores os contratos de exploração petrolífera e os oleodutos. O interesse pelos EUA pelo entorno do Mar Cáspio¹⁷ deve-se pela gigantesca quantidade de petróleo e de gás natural - 8 bilhões de comprovada e 200 bilhões de reservas prováveis. Só no Turcomenistão há 101 trilhões de pés cúbicos de gás comprovado com prováveis 159 trilhões (JOHNSON, 2007, p.196). Essa quantidade representaria 6% das reservas mundiais de petróleo e 40% da de gás natural (JOHNSON, 2007, p.198).

¹⁷ Região do Mar Cáspio que abrange os países Rússia, Cazaquistão, Uzbequistão, Turcomenistão, Irã, Azerbaijão, e Geórgia.

O problema é que o Cáspio é um mar fechado, sem saída para o oceano numa região rodeada de regimes instáveis e de países contrários, como Rússia e Irã, à presença dos EUA. Após os ataques de onze de setembro, a presença dos EUA na região tem aumentado, com acordos com os governos da região para a instalação de bases militares. Um exemplo é o Uzbequistão, que além dos EUA terem base militar lá, ainda treinam o exército desse país.

Em fevereiro de 2002, os militares americanos passaram a treinar as forças georgianas para a proteção do oleoduto. Houve também o interesse em construir um oleoduto do Turcomenistão passando pelo Afeganistão e Paquistão até chegar ao mar. Isso facilitaria a importação do petróleo pelos EUA e demais interessados.

Mapa 17 - Oleodutos e Gasodutos na Ásia Central¹⁸



Fonte: Disponível em: <<http://geopoliticadopetroleo.wordpress.com/geopolitica-dos-oleodutos/>> Acessado em 8 jun. 2013.

Segundo Johnson, um dos principais motivos para a intervenção dos EUA no regime afegão foi o fato do governo do Afeganistão ter bloqueado os dutos para construir um oleoduto, atingindo os interesses do consórcio da Unocal, que explora atividade de dutos. Nesse consórcio, essa empresa estadunidense detinha 46,5% das ações, a saudita Delta, 15%,

¹⁸ Região petrolífera em torno do Mar Cáspio de onde saem oleodutos e gasodutos tanto para abastecer a Europa como pra a China. Notar que o Afeganistão fica entre países produtores de petróleo e Paquistão e Irã, ambos no Oceano Índico.

e o governo do Turcomenistão 7%. Na Guerra do Afeganistão (2001) os Estados Unidos apoiaram os comandantes uzbeques e tadjiques com 70 milhões de dólares para derrubar o regime afegão. Ao término da guerra, o governo Bush aproveitou para instalar bases militares no Quirguistão e no Uzbequistão.

No Japão a Constituição de 1947 permitia somente a formação de força armada defensiva, mas não ofensiva e proibia os EUA de terem armas nucleares em bases militares no país. Porém, para fugir das leis constitucionais japonesas, de 1945 a 1972 os Estados Unidos tomaram posse da ilha de Okinawa. Durante a guerra do Vietnã, a população da ilha se revoltou pelo fato dos EUA armazenarem armas químicas e biológicas, além de manterem armas nucleares. Atualmente, 75% das bases dos EUA no Japão estão situadas na ilha de Okinawa. Ao todo, os Estados Unidos tem 73 bases no Japão, com 40.272 militares, 6.431 funcionários e 42.653 dependentes. Além disso, o governo paga quatro bilhões de dólares ao ano para custear as bases dos Estados Unidos em seu próprio país, à muito contragosto dos japoneses (JOHNSON, 2007, p.232).

Enquanto na Europa os Estados Unidos organizaram a OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte) de 1949, na Ásia foi formado a Organização do Tratado do Sudeste Asiático (SEATO), em 1954. Além da Ásia os Estados Unidos buscam manter sua constante presença no continente europeu. Na Europa, o troféu pela vitória foi a Alemanha. Nos anos posteriores ao fim da guerra, o governo estadunidense chegou a ter 800 bases na República Federal Alemã, enquanto os soviéticos instalaram exércitos na República Democrática Alemã.

No período da reunificação esse número foi reduzido para 47 bases. Durante a guerra do Iraque (2003), 49 missões utilizaram militares que estavam nesse país. Em 2001 havia em terra alemã 325 bases, 70.988 soldados, 16.488 funcionários, e 97.571 familiares (JOHNSON, 2007, p. 227).

Na Espanha, durante o governo de Francisco Franco (1939-1975), os Estados Unidos tinham bases em Morón, região perto de Sevilha e em Rota, próximo ao estreito de Gibraltar. Mesmo após a morte do ditador fascista em 1975, e a instauração da monarquia parlamentar, EUA e GB mantem suas bases no país. Na Grécia, o governo estadunidense apoiou o governo fascista que se instalou no país pós-1945. O governo de George Papandreou, em 1964, queria rever os acordos sobre a instalação de bases dos EUA. Junto com o serviço grego de inteligência, a CIA realizou ataques terrorista culpando membros da esquerda. Nas eleições de 1967 os militares deram golpe com a justificativa de defender o povo grego contra o comunismo. Durante o regime militar grego (1967-1974), os

EUA abriram bases e centros de espionagem. O governo militar chegou a financiar a campanha de Nixon-Agnew em 1968, com a quantia de 549 mil dólares.

A ditadura dos coronéis terminou devido a um impasse sobre a divisão da ilha de Creta com os turcos¹⁹. O líder conservador, Constantine Karamanlis, tornou-se primeiro-ministro enquanto que Andreas Papandreou, filho do esquerdista George, retornou do exílio na Suécia e fundou o PASOK. Em 1981 e 1985 o PASOK, com uma plataforma política antiamericana, venceu as eleições, não cumpriram com tudo o que prometeram, mas reduziram a presença militar dos EUA a dois destacamentos de pessoal técnico situado em bases militares gregas.

Para o Oriente Médio, a intervenção dos Estados Unidos aconteceu com a derruba do governo iraniano de Mossadegh (1953), alianças com países da região como a Arábia Saudita, tendo a empresa petrolífera ARAMCO, e construção de bases no Kuwait, Barein, Qatar, Omã, Emirados Árabes, Turquia, e Israel. Os militares passaram a controlar a mídia no campo de batalha. Proibiram o vazamento de imagens chocantes como as mostradas durante a Guerra do Vietnã, como a foto da jovem em chamas fugindo após um ataque com agente laranja. Para isso, o Exército passou a escoltar os jornalistas no campo de batalha com acesso restrito às informações. Os soldados recebiam cartões com instruções, com perguntas e respostas prontas, caso fossem entrevistados. A guerra televisionada passou a ser elemento de propaganda e não de denúncia dos horrores da guerra.

O armamento militar é utilizado como elemento de relações públicas, autorizando cruzeiros em submarinos para as pessoas ricas que financiam as ações militares. Em 2000 7.3836 pessoas fizeram visitas em navios e porta aviões das forças armadas. Os senhores da guerra não gostam que seus gastos sejam investigados. A cada ano os investimentos nas Forças Armadas só crescem, até mesmo durante a crise econômica financeiro de 2008-09. Assim, os republicanos recusaram que o governo Obama (2008-atual) fizesse cortes nas pastas destinadas aos militares.

As agências de Inteligências têm enormes gastos, em 1994 o orçamento da Agência de Segurança Nacional gastava 3,5 bilhões de dólares anualmente, a Agência de Inteligência de Defesa 621 milhões; e o Escritório Nacional de Reconhecimento, 122 milhões (JOHNSON, 2007, p.139). Para intensificar a vigilância estatal sob os cidadãos foi criado em 2003 *Department of Homeland Security*. O gigantesco império militar tem uma fome insaciável de poder. Também, há os Comandos em chefes regionais (CINC's) espalhados pelo

¹⁹ Em 1974 turcos e gregos invadiram a ilha de Creta, os turcos ficaram com o norte e os gregos com o sul.

mundo: Oriente Médio (CENTCOM), Pacífico (PACOM), Europa (EUCOM), e América Latina (SOUTHCOM). Segundo Johnson:

os CINCs supervisionam atividade de inteligência, operações especiais, instalações no espaço, forças nucleares, vendas de armas, bases militares e preparam os chamados theater *engagement plans* (planos de engajamento no teatro de guerra) que são essencialmente declarações de política externa para cada região que incluem programas explícitos para cultivar estreitas relações com as organizações militares locais” (JOHNSON, 2007, p. 146)

Os CINCs começaram a ter papel mais relevante na política externa, do que as próprias embaixadas. Quem controla os Comandos em chefe regional são o presidente e o secretário de Defesa. A intenção do governo Bush (2001-2009) era colocar os quatro serviços das forças armadas e espões sob o controle da Agência de Inteligência de Defesa, que tem por objetivo atuar em todo o mundo sem a autorização dos governos locais. Assim, o militarismo tem aumentado sua influência nas decisões sobre a política externa dos Estados Unidos.

A intenção dos EUA é colocar os quatro serviços das forças armadas e espões sob o controle da Agência de Inteligência de Defesa, que tem por objetivo atuar em todo o mundo sem a autorização dos governos locais. Dessa forma, o militarismo tem crescido e influenciado cada vez mais a política externa dos EUA. Para Johnson o crescente poder do militarismo representa uma ameaça para a liberdade e democracia para a sociedade estadunidense. O perigo, segundo o autor, para o crescente poder do militarismo é o seu alto custo representar uma forte crise econômica, o que se comprovou em 2008-2009.

2.3 PODER DA MÍDIA, PODER DAS ARMAS

Figura 1 - Logo da CNN de 2006-2009



Figura 2 - Logo da CNN de 1995-2006



Fontes: Acesso em 24/2/2014 http://logos.wikia.com/wiki/CNN_International

Nos Estados Unidos as redes de televisão tentaram impedir o avanço das TVs a cabo. Com a expansão de satélites possibilitada pela Guerra Fria (1946-1991). A TV por satélite teve crescimento relâmpago durante os anos 1970 e fez com que os sinais dos canais americanos chegassem a toda parte do mundo. Sidney Pike foi o representante comercial internacional da TBS (Turner Broadcasting System) que vendeu no mundo todo o sinal do canal de notícias 24 horas por dia, a CNN (Cable News Network). Pike, no livro "Nós mudamos o mundo: um pioneiro revela a história da CNN Internacional" o objetivo do uso da TV por via satélite a redor do mundo:

ajudar nas lutas contra o terrorismo em escala mundial, acredito que o resultado final será uma população mundial mais esclarecida, com acesso instantâneo a todos os tipos de informações, entidades e pessoas capazes de ajudar a enfrentar e a solucionar problemas, sejam eles religiosos, ambientais, culturais e econômicos. (PIKE, 2006, p.75)

Esse pensamento de acreditar no processo civilizador estadunidense pelo mundo é presente em várias partes no livro de Pike (2006). Pike e a diretora do grupo TBS acreditavam que ofereciam um serviço para o mundo viver com mais qualidade de vida, exportando valores estadunidenses como a "liberdade" e a "democracia". Dentro da inovação da TV, Ted Turner, que comandava a TBS teve a ideia de formar um canal de notícias 24 horas por dia. A CNN surgiu em 1º de junho de 1980. As redes não-filiadas a grandes redes se juntaram a CNN para ampliar seus noticiários,

A CNN2, o segundo serviço de notícias 24 horas por dia foi inaugurado dois anos após a fundação da CNN, com um custo estimado em 30 milhões de dólares (PIKE, 2006, p.98). Após se consolidar no mercado estadunidense, Sidney Pike foi enviado a várias partes do mundo para iniciar a fase de expansão do canal de notícias. Em 1982, a CNN fechou contrato de sete anos com a SNS (Seven Networks Sidney) da Austrália como forma de expansão do canal de notícias, afinal, a região do Anel do Pacífico, era e é estratégica para iniciar esta expansão da CNN.

Uma das dificuldades apresentadas por Pike no processo de expansão da CNN, foi o forte controle estatal no ramo das telecomunicações em vários países. Diferente dos Estados Unidos, em que há uma maior liberdade para abrir um canal, tanto no rádio como na televisão, em vários países o próprio governo possui um canal estatal, ou realiza concessões para grupos privados. Outra dificuldade enfrentada nesse processo de expansão foi pelo fato de que os sinais dos satélites internacionais são controlados por volta de 127 países (PIKE 2006, p.117), o que cria obstáculos para conseguir concessão para lançar um satélite ou mesmo conseguir um sinal.

A expansão oriental da CNN começou na Oceania e Sudeste Asiático. Ao citar os obstáculos em vender a CNN internacionalmente, Pike afirmava que deveria superar os obstáculos e respeitar as diferenças culturais, caso contrário "um país inteiro não se beneficiaria com as notícias e as informações que poderia aumentar o bem estar da população" (PIKE, 2006, p.122). Os planos de expansão da CNN internacional deram-se nas emissoras de TV, via cabo ou satélite e seu aluguel em hotéis internacionais:

Emissoras de Televisão

As emissoras de televisão que firmarem contrato com a CNN deverão ter:

1. Acesso às matérias jornalísticas individuais até um total combinado de horas por dia;
2. Acesso às matérias do plantão de notícias da CNN durante todo o período que as mesmas forem transmitidas;
3. Direito a comprar quaisquer programas da CNN para retransmissão local, inclusive durante os longos períodos noturnos (por exemplo, da 1h às 7h, quando tem início a programação normal). Isso daria a cada estação a possibilidade de oferecer serviço 24 horas.

Emissoras via Cabo ou SRD (Satélite de Retransmissão Direta)

Uma taxa negociada semelhante àquela cobrada nos Estados Unidos, de tantos centavos por domicílio ao mês, dependendo do preço cobrado pelo serviço via cabo, que deverá ser mínimo. Nos países menos desenvolvidos, o preço padrão é cinco dólares por mês.

Hotéis

Tantos centavos por dia e por apartamento. Um hotel-padrão, com trezentos apartamentos, pagaria uma taxa diária de 6 a 18 centavos de dólar por apartamento, dependendo da diária cobrada. Essas taxas foram baseadas na premissa de que não haverá nenhuma receita publicitária razoável, durante um extenso período. (PIKE, 2006, p.123)

A política de expansão elaborada por Pike e autorizada por Turner permitiu que a CNN fosse uma das primeiras redes de TV estadunidense a expandir em escala global.

Em 1989, Sidney Pike fez sua primeira visita ao Oriente Médio. A visão de Pike sobre o mundo árabe é de um lugar exótico, como já era exposto pelos orientalistas. Após realizar negociações em alguns países da região, Pike consegue um contato que o permite a ir ao Iraque. Ao chegar a esse país, demonstra uma visão um tanto assustadora:

o aeroporto era rodeado por uma barreira alta de concreto, supostamente à prova de tanques. Fiquei imaginando se a intenção era impedir que as pessoas saíssem ou entrassem no país. [...] Fiquei surpreso quando chegamos à estação de televisão e vê-la rodeada por armadilhas antitanques de concreto, grandes e ameaçadoras, bem como por um dos maiores grupos de tanques que já vira. (PIKE, 2006, p.381)

A visão de Pike sobre o Iraque é de que o país vivia uma ditadura implacável, em que não havia qualquer forma de liberdade, e de que os iraquianos eram prisioneiros do regime imposto por Saddam Hussein. Essa visão sobre a forma de governança de países da região do Golfo Pérsico, é demonstrada pelo autor de forma maléfica, pois não havia uma democracia, nos moldes liberais, pregados pelos Estados Unidos.

Ao ter dificuldades na entrada da rede de televisão iraquiana, Pike ressalta que: "estava reagindo em razão da afabilidade e cortesia que havíamos encontrado até então naquela viagem ao golfo Pérsico, que aparentemente desapareceram quando cruzamos a fronteira do Iraque" (2006, p.382). Segundo Pike havia uma dificuldade dos países do Oriente Médio, considerados fechados em torno do islã político, em aceitar qualquer forma de anglo-americanização do mundo árabe:

não consegui descobrir, naquela época, se minha presença no Iraque ajudou a CNN a entrar no país ou Saddam Hussein já assistia às nossas transmissões. Mas pude perceber que o governo do Iraque não entendia a opinião mundial, particularmente a do Ocidente (PIKE, 2006, p.386).

O povo árabe é apresentado como aquele que não conhece a civilização ocidental, e cria formas de resistência para não conhecê-la. Para Pike (2006), isso demonstra o atraso da civilização árabe perante o ocidente, sendo assim, era necessário o ocidente impor sua cultura como forma de levar a civilização moderna aos locais considerados atrasados. Já os que aceitavam a cultura americana eram considerados como pessoas instruídas e civilizadas.

muita gente privilegiada e instruída da África e do Oriente Médio considerava a CNN um componente essencial do seu estilo de vida, já que os noticiários televisivos locais eram cuidadosamente controlados pela censura governamental ou pelas próprias estações de televisão. Para essa gente a CNN se transformara na única fonte confiável de notícias. (PIKE, 2006, p.391)

A expansão da CNN representava, para Pike (2006), um sinal de avanço. Além da CNN eram comercializados outros produtos do grupo TBS, como filmes, séries e jogos esportivos, dessa forma um país que aceitava obter o sinal da CNN conseguia também ter toda uma programação que vendia o modo de vida estadunidense pelo mundo, "a CNN tendia ainda reforçar a posição do inglês como língua oficial" (PIKE, 2006, p.407) em escala global.

Tinha esperança de que a CNN promoveria a democracia como a melhor forma de governo, nas regiões do mundo que ainda não a haviam experimentado. Por mais que a CNN fizesse para promover mundialmente a civilização ocidental, pagando os impostos, ela foi amplamente remunerada pela promoção que recebeu como a única emissora de televisão que cobriu a Guerra do Golfo (PIKE, 2006, p.407).

A intenção do sinal da CNN estar presente em todos os lugares do mundo, não era apenas a transmissão de notícias em vários países, mas também, receber notícias de toda a parte do mundo. Com a criação em 1991 da CNN Internacional possibilitou a TBS, a única grande rede capaz de veicular publicidade em escala global.

A CNN conseguiu maior projeção internacional, ao ser a primeira emissora a transmitir a Guerra do Golfo (1990-1991) ao vivo para todo mundo. Um grupo ligado a Saddam Hussein entrou em contato com a CNN para que fosse feita entrevista com o líder iraniano, justificando a invasão do Kuwait. Dessa forma, a CNN conseguiu tornou a guerra televisionada, expondo a visão estadunidense sobre o conflito.

O próximo capítulo mostra como os Estados Unidos visaram a criar, no cenário internacional, as condições necessárias para uma investida militar no Iraque, e como ocorreu a invasão nesse país no Golfo Pérsico. O Império de bases militares queria expandir suas fronteiras para áreas que durante a Guerra Fria enfrentaria uma forte resistência da URSS. Contudo, no início do século XXI os tempos eram outros, os americanos se tornaram uma hiperpotência sem concorrentes. Os ataques de 11 de setembro de 2001 tanto às Torres Gêmeas -símbolo financeiro, como ao Pentágono, deram, ao governo Bush, a justificativa ideal no plano interno, e suficiente no plano externo, de eleger inimigos pertencentes um "Eixo do Mal", para concretizar seus planos, com intenso recurso a mídia.

Os anos de 1960 foram de crise política interna devido ao assassinato do presidente John F. Kennedy (1961-1963), a guerra do Vietnã, crise do Estado de bem-estar social (Great Society) de Lyndon Johnson (1963-1969), e crise no governo de Richard Nixon (1969-1974). Mesmo com políticas progressistas, em se tratando de relações exteriores, do presidente Jimmy Carter (1977-1981), a onda conservadora que havia chegado na Grã-Bretanha se consolidou no anos 1980 nos Estados Unidos.

O presidente Ronald Reagan (1981-1989) foi uma alternativa política que foi se construindo em décadas anteriores, período o qual foi governador da Califórnia (1967-1975). Ao chegar à presidência, ele aplicou políticas que ficaram conhecidas como neoliberais, e aumentou significativamente os gastos militares. Para Newton Carlos (2003) o governo do presidente George W. Bush (2001-2009) buscou dar continuidade ao projeto direitista dos anos 1980 iniciados por Reagan. A administração Bush representava as grandes corporações e a volta dos neoconservadores ao poder.

Tanto Reagan quanto Bush filho além de desregulamentarem a economia aumentou os gastos militares. Os Estados Unidos gastaram mais com armas nucleares pós-Guerra Fria. O governo de Bush filho chegou a gastar um bilhão de dólares por dia para os militares. Newton Carlos (2003) atribui a guerra do Iraque às reservas de petróleo e afirma que esse interesse pela administração Bush filho pelas reversas iraquianas se dá pelo fato do presidente estadunidense representar os interesses empresariais tanto da indústria petrolífera quanto da armamentista.

Para justificar a guerra, a administração Bush afirmava que o Iraque tinha armas químicas de destruição em massa. Por mais que os inspetores da ONU, que durante os anos 1990 visitaram por várias vezes as instalações militares e não-militares do Iraque afirmarem o contrário. A grande mídia dos Estados Unidos apoiou as iniciativas pró-guerra, relacionando o governo de Saddam Hussein com os atentados terroristas de 11 de setembro de 2001 e com a Al-Qaeda. (CARLOS, 2003).

O governo Bush filho apelou para o aparato ideológico e eleitoral do bastião religioso, mostrando-se como um “guiado por Deus”. As guerras empreendidas neste governo buscavam justificá-las religiosamente. Assim, se construía uma imagem de que a administração Bush estava em uma cruzada pela “paz”, pois os inimigos eram o Eixo do “Mal” compostos pelo Irã, Iraque e Coreia do Norte. Essa imagem de Bush conquistava a direita religiosa estadunidense, que chegou a ter projetos de evangelizar o Iraque assim que terminassem as hostilidades. Além da áurea religiosa em torno de suas ações, o seu governo usa a o discurso democrático para implementar medidas à segurança nacional. Dessa forma,

os estrategistas militares conseguiam criar mecanismos de convencimento para a população estadunidense com o objetivo de manter a máquina de guerra dos Estados Unidos em pleno funcionamento.

Devido ao fortalecimento da máquina bélica, as políticas Imperialistas no âmbito financeiro e colonial podem ocorrer em escala global. Os Estados Unidos tem presença militar em todos os continentes e oceanos. O governo Bush tinha dois estágios de expansão do Imperialismo estadunidense: primeiro era a realização de intervenções militares e instalar regimes pró-Washington; e o segundo estágio era a ocupação militar de tais territórios. Porém, a presença militar em todo mundo gerou desgastes para as lideranças militares. Uns dos símbolos desse desgaste internacional é a prisão em Cuba de Guantánamo, com mais de 600 presos de mais de 42 nacionalidades, sem terem sequer passado por um julgamento e muito menos, com direito à defesa.

A guerra do Iraque, assim como boa parte dos conflitos que os Estados Unidos se envolveram no pós-guerra Fria, visa a expandir o imperialismo estadunidense pelo mundo e ocupa o vácuo de poder deixado pela antiga União Soviética. Os idealizadores do conflito na região acreditavam que ao conquistar o Afeganistão (2001), e o Iraque (2003) teriam condições de avançar sobre a Síria e o Irã, reconfigurando a geopolítica de toda a região, transformando áreas de influencia russo em pró-Estados Unidos.

Os estrategistas do Pentágono têm duas preocupações quando o assunto é o desenvolvimento de armas nucleares no século XXI: primeiro é o uso de tais armamentos em ataques preventivos²⁰; segundo é a proliferação em países que não assinaram acordos de não-proliferação, como a Índia, Paquistão e Israel, pois abre uma brecha internacional para outros regimes, como a Coreia do Norte de ambicionarem desenvolver tal arsenal.

Os países com armas nucleares sem ter assinados os tratados internacionais buscam criar justificativa para o desenvolvimento das mesmas. O “*Center of Strategic Studies* da Universidade de Tel Aviv, por exemplo, justifica o arsenal israelense como necessária para contrabalançar o potencial militar, em armas químicas e biológicas, do Iraque, Síria e Irã” (CARLOS, 2003, p.14).

Porém, mesmo com emprego do aparato bélico de alta tecnologia, a guerra do Iraque frustrou os planos dos estrategistas do Pentágono. A inabilidade para controlar a política interna do país iraquiano ao derrubar o regime de Saddam Hussein e realizar a

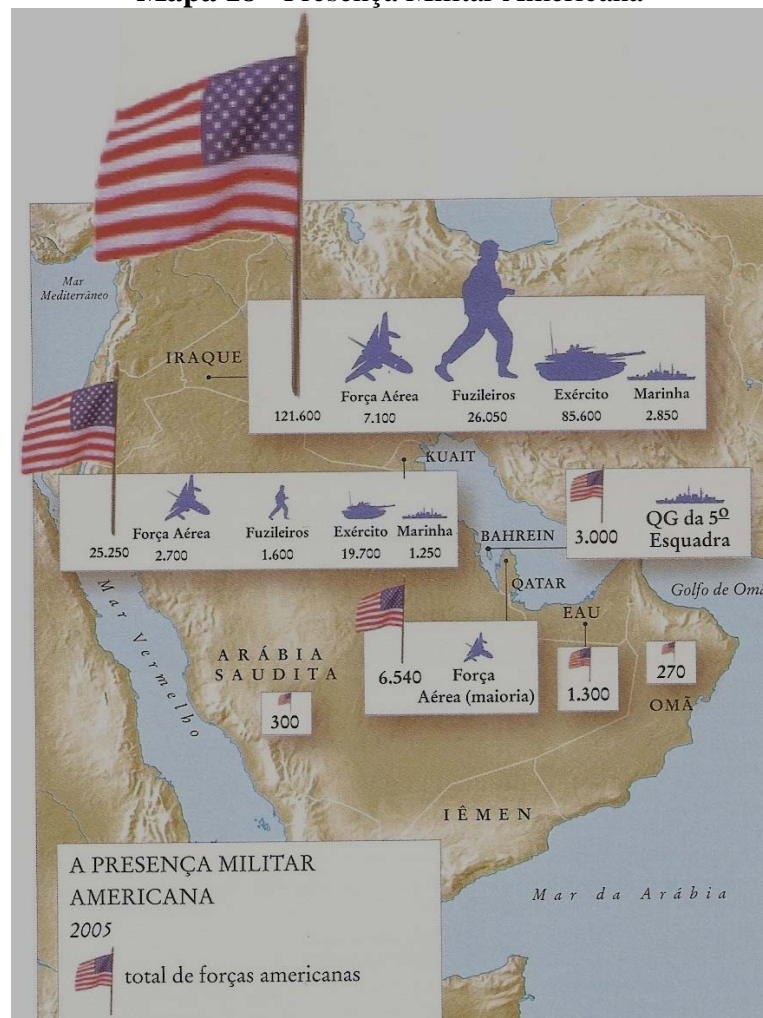
²⁰ Há um acordo entre os países que possuem armas nucleares de que elas só podem ser utilizadas contra países que possuem tais armas, ou se forem atacados com uma.

desbaatização, acabou com a principal força política que controlava o poder e a burocracia estatal, o Iraque caiu no caos.

O temor dos estrategistas é de que o Iraque passe pela somalização, ou seja, um país assolado pela miséria e pela fome, diante dos embargos econômicos como ocorre na Somália há décadas (CARLOS, 2003). Mas a resistência encontrada no pós-guerra foi maior do que o esperado, impedindo a realização de novos conflitos, como o avanço sob a Síria e a conquista do Irã.

Por outro lado, a ostensiva presença militar dos EUA no Golfo Pérsico demonstra seu forte interesse e manter e ter garantidas do transporte do petróleo pelo Estreito de Ormuz responsável pela passagem de 40% do petróleo produzido pelo mundo conforme demonstrado a seguir:

Mapa 18 - Presença Militar Americana



Fonte: SMITH, Dan. Op. cit, p. 47

3 INTERVENÇÃO E OCUPAÇÃO

Quem mata um homem é chamado de assassino, quem mata milhares, é chamado de herói.
Charles Chaplin

3.1 IRAQUE ATÉ A GUERRA DO GOLFO

A Guerra do Iraque foi deflagrada em março de 2003. Os Estados Unidos e o Reino Unido, sem a aprovação do Conselho de Segurança da ONU, atacaram o país com a justificativa do regime de Saddam Hussein possuir armas de destruição em massa.

Primeiramente, apresenta-se uma breve história do Iraque, um país inventado pelo governo de Londres, a capital financeira do mundo, e que reuniu povos com pensamento ético e religioso distintos. Portanto, os novos proprietários ignoraram a diversidade étnica assim como as fronteiras. Nem mesmo os turco-otomanos desrespeitaram as diferenças regionais ao dividirem a administração da antiga Mesopotâmia em três áreas administrativas com as capitais respectivas: a região norte com Mosul; a central; Bagdá, até hoje capital do Iraque; a sul em Basra. Contudo, após a desintegração do império, a nova geografia política do jovem Estado, teve que atender aos ditames do governo em Londres.

Após, demonstrarei o pensamento de três diferentes autores sobre o conflito no Iraque. John Keegan (1934-2012), historiador militar britânico, defende a Guerra, por mais que a justificativas não tenha se comprovado, para o autor o mundo ficou livre de um ditador sanguinário, comparável a uma mistura de Hitler com Stalin. Milan Rai, um pacifista britânico, tem um pensamento contrário a Guerra, apresentando vários argumentos que demonstram que o interesse era a conquista do petróleo pelos países anglo-americanos.

Hans Blix (1928-atual), um diplomata sueco e líder das inspeções da UNMOVIC, não conseguiu provar, em 2002 e 2003, a existência de armas de destruição em massa do Iraque. Para Blix, por mais que o governo de Saddam Hussein não fosse confiável, as inspeções não fracassaram, e considera um desrespeito as normas internacionais o ataque dos Estados Unidos no Iraque.

O território conhecido como Iraque significa “margem do grande rio e terreno fértil”(KEEGAN, 2005, p.21). Os Otomanos dividiam o atual Iraque em três regiões administrativas, respeitando as diferenças étnicas e religiosas: Mosul no norte curdo; Bagdá, no centro, sunita, e Basra ao sul, xiita. (KEEGAN, 2005, p.22). Com a entrada do Império

Otomano na Primeira Guerra Mundial, os britânicos enviaram uma força expedicionária na Mesopotâmia para dominar a região de Basra, em novembro de 1914.

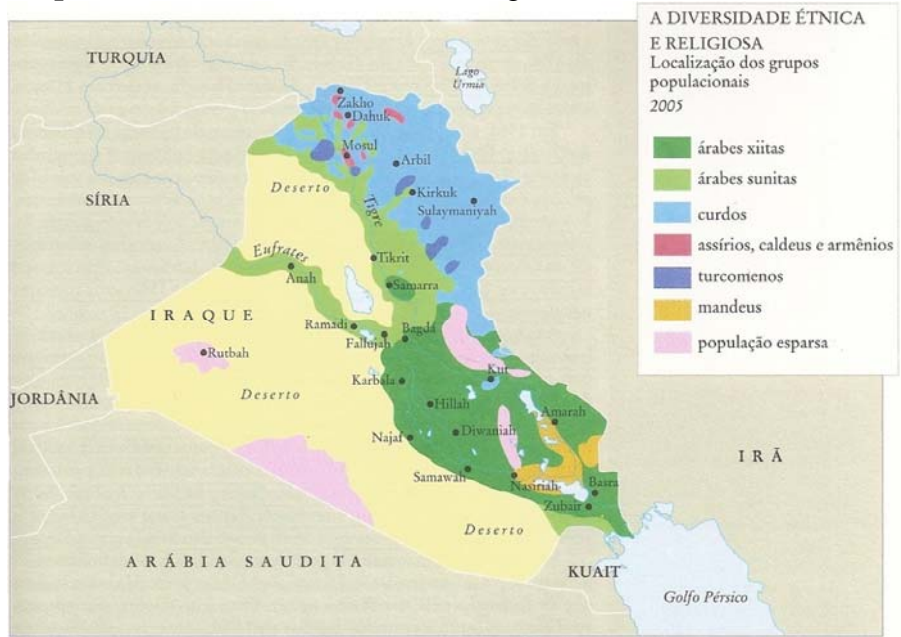
Bem recebida pelos comerciantes de Basra, pois desde da Companhia das Índias Orientais a população local mantinha negócios com os britânicos, a força expedicionária avançou até a 80 Km de Bagdá. Após encontrarem resistências, recuaram até Kut, só conseguindo novo avanço em 1917. Após a Primeira Guerra, ganha pelos Aliados, os britânicos buscaram estabelecer alguns mandatos na região.

Durante o Império Otomano, foi encerrado o período de lutas internas no Islã, pois os fiéis passaram a seguir o Califado Otomano. Com a presença crescente de potências europeias na região devido ao comércio, havia investimentos em infraestrutura e tecnologia, principalmente alemã. Logo o mundo muçulmano passava a ter outro olhar sobre a sociedade, além dos ideias de fraternidade e autoridade religiosa, visavam à eficiência administrativa assim com ao desenvolvimento econômico.

Após 1919, diante do controle dos britânicos e franceses da região, antes sob o controle dos otomanos, levou a que grupos do islã político, reagissem ao modelo de vida imposto por Londres e Paris. Na Conferência de Versalhes (1919) os britânicos defenderam a conquista do Iraque que passava ao seu domínio como protetorado o que provocou a revolta dos iraquianos do Sul e do Centro contra a oficialização do domínio britânico na região.

Após conter a revolta, os britânicos reorganizaram a administração do Iraque ao formarem um conselho de ministros iraquianos que substituíam as autoridades britânicas. Contudo, os altos cargos foram ocupados pela minoria sunita, considerada mais confiável do que os curdos e xiitas.

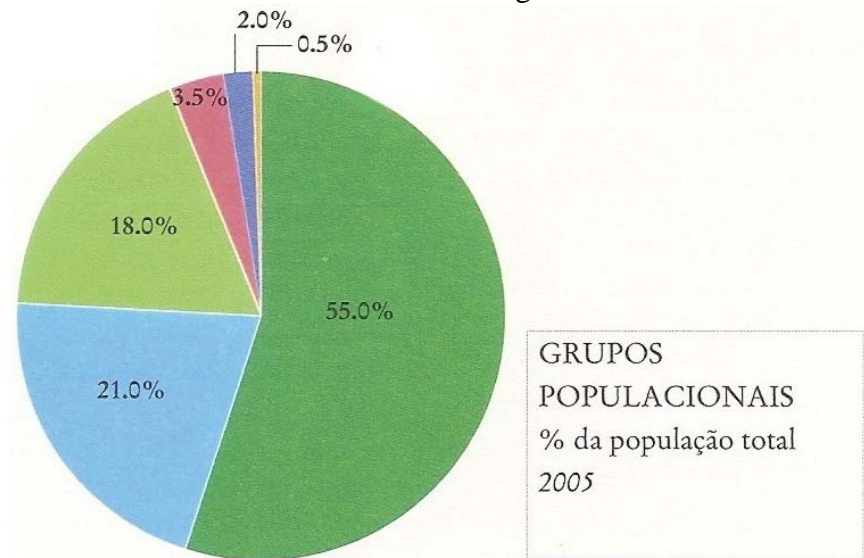
Mapa 19 - A diversidade Étnica e Religiosa



Fonte: (Smith, 2008, p.87).

No mapa acima, mostra como estão distribuídos a população do Iraque, de acordo com as etnias e a religião. Já no gráfico abaixo evidência a forma como a população do país é dividida de acordo com estes critérios.

Gráfico 4 - A diversidade Étnica e Religiosa



Fonte: (Smith, 2008, p.87)

A partir do gráfico concluiu-se que o governo central do país foi deixado para a minoria, tanto em termos territoriais, conforme o mapa 19, quanto em termos populacionais, gráfico 4. A "lua-de-mel" que havia entre os árabes xiitas do sul que tão bem receberam as forças expedicionárias britânicos, visando, num projeto político, de conquistar sua autonomia,

o mesmo se pode dizer do norte curdo, com a promessa de forma um Estado independente, o Curdistão Iraquiano, havia terminado.

Na Assembleia Constituinte Iraquiana de 1922, foi ratificado um tratado anglo-iraquiano, que concedia aos britânicos a autoridade sobre a política de externa e da segurança. Em 1929 o governo britânico prometeu a independência do Iraque para 1932, o que foi conquistado nesse ano pelo povo iraquiano. O Iraque independente era um país dominado por uma elite pertencente à monarquia hashemita.

A situação política começou a mudar em 1957, quando foi formada a Frente Nacional, que aliou opositores a Nuri al-Said, primeiro-ministro iraquiano considerado um político moderado pró-Occidente. A Frente Nacional era composta por partidos iraquianos de oposição ao regime vigente, comunistas, membros dos Oficiais Livres Iraquianos, uma vertente política dentro dos militares inspiradas no nacionalismo egípcio, e Partido Ba'ath (Renascimento). No dia 14 de julho de 1958, os militares organizaram um golpe, matando os membros da monarquia inclusive o rei Faisal II e o Regente Abd al-Ilhah; Nira al-Said foi encontrado em assassinado no dia seguinte.

O general Abdul Karim Kassem, responsável por orquestrar o golpe, proclamou a República e se tornou líder supremo. No grupo militar havia uma divisão; Kassem estava próximo da tendência do nacionalismo iraquiano, enquanto o primeiro-ministro, Arif, era um nacionalista árabe.

O nacionalismo iraquiano da vertente de Kassem consistia em: realizar integração entre curdos, xiitas e sunitas; proposta de fazer uma radical reforma agrária; organização das minorias (mulheres, jovens, nacionalistas, e a irmandade muçulmana); revogar os direitos da *Iraq Petroleum Company*; reivindicação de territórios no Irã e tornar o Kuwait em uma província iraquiana. Dessa forma, o nacionalismo iraquiano era uma tendência política nacionalista voltada apenas para o plano interno. Já o nacionalismo árabe era um projeto de poder voltado para toda a região, visava a formação da República Árabe Unida e da União dos Estados Árabes.

No mundo muçulmano as posições de liderança são exercidas por pessoas de *status* religioso e familiar, nem sempre o caráter econômico é levado em consideração. O Despertar Árabe se deu na frente do Islã Político e da formação do Partido Baath. Ele foi criado por um cristão sírio Michel Aflaq que tinha como objetivo unir os povos de língua árabe e formar um Estado árabe unificado.

Em 1963, o Partido Ba'ath organizou um golpe bem sucedido contra Kassem. Os líderes do Ba'ath colocaram um não-membro como presidente, Abd Al-Salim

Arif, e como vice Hasan al-Bakr. O presidente Arif, influente nos meios militares, utilizou do Exército para sufocar o Baath, criou a Guarda Republicana, contudo morreu num acidente de helicóptero em 1966. O irmão de Arif assumiu, Abd al-Rahman Arif, contudo não tinha a mesma habilidade e base de sustentação para continuar no poder.

O Partido Baath se reorganizou e em 1967 derrubou Arif, abrindo uma brecha para disputas internas dentro do exército iraquiano e do Baath para ver quem assumiria o poder. Após quinze dias da queda de Arif, houve um novo golpe que colocou Hasan al-Bakr como presidente e Saddam Hussein vice. Enquanto Bakr tinha influencia no exército, Hussein tinha seus contatos no partido e com vários tribos.

Saddam Hussein rompe com a tradição árabe de conseguir ser liderança e exercer o poder por meio do status familiar e religioso. Ele nasceu no vilarejo de al-Ouja, próximo a província de Tikrit entre 1935 e 1939. Foi educado pelo seu tio Khairallah Tulfah, um oficial do exército iraquiano. Hussein entrou para o Baath em 1957, foi preso por assassinar Saddoun al-Tikriti, secretário da Educação que substituiu seu tio. Após seis meses de prisão Hussein e seu tio foram soltos, por não haver provas suficientes que os incriminassem.

Em 1959 um grupo de Oficiais Livres tentaram dar um golpe em Kassem, porém foram duramente reprimidos. Como reação, o presidente iraquiano se junto ao Partido Comunista para repreender os nacionalistas, inclusive o Baath. O general Ahmad al-Bark conheceu Saddam Hussein e o preparou para assassinar Kassem. A tentativa ocorreu em outubro de 1959, Hussein atirou enquanto havia um desfile motorizado, Kassem só se feriu no atentado. Depois do fracasso na tentativa de assassinar o general Kassem, Hussein fugiu para a Síria, onde se refugiou com correligionários do Partido Baath, conhecendo seu fundador, e depois foi ao Egito.

O exílio de Hussein durou quatro anos. Retornou ao Iraque em 1963, devido a um golpe liderado por Ahmed al-Bakr que derrubou e assassinou Kassem. Nesse momento, Hussein conseguiu o cargo de segurança interna do partido. Contudo em outubro de 1964 foi, novamente, preso acusado de conspiração, conseguiu fugir da prisão em 1966.

Quando o Partido Baath conseguiu ter sucesso num golpe contra Arfi, em 17 de julho de 1968. O golpe foi uma vitória da ala civil do Baath. Ao chegar ao poder, não se sabe muito, Saddam Hussein voltou para o Iraque e se tornou chefe de segurança do Estado.

3.2 INSPEÇÃO DE ARMAS QUÍMICAS PELA ONU

Hans Blix era membro da delegação sueca nas Nações Unidas durante os anos de 1961 à 1981. Nos anos 1980 assumiu o cargo de diretor-geral da Agência Internacional de Energia Atômica de 1981 à 1997, ano no qual se aposentou. Contudo em 1999 foi convidado por Kofi Annan, Secretário Geral da ONU, para fazer parte da UNMOVIC (Comissão da ONU de Monitoramento, Verificação e Inspeção), e inspecionar o Iraque. Sua missão durou de 2000 à 2003, sem ter encontrado as armas de destruição em massa propagandeada pelos Estados Unidos e Reino Unido.

Durante o período em que realizou inspeções no Iraque, o governo dos Estados Unidos se preparava para invadir esse país. Washington, Londres e Madri forçaram uma ação militar ao exigirem da ONU prazos curtos para que não houvesse tempo para uma solução pacífica sobre a questão das armas de destruição em massa.

É comum no Direito, o acusador apresentar provas que desconfigurem o princípio de inocência do acusado. Não foi o que aconteceu no Iraque, mesmo os iraquianos apresentando vários documentos que demonstravam não terem as armas de destruição em massa, e as várias inspeções da ONU, tanto a realizada pela UNSCOM quanto a da UNMOVIC provarem o mesmo, as forças anglo-estadunidenses atacaram o país.

Para legitimar a ação militar, Washington e Londres alegavam que o Iraque não teria respeitado as resoluções anteriores que tinham como objetivo desarmar o Iraque, isso daria aos estadunidenses e britânicos o direito de realizar uma intervenção militar no Iraque sem a necessidade de uma decisão coletiva do Conselho de Segurança. Nos últimos dias de inspeção, Blix afirma que os iraquianos estavam fazendo o máximo possível para provar sua "inocência", apresentando várias pessoas para entrevistar além de uma série de documentos.

Eu achava que a ação armada empreendida não se alinhava com o que o Conselho de Segurança decidira cinco meses antes: não fora definido um prazo de três meses e meio para as inspeções. Houve alguma negação de acesso - algum jogo de gato e rato? Não. As inspeções não corriam bem? Elas não tinham resolvido nenhuma das questões declaradas de desarmamento, mas caminhavam como o esperado, na minha opinião, para serem abandonadas e justificarem a guerra (BLIX, 2004, p.25).

Isso demonstra que por mais que as inspeções obtivessem avanços, os estadunidenses e britânicos buscavam que a equipe de Blix provasse que o Iraque tinha as

armas de destruição em massa, só assim, teriam o apoio internacional para realizar uma intervenção armada nesse país.

Se não houvesse resultados positivo até, digamos, julho de 2003, quando teria expirado o período de 120 dias, é provável que a maioria do Conselho de Segurança se dispusesse a autorizar a ação armada, o que poderia ter começado com a legitimação da ONU depois do verão - e revelar que não havia armas (BLIX, 2004, p.26).

Isso demonstra que só havia um resultado a ser aceito pelos anglo-americanos da inspeção, achar as armas de destruição em massa. Caso os inspetores não a encontrassem, não era sinal de que o Iraque não as possuía, mas de que a inspeção foi falha e de que o governo iraquiano conseguira enganar os inspetores.

Blix (2004) demonstra de que suspeitava que a guerra já estava planejada durante meados de 2002, contudo as inspeções foram realizadas para dar tempo de realizar a mobilização das forças de coalizão. Os Estados Unidos estava criando condições para que o Iraque recusasse as inspeções ou expulsassem os inspetores para justificar a guerra (BLIX, 2004, p.29).

As inspeções surgiram com o desenvolvimento cada vez mais tecnológico no meio militar, em 1899 em Haia foi assinada uma declaração que proibia o uso de balas "dum-dum", que causava fortes ferimentos quando a bala atingia o corpo, o uso de gases asfixiantes e deletérios, e o lançamento de projéteis explosivos por meio de balão, num prazo de cinco anos. Já, no pós-Primeira Guerra, em 1925, "o protocolo de Genebra proibiu o uso de gás e métodos de guerra bacteriológica" (BLIX, 2004, p.35).

Contudo não havia qualquer controle ou inspeção do uso e cumprimento do acordo, pois acreditava-se que caso algum país o desrespeitasse ficaria evidente. O Tratado da Antártica em 1959 previa que não poderia haver bases militares ou teste de qualquer tipo de arma, esse foi o primeiro acordo internacional que buscava realizar inspeções para ver se o acordo assinado estava sendo cumprido (BLIX, 2004, p.35).

Em 1968, diante do aumento da produção de armas nucleares, para evitar uma grande proliferação em descontrole de quem pudesse construir tais armas, foi criado o Tratado de não-proliferação que prevê inspeções nos países que assinaram o tratado. Em 1993 foi realizado a Convenção sobre as Armas Químicas visando o mesmo objetivo. Durante muito tempo a ONU uso do sistema de salvaguardas, em que os inspetores só podiam analisar o que foi declarado.

O desejo de Saddam Hussein de construir o Iraque como potência regional, se demonstrou nos períodos da Guerra Irã-Iraque (1980-1988) e na Guerra do Kuwait (1990-1991). Para atingir tais objetivos, durante os anos 1980 o Iraque investiu no programa de armamentos de destruição em massa. Em 1981 o Iraque comprou um reator francês, o Osirak, e estava tentando colocar em atividade, os israelenses perceberam das intenções de Hussein em formar o Iraque com potencial de desenvolver um programa nuclear, e mandaram um ataque para destruir o reator.

Como já citado, os planos de Saddam Hussein em se tornar em potência regional foram frustrados ao não obter vitórias em suas duas guerras. O mundo anglo-americano não deixaria Saddam Hussein ambicionar tais planos, e para contê-lo, no dia 3 de abril de 1991 foi aprovado no Conselho de Segurança da ONU, a Resolução 687, que previa que o Iraque deveria fornecer todas as informações sobre suas armas de destruição em massa.

Durante os anos 1990, ninguém poderia importar o petróleo do Iraque antes que as inspeções comprovassem que o Iraque não possuía programas de armas de destruição em massa. Essa inspeção previa acesso irrestrito a pessoas e locais, mesmo os não declarados, e estaria ligado ao Conselho de Segurança, uma medida que visava dar mais independência do secretariado geral. A inspeção ocorrida entre os dias 15 à 21 de maio de 1991 demonstraram que o Iraque havia tido uma tentativa de enriquecer o urânio.

Para David Kay, integrante da UNSCOM, que realizou as inspeções no Iraque em 1991 a ocupação militar era a única forma de acabar com as armas de destruição em massa. A AIEA viu a destruição de vários materiais e infraestrutura de armas nucleares. Os rumos das inspeções no Iraque, mudou em 1995, quando houve a deserção para a Jordânia do genro de Saddam Hussien, general Hussein Kamel, responsável pelo ministério da Indústria e ex-diretor da Corporação Industrial Militar (BLIX, 2004, p.52). O general Kemal afirmou ter ordenado a destruição de todas as armas de destruição em massa, em fevereiro de 1996, retornou o seu país e foi assassinado pelo regime de Hussein. Os iraquianos faziam algumas restrições durante as inspeções, como em Ministérios, na Guarda Republicana Especial e na organizações de segurança.

Em outubro de 1997, o governo iraquiano recusou receber inspetores dos Estados Unidos, alegando serem espíões, o que casou uma crise, levando a retirada dos inspetores no país. O regime de Hussein esperava que durante os anos 1990 a UNSCOM elaborasse um relatório em que demonstrasse que o Iraque não possuía mais armas de destruição em massa, podendo assim, retomar seu controle na exportação do petróleo.

Em 1998 mesmo com o Iraque cooperando, o relatório de Richard Butler, presidente executivo da UNSCOM afirmava que o governo iraquiano não estava cooperando plenamente. Entre os dias 17 e 20 de dezembro os Estados Unidos junto com os britânicos lançaram 100 mísseis cruzeiros contra 100 alvos no Iraque na operação conhecida como Raposa do Deserto. Isso fez com que o governo de Saddam Hussein recuasse com a cooperação.

Diante da denúncia de espionagem a UNSCOM ficou desacreditada, os franceses queriam o fim das sanções, algo que os Estados Unidos sempre rejeitou. Como solução, em 1999, um júri formado três pessoas reuniram-se para decidir a questão. O júri sugeriu que a parte principal do programa de armas havia sido eliminado no Iraque, dessa forma, foi sugerido que o regime de inspeções do Iraque deveria ser substituído por uma fase de monitoramento.

Houve, então, a formação da UNMOVIC que visava realizar novas inspeções para assegurar o estabelecimento da fase de monitoramento. Essa agência teria como base de recrutamento servidores civis internacionais; não deveria ser controlada por qualquer país; não havia a intenção de trocar informações com agências de inteligências; as inspeções poderiam ser intrusivas, se necessárias; e teria os mesmo direitos do que a UNSCOM (BLIX, 2004, p.66). Para Blix, na realidade a UNMOVIC era a UNSCOM renovada (BLIX, 2004, p.65).

Em 2002 a administração Bush apresentou a Estratégia Nacional de Segurança dos Estados Unidos, defendia a ação preventiva (BLIX, 2004, p.110). Nessa estratégia visava proteger os Estados Unidos e seus aliados realizando ações preventivas em qualquer parte do mundo, como estratégia de defesa.

Blix cita um discurso de Dick Cheney, vice presidente dos Estados Unidos, em agosto de 2002 que demonstrava de que o governo Bush não acreditava nas inspeções. "[...] a volta dos inspetores não ofereceria qualquer garantia de que [Saddam], aceitaria as resoluções da ONU. Pelo contrário, há um grande perigo de isso promover a falsa impressão de tranquilidade de que Saddam de certa forma 'voltou à sua caixa'" (BLIX, 2004, p.111). Assim, para a administração Bush, o Iraque possuía armas de destruição em massa. Cheney acreditava, ainda, que uma ação militar no Iraque teria o apoio da população local.

Em setembro de 2002 o discurso de Bush apresentava sinais favoráveis as inspeções, contudo mantinha o tom de ameaça de guerra, caso o governo iraquiano não obedecesse a resolução da ONU. Na Resolução 1441 previa que:

qualquer membro permanente do Conselho de Segurança pode recomendar à UNMOVIC e a AIEA locais a ser inspecionados, pessoas a ser entrevistadas [...] e dados a ser coletados, e receber um relatório sobre os resultados; qualquer membro permanente do Conselho pode pedir para ser representado em qualquer equipe de inspeção, com os mesmos direitos e proteções concedidos aos outros membros da equipe; a UNMOVIC e a AIEA deverão contar com bases regionais e bases operacionais por todo o Iraque; a UNMOVIC e a AIEA deverão ter o direito de estabelecer zonas de exclusão de veículos e voos e/ou corredores de trânsito aéreo ou terrestre, que serão garantidos pelas forças de segurança da ONU ou pelos países membros (BLIX, 2004, p.121).

Essa resolução deva ao Conselho de Segurança plenos poderes para intervir no processo de inspeção de armas no Iraque. Durante as inspeções eram coletados materiais da água, solo e ar para futuras análises, além de verificar as instalações e os documentos fornecidos pelo governo iraquiano. Os locais indicados, pelos serviços de inteligência anglo-americanos, a ser inspecionados não foram encontrados as armas de destruição em massa.

Por mais que os anglo-americanos exigissem resultados mais concretos, como os inspetores encontrarem as armas ilegais, os inspetores conseguiram algum resultado encontrando alguns projeteis de artilharia com gás de mostarda no deserto. A inspeção realizada em 2002 tinha autorização para vasculhar qualquer local, não era como as realizadas durante os anos 1990 que havia restrições em locais presidenciais, considerados de soberania iraquiana.

Para facilitar o trabalho dos inspetores, o governo iraquiano tinha que fornecer uma nova declaração sobre seu arsenal bélico de armas de destruição em massa para que os inspetores pudessem verificar. Durante os anos 1990 esse plano falhou, uma vez que o governo de Saddam Hussein, segundo Blix (2004), não declarou tudo o que tinha, e fez um jogo de gato e rato com os inspetores.

A declaração geralmente era entregue aos inspetores, contudo a resolução da ONU de 2002 previa que os países membros tivessem acesso aos relatórios, isso possibilitaria de que todos os membros do Conselho de Segurança, permanente ou não tivessem acesso dos métodos usados pelos iraquianos na produção de armas químicas, biológicas e nucleares (BLIX, 2004, p.154).

Temendo que os países não permanentes no Conselho de Segurança da ONU tivessem acesso a informações sobre como produzir armas de destruição em massa, as potências centrais, que possuem acentos permanentes negociaram com os 10 membros não permanentes para que recebessem um relatório produzido pelos membros permanentes, e não a declaração completa.

O governo de Washington foi o primeiro a ter acesso total e imediato ao texto enviado pelos iraquianos, cerca de 12 mil páginas entre documentos e declarações. O documento continha declarações realizadas em 1997 só que atualizadas. Para o embaixador estadunidense, John Negroponte, o Iraque estava enganando o Conselho de Segurança e infringindo com suas obrigações com a ONU. Em dezembro de 2002 já havia 100 inspetores no Iraque, quantidade considerada insuficiente pelos Estados Unidos (BLIX, 2004, p.162).

Enquanto as inspeções avançavam, as forças armadas estadunidenses começavam a mobilização, chegando a 100 mil homens em dezembro de 2002 (BLIX, 2004, p.163). Blix tinha um olhar de desconfiança em relação a mobilização do Exército dos Estados Unidos:

Foi um ano intenso O caminho da inspeção deve ser visto como uma alternativa, e não um prelúdio à ação armada. Não acho que os Estados Unidos tenham decidido ir à guerra, apesar de estarem tomando todas as medidas nesse sentido. Isso serve para assustar os iraquianos. E se eles não atingirem a cooperação máxima, os Estados Unidos poderão decidir que o caminho das inspeções é inútil. Há supostamente um momento na grande mobilização de tropas. Bush poderá evitar que Saddam se estabeleça sem ficar desmoralizado? Ele precisará de algum ato manifesto dos iraquianos para conter a situação. (2004, p.163).

Contudo, Blix (2004) entendia no final de 2002 que os Estados Unidos, apesar da mobilização da guerra, acreditava nas inspeções realizadas pelos agentes da ONU. Na sua visão o governo iraquiano deveria se esforçar ao máximo para provar a sua inocência e evitar uma ação armada por parte do governo de Washington. Para os inspetores da ONU, "o fracasso em apresentar documentos relevantes significava 'omissões'" (BLIX, 2004, p. 168). Em janeiro de 2003, Blix começava a pensar na possibilidade da guerra, contudo sob algumas dificuldades.

Poderá haver dificuldades para os Estados Unidos. Se tivermos uma negação de acesso ou se tropeçarmos em algum estoque de VX ou antraz, a infração concreta será fácil [de estabelecer]. No entanto, se nada dramático ocorrer, será difícil para os americanos obter apoio para a ação armada. Duvido que os Estados Unidos, se tentarem, consigam a maioria para uma resolução autorizando a força armada. E, sem essa resolução, agir isoladamente teria muito menos apoio da opinião pública e talvez os Estados Unidos não consigam se deslocar da Turquia ou da Arábia Saudita (BLIX, 2004, p.170).

Faltou a Blix lembrar da dívida do Kuwait com os anglo-americanos, os quais auxiliaram o país do Golfo Pérsico a expulsar os iraquianos durante a Guerra do Golfo. Durante a inspeção, foi constatado que o Iraque havia comprado ilegalmente motores de mísseis que chegavam ao alcance superior aos 150 Km permitidos. Também foram

encontrados caixotes de ogivas para armas químicas em um armazém de munição, e documentos de pesquisas sobre o enriquecimento de urânio (BLIX, 2004, p.174).

Os documentos foram encontrados na residência de um cientista iraquiano ligado ao programa nuclear iraquiano. A questão que ficou tanto para os inspetores quanto para os membros do Conselho de Segurança da ONU foi que, os documentos estarem na casa desse cientista era um descuido ou uma omissão por parte do regime de Saddam Hussein.

Muitos cientistas foram convocados a dar entrevistas e ser interrogados pelos inspetores da ONU. Para realizar as entrevistas, os cientistas solicitavam a presença de autoridade iraquiana ou que se pudesse gravar a entrevista, pois havia o receio de futuras retaliações.

Blix acreditava no sucesso das inspeções realizadas no Iraque, e que elas deveriam continuar no futuro, como forma de garantir que o regime de Saddam Hussein não descumprisse acordos já assinados. Blix afirmava que "as constantes inspeções apoiadas por pressão militar a ser seguidas por monitoramento a longo prazo poderiam espremer a verdade do Iraque, garantir o desarmamento e evitar qualquer retomada de programas de armamentos" (2004, p.184).

Para russos, franceses e alemães as inspeções realizadas pela UNMOVIC conseguiram obter resultados satisfatórios. Contudo o governo de Bush não acreditava nos resultados apresentados e recusava qualquer proposta de prorrogar o prazo, ou dar mais tempo aos inspetores concluírem sua missão no Iraque.

Para o governo americano, a perspectiva de um programa de trabalho se estendendo por mais quatro meses deve ter sido totalmente inaceitável. Concluía - erroneamente e com algumas observações contrárias - que o Iraque possuía armas químicas e biológicas, podendo até produzi-las em unidades móveis, que os iraquianos estavam retomando o programa nuclear do passado e fabricando veículos aéreos não-tripulados de longo alcance. Para eles, os itens que os inspetores consideravam não contabilizados certamente ainda existiam. A conclusão lógica era que o Iraque dera falsas declarações ou omitira informações na declaração de dezembro de 2002, portanto, cometera outras violações materiais de suas obrigações, o que justificava a intervenção armada (BLIX, 2004, p. 347-348).

Washington estava, dessa forma, convencido de que o governo iraquiano mais uma vez estava enganando os inspetores de armas da ONU, acreditavam que não precisavam da intervenção da ONU para atuar no Iraque uma vez que a Resolução 1441 já previa as "sérias consequências" em caso de não colaboração plena. Quando foram encontrados no Iraque um avião teleguiado e uma bomba cluster, a UNMOVIC não

considerou como "armas fumegantes", no entanto para os estadunidenses era a prova de que o Iraque não havia cumprido acordos anteriores e de que deveria sofrer as "sérias consequências".

Para "sabotar" as inspeções, o governo de Londres e Washington tentaram colocar uma série de parâmetros para o Iraque cumprir até a data da próxima reunião do Conselho de Segurança da ONU em 7 de março de 2003, caso contrário seriam obrigados a usarem a força, contudo, segundo Blix, tais parâmetros eram praticamente impossíveis de se cumprir (2004, p.352).

As exigências dos britânicos eram de que Saddam Hussein fosse a televisão iraquiana anunciar a "decisão estratégica", um pronunciamento público afirmando que faria um desarmamento voluntário, e que ainda estaria disposto a cumprir cinco parâmetros para demonstrar que tinha intenções reais de cumprir o que for dito, além disso Hussein tinha que assumir, mundialmente, de que tinha escondido armas de destruição em massa nas inspeções realizadas anteriormente (BLIX, 2004, p.356). Era como se o acusador forçassem o acusado de assumir seu, suposto, crime.

Além do pronunciamento estava previsto nos parâmetros: cooperação dos cientistas, que deveriam ser entrevistados fora do Iraque; e os registros de *Antrax*, *VX*, mostarda, mísseis *Scud* e *VANTs* (BLIX, 2004, p.358). Os britânicos e estadunidenses afirmavam para a ONU, que suas agências de inteligência tinham informações de que o Iraque possuía instalações móveis para produção de agentes químicos e biológicos, algo nunca confirmado pela UNMOVIC, o que, para os anglo-estadunidenses, representava a falha das inspeções (BLIX, 2004, p.358).

Para os franceses, alemães e russos esperavam que apresentasse o relatório com as questões-chave no dia 18 de março de 2003, antes que qualquer medida contra o Iraque fosse discutida ou realizada.

A razão pela qual vários membros do conselho queriam ter o programa na mesa era sem dúvida mostrar ao mundo que as inspeções continuavam, conforme a ordem do conselho, e que a interrupção não se devia a uma falha do regime de inspeção, mas fora causada por uma ação armada injustificada dos Estados Unidos e Reino Unido (BLIX, 2004, p.364).

Segundo o relato demonstrado por Blix, a decisão de pegar em armas foi uma decisão unilateral dos anglo-americanos que desrespeitaram o trabalho desenvolvido pelos inspetores da ONU, que até aquele momento, demonstrava que o Iraque não possuía as

armas de destruição em massa, que tanto os estadunidenses e britânicos alegavam que ainda existiam.

A invasão do Iraque foi rápida, e não houve o uso de armas de destruição em massa. Para Blix (2004), com a invasão do Iraque se constatou o terror de Estado realizado pelo regime de Saddam Hussein, que reprimiu violentamente, a oposição políticas e as minorias étnicas. No período pós-guerra foram encontrados covas coletivas e ex-presos que relatavam os anos de terror sob as mãos do governo iraquiano.

Contudo, a justificativa da guerra que era o fato do Iraque possuir armas de destruição em massa nunca foi confirmado. Devido a frustração de não se comprovar as acusações, começou a surgir especulações de que as armas foram levadas para a Síria (BLIX, 2004, p.372).

Para Blix (2004), o que se confirmou foi o que todos já sabiam, as armas iraquianas foram destruídas no verão de 1991, ordenadas pelo general Kamal²¹. Durante a ocupação foi criado o Grupo de Investigação do Iraque, liderado por David Kay. Um relatório foi apresentado em 2 de outubro de 2003 que "o grupo descobriu 'dezenas de atividades relacionadas a programas de armas de destruição em massa e grandes quantidades de equipamento que o Iraque escondeu da ONU durante as inspeções no final de 2002" (BLIX, 2004, p.375).

Desde o fim da Guerra Fria, o governo estadunidense havia retirado sua equipe de inteligência do Iraque, boa parte das informações adquiridas pelas agências de inteligência eram de desertores. "O governo Bush deu pouca atenção aos criteriosos relatórios de inspeção da ONU baseados em visitas aos locais, no exame detalhado dos registros do Iraque e nas entrevistas" (BLIX, 2004, p. 379).

O argumento de que o Iraque detinha armas de destruição em massa era o único possível para justificar uma intervenção militar no país, se fosse demonstrado, como no pós-guerra ficou evidente, de que o interesse era uma mudança de regime no país, talvez nunca nenhum dos dois, Estados Unidos e Reino Unido, tivesse a aprovação de seus Parlamentos para a Guerra no Iraque.

Para Blix, em março de 2003, ninguém, nem inspetores enviados por outros governos, poderiam afirmar com certeza de que o Iraque não possuía armas de destruição em massa. O governo de Saddam Hussein não era nada confiável, e não tinha a credibilidade

²¹ O general Hussein Kamel Hassan al-Majid desertou em 1995 indo à Amã, Jordânia. Lá confessou ao inspetor da UNSCOM, Rolf Ekeus, de que ordenará a destruição das armas de destruição em massa.

internacional para provar quer, sem dúvida, era "inocente" das acusações anglo-americanas. (BLIX, 2004, p.391)

No Iraque a política de contenção²² foi abandonada e aplicada a de contraproliferação²³. Os governos, estadunidenses e britânicos, preferiram considerar ineficaz a inspeção realizada por aproximadamente 200 inspetores com o custo de 80 milhões de dólares ao ano, para realizar uma operação militar que envolveu 300 mil homens e um custo de 80 bilhões de dólares ao ano (BLIX, 2004, p.396).

O princípio de autodefesa é legítimo entre Estados, agora como definir um ataque de antecipação baseado nesse princípio sem ao menos analisar a possibilidade do outro Estado de realizar um ataque? É como condenar um réu sem que ele tivesse cometido um crime, mas o condenaria para que evitasse que isso acontecesse.

3.3 SANÇÕES ECONÔMICAS CONTRA IRAQUIANOS

Milan Rai é um ativista britânico que tem um pensamento contrário a realização da Guerra do Iraque. No livro "Iraque: Plano de Guerra" busca combater a propaganda realizada pelos Estados Unidos e Grã-Bretanha que justificaram a guerra. Segundo Rai (2003), desde 1991, o governo dos Estados Unidos buscava uma mudança de liderança, e não de regime, no governo iraquiano. Para desmoralizar a figura de Saddam Hussein no cenário internacional, os governos estadunidenses, durante os anos 1990, buscaram interferir nos relatórios apresentados pela UNSCOM (1998) e pela UNMOVIC (2003).

Como forma de propaganda pró-Guerra, Washington aproveitou dos atentados de 11 de setembro de 2001 para justificar qualquer ação militar em qualquer parte do mundo. A mídia foi responsável por moldar a opinião pública. A intenção era fazer uma analogia entre os atentados de 11 de setembro com o ataque dos japoneses a base dos Estados Unidos de Pearl Harbor, 7 de dezembro de 1941.

²² A contenção é uma política de inspeção que consiste em: realizar "políticas externas, incluindo garantias de segurança, que promovam segurança global e regional e reduzam o incentivo à compra de armas de destruição em massa; compromisso com tratados, como o Tratado de Não-Proliferação e a Convenção de Armas Químicas, além de vários outros tratados regionais que estabelecem zonas livres de armas nucleares; inspeção e monitoramento para garantir que os compromissos sejam cumpridos e impedir fraudes; controles de transporte e exportação para dificultar a venda, o transporte e a produção de armas de destruição em massa." (BLIX, 2004, p.394)

²³ "A contraproliferação consiste em medidas mais ativas para prevenir e conter uma iniciativa de proliferação considerada em curso. Sabotagem contra laboratórios, indústrias ou instalações nucleares, bombardeio e várias formas de uso da força armada, incluindo a guerra, poderão ser utilizadas." (BLIX, 2004, p.395).

O argumento da Guerra ao Terror, o governo de George W. Bush (2001-2009) realizou a primeira de suas guerras no Afeganistão, com a justificativa de capturar Osama Bin Laden. O que não se noticiou na época dos eventos, foi que o governo afegão, comandado pelos talibãs, junto com líderes paquistaneses tentaram negociar a extradição de Bin Laden. Pela proposta, aceita até mesmo por Bin Laden, ele ficaria numa prisão domiciliar e seria julgado internacionalmente baseado na lei da *Shar'ia*²⁴. Essa possibilidade, pacífica ao impasse, foi recusada pelo governo Bush.

Durante os anos 1990, os Estados Unidos impuseram ao Iraque várias sanções econômicas. A primeira foi aprovada em agosto de 1990, a Resolução 661. Em abril de 1991 foi aprovada outra com caráter mais punitiva que visava a desarmar o Iraque, a Resolução 687, essa que foi utilizada como justificativa para realizar a guerra em 2003. Segundo Rai, Washington ordenou a sabotagem das inspeções. A UNSCOM, agência da ONU criada para inspecionar o Iraque durante os anos 1990, teve espões infiltrados, que de acordo com Rai (2003) tinha como objetivo assassinar Saddam Hussein.

Durante as inspeções realizadas pela UNSCOM, o governo iraquiano estava respeitando os prazos, como forma de sabotar as inspeções, os Estados Unidos buscaram colocar uma série de itens que estavam fora do acordo. Quando o relatório da UNSCOM foi apresentado ao Conselho de Segurança da ONU, os britânicos e os estadunidenses pediram a revisão das inspeções. Isso, aliado a denúncias de espionagem dentro da comitiva de inspetores, fez com que o governo de Saddam Hussein rompesse com a UNSCOM.

Como reação, em dezembro de 1998, Washington ordenou a retirada dos inspetores do Iraque, e realizou a Operação Raposa do Deserto, bombardeando o país por quatro dias. Portanto, para Rai (2003), a Guerra do Iraque começou antes mesmo de 2003. Além de realizar bombardeiros contra o Iraque, a CIA foi encarregada de realizar missões visando a captura e o assassinato de Saddam Hussein.

Em 1996 houve uma tentativa de golpe envolvendo membros da Guarda Republicana Especial, e generais exilados do Acordo Nacional Iraquiano. O golpe foi descoberto pelo governo de Hussein, que ordenou a execução de 120 oficiais da Guarda Republicana e Guarda Republicana Especial, além de funcionários do alto escalão pertencentes ao agente de segurança e inteligência.

Após o fracasso do golpe, o governo de Bill Clinton (1993-2001) acusou o governo iraquiano de produzir as armas de destruição em massa. Porém, o Iraque foi

²⁴ Código civil e penal baseado no Alcorão.

desarmado durante os anos 1990, em 1992 foram destruídos mísseis de longo alcance, em 1995 foi suspenso o programa nuclear, e em 1996 houve o fim da produção de agentes químicos e biológicos.

Os britânicos e estadunidenses queriam realizar um desarmamento quantitativo do Iraque, para isso recomendaram a UNSCOM à localizar, destruir, remover, e inutilizar as armas de destruição em massa e mísseis de longo alcance. Já os inspetores da ONU queriam realizar um desarmamento qualitativo que visava impedir a capacidade do Iraque na produção de armamentos.

Tendo a falha nas tentativas de assassinato e golpe contra Saddam Hussein, nos anos 2000, com a administração de Blair, Reino Unido, e Bush, Estados Unidos, houve a proposta de mudança de regime. Durante os anos 1990 houve uma tentativa de mudar o regime do Iraque, não proposta pelos anglo-americanos, mas pelo próprio povo iraquiano.

No pós-Guerra do Kuwait, o país estava mergulhado no caos social, havia revoltas no Norte, curdo, e no Sul, xiita, das dezoito províncias iraquianas catorze estavam sendo controlados por rebeldes. Contudo, como na época tanto britânicos quanto estadunidenses queriam apenas uma troca de líderes e não a mudança do regime, o cessar fogo de três de março de 1991 salvou a Força Aérea Iraquiana e a Guarda Republicana, possibilitando assim, a forte repressão do regime de Saddam Hussein contra os rebeldes. Além disso, os Estados Unidos impediram que os rebeldes tivessem acesso aos depósitos de armamentos, o que facilitou a permanência do regime do Baath no país.

Washington temia que, caso a revolta obtivesse sucesso, poderia desestabilizar a região, que se agravaria com a formação do Curdistão Iraquiano. Por isso, a política para tentar derrubar Saddam Hussein era o sistema de sanções econômicas. Havia a crença de que com o desarmamento do país comandado por forças estrangeiras, aliadas a uma recessão econômica, seria, suficiente, para gerar insatisfação no meio militar que se organizaria e daria um golpe contra Hussein.

A Guerra do Iraque foi ganhando apoio da população com a crescente propaganda pró-guerra. Em agosto de 2002, pesquisas de opinião realizadas, apresentavam que apenas 3% dos estadunidenses viam o Iraque entre os três maiores problemas da política externa.

Em Londres, ministros ligados ao governo do trabalhista Tony Blair, também eram contrários a ação militar no Iraque, como Jon Owen Jones, ministro do Gabinete de Gales, George Kowarth, ministro do Interior, Tony Loyd, ministro das relações exteriores, e Glenda Jackson, ministra para Londres (RAI, 2003, p.34-35). Afinal, o partido

trabalhista britânico tinha receio do dano político que a guerra causaria, e se de fato teria força política suficiente para derrubar Saddam Hussein.

Em 2002 tanto Blair quanto Bush, alegavam que suas agências de inteligência tinham provas irrefutáveis de que o Iraque tinha as armas de destruição em massa, desrespeitando a Resolução da ONU 687 de 1991 que proibia o Iraque de ter tais armas. Segundo os anglo-americanos, suas principais fontes de informação eram os oficiais desertores.

Nos Estados Unidos, a CIA ficou responsável de encontrar ligações entre o 11 de setembro e o Iraque. A imprensa estadunidense acusava Saddam Hussein de ter relações com Bin Laden. Algo difícil de ser verídico uma vez que Hussein era um secularista que chegou a perseguir clérigos islâmicos, enquanto Bin Laden estava ligado a grupos do Islã político. A grande mídia buscava convencer a opinião pública de que o governo de Hussein tentava impedir o trabalho dos inspetores, dessa forma, a única solução para acabar com a "ameaça" iraquiana era a invasão militar.

O prejuízo do Iraque com as sanções econômicas chegou a 232 bilhões de dólares (RAI, 2003, p.246). Durante os bombardeiros realizados na Operação Raposa do Deserto, o Exército estadunidense atacou áreas petrolíferas e de Energia. Sem o fornecimento de energia elétrica as bombas de águas não funcionaram prejudicando o abastecimento de água nas cidades. Com escasso fornecimento de água, a população ficou mais suscetível a doenças.

As sanções econômicas, também tiveram seu lado mortífero, levando a morte 47 mil crianças abaixo de cinco anos, em menos de um ano (RAI, 2003, p.252). As mortes ocorreram nos primeiros oito meses de 1991. A Guerra do Iraque só agravou a situação, ao todo, mais de 20 milhões de pessoas estavam vivendo em situação precária, num total de 23 milhões de habitantes (RAI, 2003, p.255).

Durante as sanções a mortalidade infantil no Iraque esteve em níveis alarmantes. De acordo com a UNICEF de 1984 à 1989 a mortalidade no Iraque era de 56 para cada 1.000 nascidos, em 1994-1999 esse número chegou à 131 para 1.000, mais que dobrou. A mortalidade infantil não ficou atrás, de 47 por mil entre 1984 à 1989, para 108 por mil entre 1994 à 1999²⁵. As estimativas é de que durante a década de 1990, 500 mil pessoas morreram no Iraque (RAI, 2003, p.321). Além do desastre humanitário, os Estados Unidos utilizaram

²⁵ A mortalidade infantil no Brasil durante os anos 1980 não era muito diferente da do Iraque, entre 1984 à 1989 a taxa ficou entre 57 à 40 por mil. Porém, nos anos 1990 houve uma mudança significativa em relação ao país iraquiano, alcançando os índices entre 34 à 27 por mil, nos anos de 1994 à 1998. (COSTA et al, 2003)

800 toneladas de urânio empobrecido na Guerra do Golfo, que contaminou o solo e as cidades iraquianas (RAI, 2003, p.383).

Diante de uma situação de calamidade, a comunidade internacional, liderada pela ONU, realizou o programa petróleo por comida. Para receber recursos provenientes do programa, o governo iraquiano deveria aceitar a visita de inspetores no país, além disso, a conta seria controlada pela ONU e não pelo governo iraquiano.

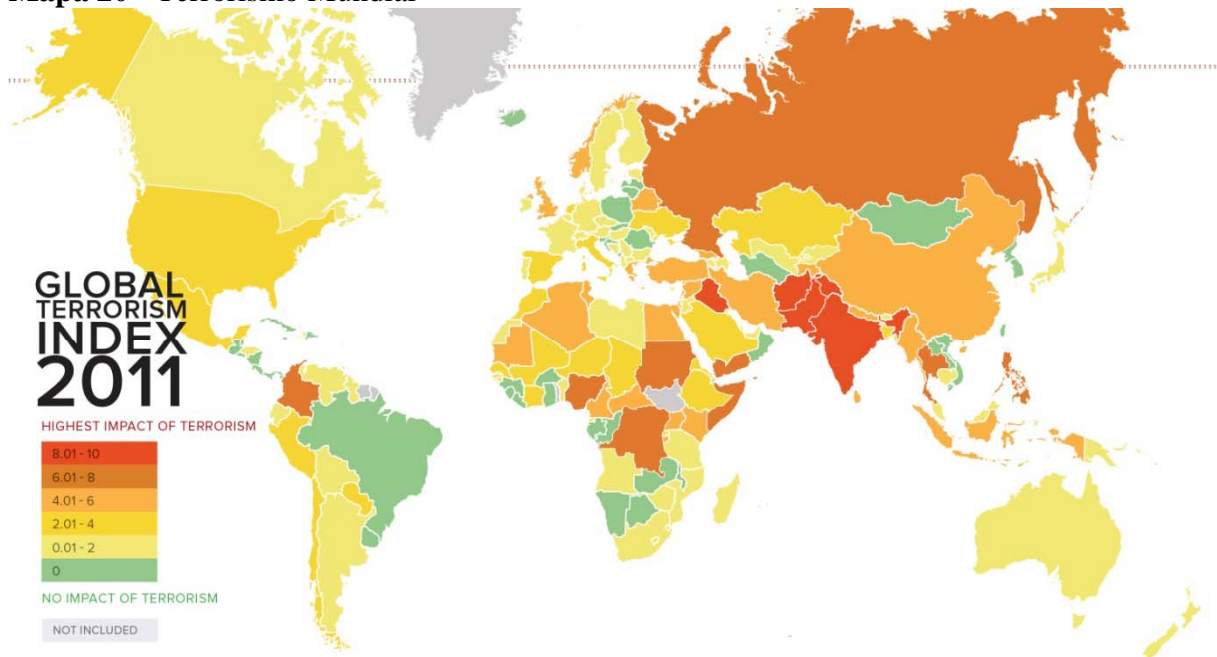
Para Rai é claro que o interesse dos Estados Unidos na Guerra do Iraque era os anglo-americanos controlarem o petróleo iraquiano. Segundo o autor, ambas as guerra de Bush poderiam ser evitadas, contudo sua administração buscou a opção bélica como forma de consolidar o poder americano na região.

3.4 INVASÃO DO IRAQUE: MARÇO DE 2003

O Mundo pós-2001 transformou-se. A esperança de uma nova ordem mundial sob a liderança incontestável dos EUA foi colocada em questão, quando houve os atentados de 11 de setembro de 2001. Paul Wolfowitz, secretário de Defesa substituto de Dick Cheney, na administração Bush pai, era uns dos defensores da doutrina da preempção (guerra preventiva):

em face da demandas dos 'dividendos da paz' após o fim das hostilidades da Guerra Fria, os Estados Unidos deveriam investir na manutenção de seu domínio militar na Europa e na Ásia preservando suas forças de ataque e estando sempre pronto a lançar ataques preventivos contra governos que, escapando às restrições do sistema imposto pelas superpotências, se estabelecessem como detentores de armas de destruição em massa - principalmente armas nucleares, mas também biológicas e químicas. Suas suspeitas recaíam sobre os países historicamente não-alinhados ou pró-soviéticos - Irã, Síria, Coreia do Norte, Líbia, e, é claro, Iraque (KEEGAN, 2005, p.122).

O grupo cercado pelos presidentes da família Bush fazia parte de um grupo político considerado de neoconservadores. Esse grupo acreditava na mudança de regime no mundo de ditaduras para a democracia liberal, tendo liberdade de imprensa. Desejam que o Estado de Israel fosse forte o suficiente para impor sua política territorial na região, e defendiam, também, o particularismo dos Estados Unidos em relação ao mundo.

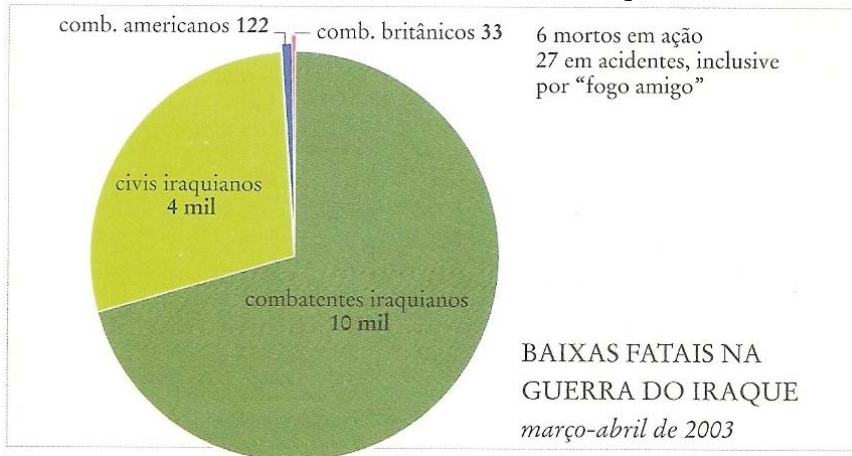
Mapa 20 - Terrorismo Mundial

Fonte: Disponível em: <<http://www.visionofhumanity.org/#/page/indexes/terrorism-index>>. Acessado em: 22 fev. 2014

O regime de Saddam Hussien tinha a pretensão de desenvolver um programa nuclear, em 1981, o exército israelense atacou o reator francês de Osirak. (KEEGAN, 2005, p.126). Além do programa nuclear, o governo iraquiano tinha utilizado de armas químicas e biológicas no período da Guerra Irã-Iraque (1980-1988). Por terem armas de destruição em massa, no passado, os estadunidenses aproveitaram para acusar o regime de Saddam Hussein, de que não tinham a destruído durante os anos 1990, e que assim, estava desrespeitando as resoluções da ONU.

Os conflitos pós-Guerra Fria necessitavam ser justificados juridicamente; por isso a necessidade das forças anglo-americanos tentarem alegar que o Iraque tinha as armas de destruição em massa. Em janeiro de 2003, o secretário de Defesa dos Estados Unidos, Donald Rumsfeld, enviou 60 mil soldados, aviões militares e navios de guerra para o Golfo Pérsico. No mesmo mês, o secretário de Defesa britânico, Geoffrey Hoon, enviou 26 mil homens além de 100 aeronaves para a região (KEEGAN, 2005, p.127).

Os britânicos e estadunidenses, sem encontrar respaldo nas inspeções, realizadas pelas UNSCOM, durante os anos 1990, e pela UNMOVIC, realizada entre 2002 e 2003, buscaram na Resolução 687 de 1990 que permitia o uso da força caso o Iraque não eliminasse as armas de destruição em massa, a justificativa para realizar a invasão.

Gráfico 5 - Número de Baixas na Guerra do Iraque

Fonte: (Smith, 2008, p.99.)

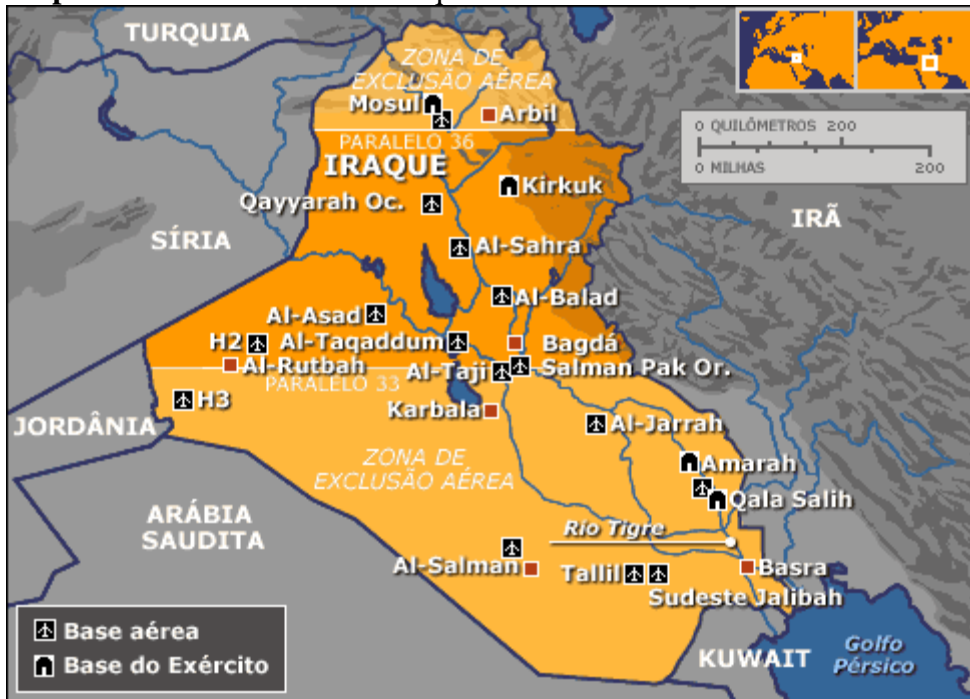
Os EUA obtiveram uma esmagadora vitória sobre o Iraque; a operação militar durou 21 dias, iniciou em 20 de março e terminou em 9 de abril de 2003. Ao olhar pelo tempo que durou e pelo baixo número de baixas, de 122 estadunidenses e 33 britânicos, a invasão foi um sucesso. Contudo, para Keegan (2005), o mistério é a palavra chave para entender a conquista do Iraque.

Primeiro, foi a justificativa para a guerra. Os governos anglo-americanos afirmavam, constantemente, que suas agências de inteligências tinham provas irrefutáveis de que o Iraque possuía armas de destruição em massa, desrespeitando, assim, as resoluções imposta pela ONU no período pós-Guerra do Kuwait. Outro mistério, foi que o Exército iraquiano não apresentou resistência as tropas invasoras, assim como a população continuou seguindo seu cotidiano durante o conflito. As forças de coalizão era formadas por Afeganistão, Albânia, Austrália, Azerbaijão, Bulgária, Colômbia, Costa Rica, República Tcheca, Dinamarca, República Dominicana, El Salvador, Eritreia, Estônia, Etiópia, Geórgia, Honduras, Hungria, Islândia, Itália, Japão, Kuwait, Letônia, Lituânia, Macedônia, Ilhas Marshall, Micronésia, Mongólia, Holanda, Nicarágua, Palau, Panamá, Filipinas, Polônia, Portugal, Romênia, Ruanda, Cingapura, Eslováquia, Ilhas Salomão, Coreia do Sul, Espanha, Turquia, Uganda, Reino Unido e Uzbequistão. Portanto, composta por uma diversidade lingüística e étnica, ao chegar em Bagdá, os co-aliados não encontraram nenhum vestígio do regime de Hussein.

Keegan questiona o fato de como um Exército de 400 mil homens, sendo 60 mil integrantes de uma força especial, (2005, p.18), não apresentar resistência a invasão de uma força de 200 mil homens. Na Guerra do Iraque houve um alto nível de deserção. A

primeira onda de deserção foi devido aos bombardeiros, a segunda foi com o avanço do aparato do exército anglo-americano.

Mapa 21 - As bases militares iraquianas



Fonte: Disponível em: <<http://www.bbc.co.uk/portuguese/especial/iraqkeymaps/page2.shtml>>. Acessado em: 22 fev 2014.

Quando as tropas anglo-americanas avançaram não havia um Exército a qual demonstrasse resistência e lutasse em combate. Nas Forças militares do Iraque havia três elementos: 1) a Guarda Republicana, fundada pelo presidente Arif nos anos 1960 com o objetivo de proteger o regime; 2) a Guarda Republicana Especial, comandada pelo filho de Hussein, Qusay, funcionava como segurança interna dentro do regime. Ambas Guardas com 60 mil homens (KEEGAN, 2005, p.162); 3) o Exército regular iraquiano, reduzido após 1991, de 40 divisões para 17, com aproximadamente 150 à 200 mil homens (KEEGAN, 2005, p.163).

Quanto às tropas irregulares, alguns soldados eram membros do Exército Popular fundado por Saddam Hussein durante os anos 1970, outros membros leais do partido Baath, e uma parte de antiocidentais vindos da Síria, Egito, Arábia Saudita, Argélia, Marrocos e Paquistão.

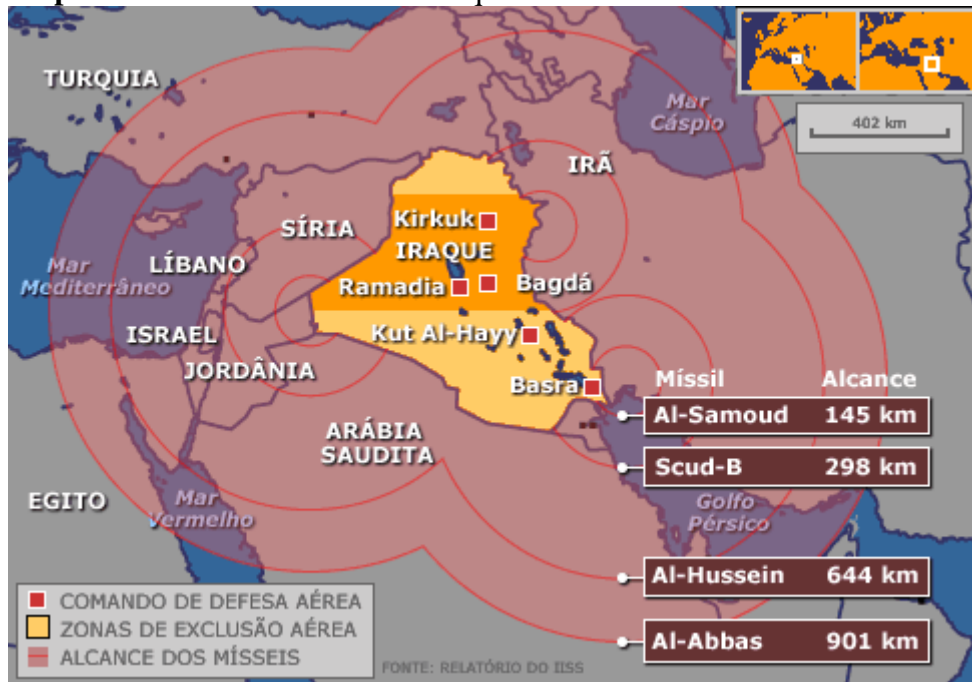
Todo o material bélico iraquiano era antigo, tinha mais de 50 anos de uso, e devido as sanções impostas, durante os anos 1990, não havia peças de reposição. A Força Aérea era, praticamente inexistente, depois sobretudo durante o período da Guerra do Golfo, em que vários aeronaves se refugiaram no Irã.

A Operação Iraque Livre começou a ser traçada em 1995 (KEEGAN, 2005, p.170) considerando três pontos de entrada no Iraque: a estreita faixa de litoral, a fronteira do Iraque com a Turquia, e o Kuwait, que poderia ser usado como trânsito de tropas. A Turquia, se relutou a deixar tropas estadunidenses partir um ataque do país, pois temia que uma desestabilização no Iraque pudesse dar a oportunidade dos curdos requererem a formação de seu Estado próprio.

Em entrevista realizada por Keegan com o General Tommy Franks, responsável pelo comando da Operação Iraque Livre, o oficial afirmou que Bush o chamou para uma conversa em dezembro de 2001, e o assunto era um plano de ação contra o Iraque. No Plano Inicial estava previsto uma operação com 500 mil homens, contudo, o andar do plano o general preferiu reduzir o contingente para realizar a invasão.

A Guerra do Iraque possuía cinco frentes: sul, oeste, norte, Bagdá, e a inteligência (KEEGAN, 2005, p.282). No norte, as informações falsas sobre o uso da 4ª Divisão da Infantaria que passaria pelo território turco até realizar ataques na região curda do Iraque surtiu o efeito desejado, pois fez com que Saddam Hussein instalasse tropas na região. Ao sul, houve o uso de forças especiais e a realização de operação com blindados em áreas habitadas (KEEGAN, 2005, p.282). As forças especiais tiveram como objetivo ocupar pontes para facilitar o transporte das tropas e eliminar os lançadores de *Scud*, ocupando possíveis terrenos em que pudessem ser lançados.

O ponto alto da campanha foi a conquista de Bagdá. O Aeroporto Internacional era o alvo principal da campanha, uma vez que permitiria um rápido abastecimento das tropas em terra, o que foi decisivo para a conquista da cidade. O serviço de inteligência foi de grande importância por enganar as tropas iraquianas, como no caso do uso da 4ª Divisão de Infantaria ao norte do país, além de fornecer informações cruciais para a vitória.

Mapa: 22 - Alcance dos mísseis iraquianos

Fonte: Disponível em: <<http://www.bbc.co.uk/portuguese/especial/iraqkeymaps/page3.shtml>>. Acessado em 22 fev. 2014.

O general estadunidense Franks não apoiava o mesmo modo operacional realizado em 1991, que visava ataques aéreos e logo após, o ataque terrestre, pois daria a oportunidade à Saddam Hussein de se fazer de vítima no cenário internacional, podendo mudar a opinião do Oriente Médio e de outros países sobre os ataques realizados pela coalizão. Havia o temor, também, que a realização de ataques aéreos poderia dar a chance a Hussein, de destruir os poços de petróleo, algo que os membros da coalizão anglo-estadunidense não aceitariam em hipótese nenhuma.

A estratégia realizada previa uma rápida campanha aérea somada ao ataque terrestre. Para evitar riscos de possíveis "danos colaterais", o uso de bombas inteligentes foi intensificado, chegando a 70% das utilizadas em operações militares. (KEEGAN, 2005, p.179). Os bombardeiros iniciais visaram a causar choque e terror, tendo como alvos militares sedes administrativas e do Partido Baath, após a guerra o general Franks negou tal estratégia. Outra estratégia realizada, antes do avanço das tropas em terra, foi utilizar o serviço de inteligência para convencer os comandos militares do Iraque a se desmobilizarem, o que obteve relativo sucesso.

A ofensiva convencional tinha objetivos mais substanciais. Haveria duas investidas levadas a efeito pela 3ª Divisão de Infantaria, a partir do Kuwait, subindo o Vale do Eufrates, com os veículos da divisão rumando pelo deserto antes de voltarem para alcançar as estradas principais e avançar sobre Bagdá via Karbala. A 1ª MEF avançaria, simultaneamente, a partir do Kuwait, pela Rodovia 1, via Jalibal e Nasiriyah, entre o Eufrates e Tigre, mas enviando um de seus regimentos para alcançar o Tigre em Kut (local de um desastre militar britânico nas mãos dos turcos na Primeira Guerra Mundial) antes de chegar à Rodovia 6, também para chegar a Bagdá. (KEEGAN, 2005, p.185).

Isso daria uma vantagem para as tropas avançarem para pontos estratégicos que permitiria a conquista da cidade. As tropas de operações especiais tiveram importância fundamental para a conquista da cidade, abrindo o caminho para as tropas da 3ª Divisão.

A Força-Tarefa Tarawa seguiria de perto a 1ª MEF para tomar as cidades do Sul. Tropas da 82ª Divisão Pára-quedista e da 101ª Divisão de Assalto Aéreo atuariam no sentido de tomar posições próximas a Bagdá. Em uma operação totalmente separada, a 1ª Divisão Blindada (do Reino Unido), com suas brigadas de comandos e de assalto aéreo, capturaria e ocuparia a região mais baixa do vale dos grandes rios e tomaria Basra, segunda cidade do Iraque (KEEGAN, 2005, p.185).

O primeiro objetivo principal foi o campo petrolífero de Rumaila, ao Sul do Iraque próximo a Basra, nessa área havia aproximadamente mil poços. Outro campo de grande importância ficava no norte curdo, chamado de Kirkul-Mosul. Segundo Keegan, os poços de petróleo era vital para a reconstrução do Iraque, o campo de Rumaila, gerava uma receita de 40 milhões de dólares por dia (KEEGAN, 2005, p.183). A coalizão, logo conquistado a região, levou técnicos para manter operando as 12 usinas de separação de gás de petróleo, além do 1º Batalhão do 7º Regimento de Fuzileiros ocuparam a região e a instalações de petróleo (KEEGAN, 2005, p.183).

O Exército liderado pelos americanos, encontraram resistência na cidade de Nasiriyah, importante cidade para subir o rio Eufrates até Bagdá. A resistência não era composta por militares regulares, mas por guerrilheiros fedayins²⁶ e membros do partido Baath. Após alguns embates, a cidade foi conquistada no final de março. Para tomada de Bagdá era necessário que a "3ª Divisão de Infantaria e a Primeira MEF chegassem a linha de partida simultaneamente" (KEEGAN, 2005, p.194). Os comandantes terrestres preferiram realizar uma pausa para reorganizar as tropas para realizar o ataque sob Bagdá. Enquanto as

²⁶ Grupo estrangeiro anticidente, o termo *fedayins* significa devoto e martírio em árabe.

tropas se reorganizavam, a Força Aérea da coalizão realizou bombardeiros usando bombas JDAMs (*Joint Direct Attack Munition*) que destruíram a sede do partido Baath.

A conquista da região de Bagdá foi a operação que mais utilizou material bélico, mil mísseis antitanque *hellfire*, dois mil litros de artilharia, de 155mm e 105mm, e um míssil MLRS (Sistema de Lançamento Múltiplo de Mísseis). Houve também 135 missões das aeronaves de apoio. "Os helicópteros da divisão destruíram 256 sítios e veículos de defesa antiaérea, 110 metralhadoras e lançadores de mísseis, 287 veículos blindados, outros 800 veículos e muitos abrigos e outras posições de fogo" (KEEGAN, 2005, p.202-203).

Para conquistar Bagdá, os fuzileiros navais abririam um corredor em Karbala e as tropas terrestres segurariam a retaguarda. Também, as tropas tiveram que conquistar a barragem de Hadithat, para facilitar a entrada de blindados e carros de combate na capital iraquiana. Os Rangers foram os responsáveis por conquistar e controlar a barragem, conseguiram obter êxito em sua missão, mesmo após os contra-ataques da Guarda Republicana.

A Guarda Republicana apresentou resistência no aeroporto Internacional de Bagdá, foco estratégico para conquista da cidade, uma vez que o local era ideal para uma base aérea que poderia dar apoio as tropas terrestres. Outro foco de resistência foi dos *fedayings*, que lutavam até a morte, sem coordenação, e utilizando os veículos que encontravam.

Em 5 de abril a 3º Divisão de Infantaria, 1º Batalhão do 64º Regimento Blindado deslocaram rumo ao sul da cidade de Bagdá (KEEGAN, 2005, p.239). No centro administrativo de Bagdá as tropas de Saddam Hussein apresentaram uma relativa resistência, havia alguns remanescentes do Exército regular, Guarda Republicana, facções anti-ocidente, e aproximadamente, 15 mil *fedayins*.

Contudo, as forças de Saddam Hussein, estavam mal equipadas e não tinha uma organização militar eficaz para resistir a investida da coalizão. A coalizão teve enfrentamentos, também, para fechar o cerco a Bagdá, próximo a Rodovia 1, um auto-estrada que ligava Bagdá à Tikrit, local onde residia o poder familiar e tribal de Hussein (KEEGAN, 2005, p.240).

Nos dias sete e oito de abril a 1º Força Expedicionário dos Fuzileiros Navais havia tomado o centro e o distrito governamental, a cidade estava dessa forma, praticamente dominada. A Guerra do Iraque foi midiática, tendo o acompanhamento jornalístico nas vistorias realizadas em Bagdá. Em 9 de abril, com a derrubada realizada por civis com o apoio dos fuzileiros da estátua de Saddam Hussien, foi a data escolhida pela mídia, que transmitiu mundialmente a queda da estátua como forma de representar a queda do regime de Saddam

Hussein. No mesmo dia, as tropas invasoras ocuparam os palácios e os ministérios do governo de Saddam Hussein.

Keegan demonstra que os ataques não causaram muitos "efeitos colaterais", evitando a morte de vários civis. As forças de coalizão dispensaram os soldados do exército iraquiano e libertaram os detidos em combate, somente os líderes do regime foram alvos de prisão. Após a conquista, o Exército Iraquiano, e a polícia, assim como qualquer força de segurança iraquiana foi desmobilizada. O único Ministério protegido pelas tropas invasoras foi o do Petróleo que facilitaria a reconstrução do país. Keegan alega que os demais não foram protegidos devido a poucas tropas que havia para proteger os prédios públicos. (2005, p.253).

No pós-Guerra o Iraque entrou em completo caos político e social, saqueadores, geralmente pessoas pobres e ex-presos, carregavam tudo o que podiam sem ter qualquer repressão pelas forças invasoras. Para os conquistadores, as principais baixas das forças de coalizão ocorreram após a conquista. Apesar dos guerrilheiros causarem danos a elementos estratégicos da ocupação do Iraque, pesquisas mostravam que 80% da população iraquiana era favorável a queda do regime de Saddam Hussein (KEEGAN, 2005, p.255).

No sul xiita e norte curdo a aprovação era, praticamente, total. O principal grupo islâmico que atuava no Iraque era o Ansar al-Islam, aliado a Al-Qaeda, liderado por Mustafá Kriekar. O objetivo do grupo era a restauração do Califado (KEEGAN, 2005, p.256). Porém, tanto o norte quanto o sul do Iraque queria conquistar sua autonomia, e não tolerariam por muito tempo a presença de tropas estrangeiras no país, retirando as riquezas nacionais. Ambos queriam fazer parte do poder no "Novo" Iraque pós-Saddam Hussein.

Os britânicos eram pragmáticos, restauraram os serviços essenciais, como escola, hospitais e fornecimento de energia, já os americanos eram mais ideológicos, queriam transformar o regime ditatorial de Saddam Hussein em uma democracia liberal. Antes da ocupação do Iraque o Departamento de Estado dos Estados Unidos tinham um documento intitulado como "Projeto Futuro do Iraque", elaborado para reconstrução de um governo de transição, tal plano não foi utilizado no pós-guerra, os neoconservadores preferiram passar a administração do país para um grupo de líderes iraquianos sem experiência política, num prazo de 90 dias.

O Gabinete de Reconstrução e Ajuda Humanitária (ORHA) comandada pelo General Garner era favorável a transição para uma democracia liberal iraquiana. O general acabou sendo substituído por Paul Bremer, que transformou a ORHA em CPA (Autoridade Provisória da Coalizão). Ele tentou formar uma nova força policial iraquiana com 40 mil

homens, os recrutados não poderiam ter ligação com o regime de Saddam Hussein, o objetivo era combater o crescente terrorismo no país.

Contudo, o erro de Bremer foi dispensar o Exército, o que acabou fornecendo aos grupos terroristas uma boa mão-de-obra de combatentes. Outro erro, foi a "desbaathização"²⁷ do Estado iraquiano, que removeu membros do partido Baath do governo. Foi formado o Conselho de Governo do Iraque com 25 membros de várias etnias e tendências religiosas, tendo até mesmo a presença de mulheres, algo impensável até no governo secular de Hussein. Para auxiliar a reconstrução do país, em julho de 2003 foi liberada as primeiras remessas de 100 milhões de dólares, o restante seria financiado com a venda do petróleo (KEEGAN, 2005, p.259-260).

Em 22 de maio de 2003, a Resolução da ONU 1.483 pôs fim as sanções ao Iraque, existentes desde os anos 1990, e reconheceu o governo da Autoridade Provisória da Coalizão e do Conselho de Governo do Iraque. A ocupação do Iraque contou com o apoio de tropas de 35 países, houve também a formação do Grupo de Inspeção do Iraque liderado por David Kay, antigo inspetor estadunidense de armas na ONU, responsável por encontrar as armas de destruição em massa, a qual nunca foram encontradas (KEEGAN, 2005, p.261).

O relatório de Kay, apresentado ao Senado em janeiro de 2004, apontou a impossibilidade do governo de Hussein possuir grandes quantidades de armas de destruição em massa. Kay acreditava que Hussein havia transferido suas armas de destruição em massa para a Síria, e que havia retomado os programas de mísseis balísticos e de armas nucleares. Contudo, a justificativa para a ação militar anglo-americana nunca foi confirmada.

No capítulo seguinte será demonstrado o olhar dos soldados sobre a Guerra do Iraque, por meio de cartas enviadas ao cineasta Michael Moore. Outro tema é sobre os vencedores da Guerra, os quais não foram os soldados que deram suas vidas em campo de batalha, mas as Empresas Militares Privadas que fizeram contratos milionários com o governo norte-americano, aproveitando da Guerra e ocupação do Iraque para maximizar seus lucros. Também, será abordado sobre os veteranos de guerra, alguns como relatados nas cartas não conseguiram tratamento psicológico no pós-guerra, outras tiveram um destino mais terrível, pois há casos de veteranos que foram contaminados radioativamente, devido ao uso de munição com Urânio Empobrecido.

²⁷ A desbaathização foi semelhante, ao plano realizado pelos aliados após a Segunda Guerra Mundial, de desnazificação do Estado Alemão, o qual tinha como objetivo retirar qualquer membro do partido nazista das funções governamentais.

4 QUEM GANHA, QUEM PERDE

4.1 MOORE E O PATRIOTISMO EM QUESTÃO

Como documentaristas, nós não temos muito interesse por ficção. Mas vivemos em tempos nos quais eleições fictícias, com resultados fictícios, elegeram um presidente fictício, que nos leva à guerra por motivos fictícios.

Michael Moore Premiação do Oscar 2013

Michael Moore nasceu em Flint, Michigan no ano de 1954, quando o mundo que vivenciava a Guerra Fria - o embate entre Leste e Oeste. Em seu primeiro filme, *Roger & Me* (1989) demonstra seu olhar crítico em relação ao aumento no nível de desemprego nos Estados Unidos causado pelo processo de transferência da General Motors para o exterior. A sua filmografia também tem, como característica, a crítica contra o uso de armas pelos civis americanos, apresentado em *Tiros em Columbine* (2002)²⁸, que lhe rendeu o Oscar de melhor documentário. Ou ainda, críticas ao governo Bush (2001-2009), como em *Fahrenheit 9/11* (2004)²⁹ em que o cineasta mostra como a administração dos republicanos construiu a necessidade da guerra no Iraque (2003).

Na premiação do Oscar de 2003, Moore discursou em severo tom crítico contra a administração Bush, acusando o comandante-em-chefe das Forças Armadas de enganar o seu povo quanto as supostas razões em relação à guerra do Iraque. Segundo Moore, "o secretário da Segurança Interna dos Estados Unidos, Tom Ridge, recomendou que o povo norte-americano estocasse fita de vedação para ser usada em janelas e portas contra possíveis ataques biológicos" (MOORE, 2004, p.20).

Na época, Moore teve de enfrentar fortes críticas sobre seu posicionamento político, durante e após seu discurso; mesmo assim, em 2004, no período eleitoral, Moore fez campanha para o candidato democrata, John Kerry, demonstrado, posteriormente, no filme *Slacker Uprising* (2008)³⁰. Durante a campanha de 2004 e neste filme, Moore enfatizou sobre a questão do soldado no Iraque. Mostrou que estava recebendo várias cartas de combatentes, no país do Golfo Pérsico, desanimados por estarem lutando em um conflito que consideram injusto. Dessa forma, durante a campanha pró-Kerry, Moore defendeu a bandeira do "Withdrawal the Troops".³¹

²⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cr8ZstJHNz8>. Acessado em: 23 fev. 2014.

²⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rxiNYUFiiJ4>. Acessado em 23 fev. 2014.

³⁰ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=FEI_GNob9Ws. Acessado em 23 fev. 2014.

³¹ Retirada das tropas no Iraque

No final de 2003 e durante o ano de 2004, o cineasta começou a receber cartas de combatentes estadunidenses, tanto no Iraque quanto ao redor do mundo. Uma parte dessas cartas foram selecionadas no livro "Cartas da zona de Guerra: algum dia voltarão a confiar na América" publicado em 2004.

Tabela 1 - Cartas separadas de acordo com os temas

Q.G 32	C.I 33	G.T 34	R	S.G 35	G.J 36	R.I.G 37	M.F 38	R.E.P 39	T.P.C 40	V.C 41	V.T 42	Q.C.P 43	An. 44	N. ⁴⁵
15	1	1	2	8	2	2	2	1	1	1	1	1	7	31

Fonte: MOORE, Michael. Cartas da zona de Guerra: Algum dia voltarão a confiar na América. São Paulo: Francis, 2004.

No livro há 38 cartas de soldados que estavam a combater pela defesa dos EUA no longínquo Oriente Médio, em pleno Iraque. Nelas, estão demonstradas a insatisfação dos soldados em relação ao contato com a população civil iraquiana, obviamente hostis à presença militar americana em seu país. Outros soldados relataram o medo que tinham de, no início da guerra, serem atacados com armas químicas e biológicas. Os combatentes, também afirmam que a causa da Guerra é o petróleo e não as supostas armas químicas. Portanto, sentem-se enganados pelo seu governo dito democrático e liberal, uma vez que a propaganda do Iraque possuir armas de destruição em massa não foi comprovada com a invasão.

Quanto às cartas, do total de 38, identificadas estão 31 com nomes, as demais são anônimas, quiçá com medo de retaliação caso retornassem vivos. Três são de mulheres e 35 de homens. Quinze cartas questionam o conflito, de por quê os Estados Unidos

³² Questiona a Guerra

³³ Crítica à Imprensa

³⁴ Guerra ao Terror

³⁵ Situação do soldado na guerra

³⁶ Guerra Justa (para libertar o povo iraquiano do "tirano" Saddam Hussein) - contudo questiona o fato de terem lutado nela

³⁷ Recusa em ir para Guerra

³⁸ Menciona os filmes

³⁹ Relato de Empregados de Empresas Privadas

⁴⁰ Tratamento a População Civil

⁴¹ Volta para casa

⁴² Veterano de Guerra - que não quer mais ir para Guerra nenhuma

⁴³ Questiona a convocação de seu pelotão. Muitos que se alistaram na Guarda Nacional questionam o fato de terem que lutar no Iraque

IMPORTANTE: tanto nas Forças Armadas quanto na Guarda Nacional, o motivo para se alistar é o financeiro, desde de comprar uma casa até cursar a Universidade

⁴⁴ Anônimos

⁴⁵ Nominal

se envolveram nessa guerra; também criticam a imprensa por não ter questionado as fontes governamentais; uma, inclusive, faz referência a Guerra ao Terror.

Oito descrevem a situação cotidiana do soldado, suas necessidades e as dificuldades do dia a dia. Nessas cartas os combatentes reclamam da alimentação, alojamento, e equipamento bélico, como carros sem o kit de blindagem.

Em duas, soldados afirmam até que a guerra foi justa por ter tirado um tirano no poder, contudo questiona o quão esse tirano representava uma ameaça real à segurança nacional dos Estados Unidos, há milhares de milhas de distância. Já em duas cartas há relatos de pessoas que se recusaram a ir para guerra, neste caso o soldado ficou no campo de treinamento e não foi ao Iraque, pois os superiores acreditavam que esses soldados poderiam colocar em risco a moral de seus companheiros em armas. Outras duas mencionam os filmes de Michael Moore, *Tiros em Columbine* e *Fahrenheit 9/11*.

Finalmente, duas cartas relatam como se deu o alistamento, motivado por interesse financeiro - desde empréstimos para a compra da casa própria, ou o acesso à Universidade. Uma carta é o relato de um empregado de uma empresa privada. Outras cartas, uma de cada, é o relato de um empregado de uma empresa privada que mostra o superfaturamento para aumentar os lucros das empresas militares; a outra narra a relação que teve com a população civil que hostilizava a ocupação das tropas estrangeiras, porém alguns combatentes que iam reconstruir o país não compreendiam tal hostilidade. Numa o soldado retrata sua volta para casa; um é o desabafo de um veterano de guerra que não deseja mais lutar em guerra nenhuma. Finalmente, outro questiona a convocação de seu pelotão, pois o combatente tinha se alistado na Guarda Nacional, uma força de segurança interna, contudo o governo Bush a utilizou na ocupação do Iraque.

Das 38 cartas presentes no livro, foram selecionadas para essa análise 15 que mostra a angústia desses combatentes, a críticas de lutarem numa guerra sem sentido, e os grandes vencedores da guerra, que não são os soldados estadunidenses, mas empresas militares privadas que obtiveram contratos bilionários, e as companhias de petróleo que se aproveitaram da justificativa das armas de destruição em massa para aniquilar o regime e o povo iraquiano. Ao ler as cartas percebe-se o tom patriótico dos combatentes que lutaram no Iraque. Todos mostram, por mais que não consideram justo sua ida à guerra, sua vontade em defender seu país.

Nas cartas há uma referência ao sentimento de defender o país, até mesmo aqueles que criticam a guerra, não se dizem desertores muito menos traidores da pátria. Para definir o conceito de nacionalismo, é necessário de uma definição diferente da maneira

clássica que o entendia o como identidade cultural de quem pertence à “comunidade imaginária”, com a mesma língua, etnia, história, território e cultura em comum. Afinal, o *melting pot* nos EUA, com suas inúmeras influências estrangeiras para além do WASP - *White Anglo Saxon Protestants*, os americanos não atendem aos critérios fundamentais de um Estado-nação. É antes a um império multiétnico, de território contínuo e não contínuo (Alaska), com domínios ultramarinos (Hawaí e inúmeras ilhas no Pacífico e Índico que servem como bases militares).

Visando definir o nacionalismo para o caso dos Estados Unidos, o historiador Eric Hobsbawm (1917-2012), no livro "Nação e nacionalismo desde 1780" apresenta uma definição incompleta desse conceito. Segundo ele, o que caracteriza nação é a modernidade; ele dá o exemplo de que, no Dicionário Real da Academia Espanhola, terminologias como Estado, nação e língua tem outro sentido do atual (HOBSBAWM, 2011, p.27). Antes de 1884 a palavra nação abrangia os habitantes de uma província, país ou reino. Após esta data, ela passa a significar Estado com um governo comum.

Ainda em relação ao conceito, no Dicionário da Academia Espanhola o termo nação só aparece em 1925, definindo-a como um conjunto de pessoas com mesma origem étnica, língua e costumes em comum. Anterior ao século XIX, no dicionário espanhol de 1726 a palavra pátria - *pater* - terra do pai, ou seja, onde se nascia ou região pertencente a um Estado (HOBSBAWM, 2008, p.28).

O conceito nação surgia para definir grandes grupos fechados em suas guildas e corporações. Hobsbawm lembra que, na Época Moderna, os Estados eram heterogêneos, multi-étnico, políglotas, embora não nacionais no sentido contemporâneo. No século XIX, nação passa a ser usada no discurso político e social como princípio das nacionalidades mas, no caso dos EUA:

o significado fundamental de "nação", e também o mais frequentemente ventilado na literatura, era político. Equalizava "o povo" e o Estado à maneira das revoluções francesa e americana, uma equalização que soa familiar em expressões como "Estado-nação", "Nações Unidas" ou a retórica dos últimos presidentes do século XX. Nos EUA, o discurso anterior preferia falar em "povo", "união", "confederação", "nossa terra comum", "público", "bem-estar político" ou "comunidade", com o fim de evitar as implicações unitárias e centralizantes do termo "nação" em relação aos direitos dos estados federados. [...] a "nação" era o corpo de cidadãos cuja soberania coletiva os constituía como um Estado concebido como sua expressão política (HOBSBAWM, 2011, p.31).

Nas Revoluções liberais (nas Treze Colônias e a Francesa) o conceito de nação inclui o de cidadania devido ao governo civil do Estado. Hobsbawm (2011) afirma que, no caso dos Estados Unidos, o conceito de nação se difere do tradicional, que definia a nação como pessoas pertencentes ao mesmo território, língua, religião, e passado e costumes em comum como:

se do ponto de vista revolucionário "a nação" tem algo em comum, não era, em qualquer sentido, a etnicidade, a língua ou o mais, mesmo que estas também pudessem ser indicação de vínculo coletivo. Como mostrou Pierre Vilar, o que caracterizava o povo-nação, visto de baixo, era precisamente o fato de ele representar o interesse comum contra os interesses particulares e o bem comum contra o privilégio, como na verdade é sugerido pelo termo que os americanos usaram antes de 1800 para indicar a existência de nações, embora evitassem a própria palavra (HOBSBAWM, 2011, p.32).

A nacionalidade estadunidense não seria estatal enquanto a francesa seria definida pela língua, as leis e suas liberdades. Assim, durante o século XIX desenvolveram-se dois conceitos de nação: o revolucionário-democrático e o nacionalista. No conceito de nação revolucionário-democrático havia a ideia de ser formado pelo povo-cidadão; no nacionalista, a relação Estado-nação-povo fundou e uniu comunidades distintas.

Tanto franceses, quanto estadunidenses necessitavam criar um conceito de nação próprio, pois ambos adquiriam territórios, no decorrer do tempo, que historicamente não lhes pertenciam. O caso da França, por exemplo na conquista da Alsácia-Lorena do Sacro Império na Guerra dos Trinta Anos; dos Estados Unidos, anexação de territórios pertencentes ao México. Ou seja, Texas, Novo México, Colorado, Nevada, Arizona, Utah, e Califórnia, além vários territórios pertencentes à indígenas na conquista do oeste. (HOBSBAWM, 2011, p.36)

No século XIX, a democratização da sociedade tornou-se o meio oficial de legitimação desse novo conceito de nação e, conseqüentemente, da relação entre indivíduo e Estado. Além disso, o Estado-nação também foi moldado por questões econômicas, para assegurar a "riqueza da nação" e atender à economia de mercado, tais como, segurança a propriedade e aos contratos; uma moeda e um banco nacional pois, para os economista liberais, a nação deveria fornecer uma unidade viável ao desenvolvimento econômico.

Na mentalidade dos liberais do século XIX, o Estado deveria ser territorialmente grande o suficiente para abarcar uma nacionalidade mas, após 1945, o sentido de nação alterou e abrigou a fundação de micro-Estados, principalmente após a chamada descolonização. Essa heterogeneidade era bem vista, pois o conceito de nação visava a unir povos. Segundo Hobsbawm, haveria três critérios para definir uma nação: a associação

histórica com um Estado existente; uma elite cultural estabelecida; a capacidade de conquista para expansão (2011, p.51).

Para o liberalismo do século XIX, a nação representa um estágio da evolução alcançada; assim, a sua construção se aplicaria somente a certas nações e alguns territórios. No final do século XIX, o princípio da nacionalidade ganhou força com a consolidação da democracia liberal e a política de massas. (HOBSBAWM, 2011, p.55). Portanto, como o conceito de nação se transforma com o tempo, evidencia que foi forjado nas Revolução Americana e Francesa para definir o novo tipo de sociedade que surgia, tendo como princípios a economia de mercado, o sistema político democrático como nação definida pelo princípio político de cidadania e não somente cultural.

Por mais que Hobsbawm (2011) tenta reformular o conceito de nação, pelas Revoluções Liberais, a qual trouxe um caráter político, além do que de uma necessidade cultural, este conceito não é suficiente para compreender o caso norte-americano. Nas cartas há uma conotação de pátria, que significa pertencer a um determinado território, assim os soldados demonstram um sentimento de patriotismo, aquele que ama sua terra. Ao serem convocados, os combatentes visaram defender a terra que amam, por isso ficaram frustrados quando perceberem que seu comandante em chefe os havia enganados, com um argumento que se mostrou falso com o tempo, que era o fato do Iraque possuir as armas de destruição em massa.

4.2 A VOZ E A VEZ DOS SOLDADOS

Não posso senão expressar meu afeto e gratidão ao júri, ao Festival, a Gilles Jacob, Thierry Frémaux, Bob e Harvey de Miramax, a toda equipe que trabalhou neste filme. [...] Algo me faz suspeitar que com o que tenho feito hoje aqui e a resposta de todos no festival conseguirão que muitos estadunidenses vejam o filme. Não posso deixar de agradecer-los. Estão ajudando a esclarecer isto; há muita gente que quer a verdade e outra que quer escondê-la no guarda-roupa, simplesmente olhar para outro lado. Em uma ocasião um grande presidente republicano dos Estados Unidos disse: «Se tão somente dar a gente a Verdade, os republicanos, os estadunidenses se salvarão». [...] Dedico esta Palma de Ouro à minha filha, aos meninos e meninas estadunidenses, e ao Iraque, e a todos aqueles que no mundo inteiro estão sofrendo pelas nossas ações".

Diretor Moore na premiação recebida Festival de Cinema de Cannes.

A primeira carta analisada, endereçada para o e-mail de Moore foi do soldado Al Lorentz, enviada em 22 de maio de 2004. O combatente critica o fato de lutar na guerra do Iraque, afirma que:

[...] cada um de nós do exército faz um juramento para apoiar e defender a Constituição dos Estados Unidos. Esta guerra nada tem a ver com apoiar e defender a Constituição. Os militares servem para defender a república e não para derrubar ditadores, constituir uma 'democracia' ou tornar um mundo melhor para todos. Embora, em determinadas ocasiões, esses objetivos sejam nobres, não podem ser uma atividade de uma sociedade livre e democrática, caso contrário ela deixará de ser uma república e se tornará um império (MOORE, 2004, p.24).

O combatente, assim, questiona os valores pregados pelos Estados Unidos, de ser um país democrático e livre, em que todos tem sua voz, e deve lutar para defender a liberdade conquistada pelos seus pais fundadores. Também, fez uma crítica ao governo Bush estar acabando com a República e a transformando num Império. Deve-se ressaltar, contudo que os Estados Unidos é um Império muito antes do início da administração Bush (2001-2009).

Após a Segunda Guerra Mundial, com a queda gradual do Império Britânico, mas a manutenção da *Commonwealth of Nations* (1946), uma união econômica por Londres, Washington aumentou sua influência política em várias partes do mundo, na política de contenção de possível avanço soviético. Com isto também dividiram com Moscou a disputa pelas jovens nações que se tornavam independentes das metrópoles.

O desmembramento parcial da URSS, a simbólica Queda do Muro de Berlim o fim dos países satélites no leste europeu e a fundação da Federação Russa em 1991, encerravam a Guerra Fria. A reunificação da Alemanha Oriental com Ocidental, acordada no Tratado 4 + 2, encerrava uma longa era que remontava à revolução bolchevique em 1917. Para Washington, as oportunidades dos EUA tornaram-se ainda mais promissoras, baseados em propaganda falaciosa de que eram os vencedores da Guerra Fria.

Entretanto, a gradual fragmentação do Império Soviético começou com enfrentamentos do movimento Solidariedade, na Polônia nos idos da década de 1980, espalhou-se lentamente para os países bálticos, para Hungria e finalmente Alemanha Oriental. E, a partir de então Washington, leia-se o Pentágono e Nova Iorque, considerava-se soberana, sem rival a altura para questionar seu poder militar, bélico e financeiro sobre a economia mundial.

Embora a URSS tenha se fragmentado parcialmente, nos negócios diários a moeda corrente continuou a ser o rublo, ainda que sob galopante desvalorização, de modo que foi mantida com a fundação da Comunidade dos Estados Independentes - a CEI. Ou seja, um bloco econômico que ia do Mar Báltico ao Oceano Pacífico, dos Mares Negro e Cáucaso ao Ártico.

A carta de Rick Bauer escrita em abril de 2004, demonstra que o combatente se alistou para a Guerra devido aos atentados de 11 de setembro supostamente cometido pelo grupo terrorista Al-Qaeda:

Tivemos orgulho de fazer a nossa parte pelos Estados Unidos e pela segurança do mundo. [...]. Fui enviado para cá dois anos atrás como parte do esforço de guerra no Afeganistão. Mas quando os tambores de guerra começaram a rufar pelo Iraque, não consigo descrever a sensação de afundamento que muitos de nós sentiram aqui. [...]. Enquanto os países do Golfo, sem exceção, desprezam Saddam e seus filhos, a invasão do Iraque é vista, quase sem exceção, como uma competição de ressentimentos entre os Bushs e os Husseins. (MOORE, 2004, p.26)

O soldado afirma, orgulhoso, o fato de ter participado da Guerra do Afeganistão, a considerando como uma "guerra justa". Dessa forma, para Bauer a guerra do Iraque é uma continuação da política de Bush pai (1989-1993). Para o soldado, a Guerra contra o Iraque não tinha correlação nenhuma com a Al-Qaeda e os atentados de 11 de setembro.

Sobre o recrutamento, o soldado Kyle Waldman enviou sua carta em fevereiro de 2004. Nela afirma que as razões que o levaram a se alistar no Exército dos Estados Unidos foi os 35 mil dólares prometidos para a Universidade. Waldman também lembra que: "quando um candidato a alistamento chega ao posto de recrutamento, a coisa que nos atraiu não foi um cartaz dizendo 'Venha e morra por nós, mesmo que isso vá contra tudo o que você acredita'. Foi o 'Receba US\$ 35.000 para a universidade!'" (MOORE, 2004, p.29).

Para muitos cidadãos estadunidenses pobres, alistar-se nas Forças Armadas é uma como forma de ascensão social pois prometem ao veteranos de guerra várias facilidades além do soldo. São empréstimos, pagamento de mensalidades em cursos de nível superior, a um baixo risco, pois se tem em mente que o indivíduo lutará no mais poderoso Exército do mundo. Waldman, também, afirma que os Estados Unidos fizeram uma campanha visando a desumanização do povo iraquiano. Contudo, ao ter contato com os cidadãos iraquiano viu o outro olhar da Guerra:

Havia alguns agricultores que nem mesmo sabiam que houve uma Tempestade do Deserto ou uma Operação Liberdade do Iraque. Foi então que me dei conta de que essa guerra foi iniciada pelos poucos que lucrariam com ela, e não pelo seu povo; nós, como as Forças de Coalizão, não libertamos esse povo; nós, o mergulhamos ainda mais na pobreza. [...] o Iraque não foi e não é uma ameaça iminente aos Estados Unidos ou ao resto do mundo. (MOORE, 2004, p.30)

Esse relato mostra o quão controverso o nome da operação militar, intitulada como *Iraq Freedom*. Ao adotar uma política que visa a libertar um povo de seu governante ditatorial, a administração Bush buscou enfatizar que a guerra, além de defender os Estados Unidos contra um governo externo, também zelava pelos interesses do povo iraquiano, oprimido pelo seu ditador, Saddam Hussein. Ao governo dos Estados Unidos caberia levar àquele país a liberdade e a democracia.

Conforme relato acima, seria mera retórica pois os resultados da guerra foi ainda mais desastrosos para a população civil, com estimativas de 120 mil mortos do conflito até o período de ocupação, conforme o sítio *iraqbodycount*. A maior parte da mortalidade iraquiana causada pela guerra ocorreu principalmente após o período de ocupação do território desse país.

Gráfico 6 - Quantidade de civis mortos no Iraque



Fonte: (SMITH, 2008, p.100)

A soldado Sean Huze afirma que teve dificuldades em lidar com a população civil, sendo, até mesmo, forçada a atirar contra civis.

[...] a posição em que nos colocaram - combater um inimigo que usava mulheres, crianças e outros civis como escudos; nos forçar a escolher entre disparar em "áreas de alvo" (um modo agradável de se dizer atirar em multidões) ou ser morto pelos sacanas usando multidões para se proteger - é indescritivelmente horrível (MOORE, 2008, p.55).

Em outro relato o soldado Anthony Pietsh relata a experiência, hostil, que teve ao ter contato com a população civil.

A resistência iraquiana era insana. Passei muitas noites deitado sem dormir, após descargas de morteiros terem atingido áreas bem próximas, alguns chegando perto o bastante para lançar pedras contra a minha barraca. Vi bombas de estrada estourar por toda parte, iraquianos tentando abalroar a lateral de nosso veículo. Crianças pequenas nos mostrando o dedo médio e jogando pedras nos soldados nas torres blindadas. Certa ocasião, nos perdemos em Bagdá e só recebemos, durante horas, olhares desprezíveis e gestos irritados. O sentimento primordial por todo o Iraque parece ser de hostilidade. Aparentemente, as únicas pessoas que tentam ser amigáveis são as que mendigam à beira das estradas, ou os iraquianos pobres que vendem bugigangas e a nova moeda iraquiana (sobre a qual proclamam abertamente não confiar) do lado de fora das bases (MOORE, 2004, p.46).

A população civil do Iraque via as tropas da Coalizão anglo-estadunidense como invasoras, que auxiliou no processo que instaurou a desordem e o caos no país. Além do país sofrer as consequências da guerra, o número de mortos civis só aumentou no período de ocupação no Iraque. Como em outros relatos, Pietsch, também afirma que foi enganado pelos recrutadores durante seu alistamento no Exército:

Fui persuadido pelo oficial de recrutamento a assinar um contrato com a idade de 16 anos, e assim que me tornei legalmente capaz, aos 17 anos, me apresentei, principalmente porque achava que seria uma boa maneira de faturar algum dinheiro durante o curso médio, e porque me foi assegurado que nada aconteceria, que o nosso país não faria guerra. [...] Bush vive falando que outros países, além do Iraque e do Afeganistão, são um problema para a segurança [...]. Não sei como será o resto da minha vida, mas me arrependo sinceramente de ter sido um garoto de 16 anos atrás de alguns trocados extras e um caminho para a faculdade (MOORE, 2008, p.47).

Os recrutadores para o Exército dos Estados Unidos aproveitam das ambições e da ingenuidade dos jovens para se alistarem. As Forças Armadas, para muitos desses jovens, oferecem um mundo de oportunidades que sem o alistamento seria, um tanto mais complicado de ser alcançado, o curso de nível superior.

É importante destacar que as Forças Armadas norte-americanas, após o fracasso na Guerra do Vietnã (1955-1975), passou por reestruturação. Nesse processo foi alterada a forma de recrutamento de soldados, além do modelo vigente até então dos conscritos, passou a vigorar o Voluntariado⁴⁶, esse procedimento é próximo ao aplicado pelos britânicos após o fim da Segunda Guerra Mundial. No sistema estadunidense, como forma de atrair os jovens, o Exército fornece uma série de "vantagens", como o financiamento da Universidade, empréstimos para compra de imóveis, além é claro, que se algo acontecer, um

⁴⁶ All Volunteers

ferimento ou lesão permanente e em caso de morte, o pagamento de pensão e auxílios aos familiares.

O soldado Michael W. de 30 anos de idade é soldado da Guarda Nacional, e lutou entre março de 2004 à março de 2005 no sudoeste de Bagdá. O combatente denuncia o uso de empresas militares privadas na guerra, a qual, diferente da propaganda do governo Bush, de reduzir os gastos de guerra, segundo o soldado tem aumentado os custos.

Um prestador de serviços da Blackwater [empresa de segurança que atua no Iraque] ganha US\$ 15.000 por mês para executar o mesmo trabalho que eu e meus colegas realizamos. Eu ganho aqui cerca de US\$ 4.000 por mês. (MOORE, 2004, p.33)

Além de realizar as operações militares, as empresas militares, buscam controlar o serviço de intendência militar, oferecendo alimentação, alojamento, além de munição para os soldados no *front*.

Há empreiteira fervilhando por todo este país. Blackwater, Kellogg Brown and Root, Halliburton e assim por diante. Essas empreiteiras estão fazendo tudo o que você pode imaginar, desde segurança a fornecimento de refeições. (MOORE, 2004, p.34)

Dessa forma, na Guerra do Iraque se tem interesses de empresas militares privadas que lucram com a guerra. Para os senhores da guerra, do século XXI, não basta, apenas construir armas para o Exército dos Estados Unidos, elas querem participar de toda a "festa". Estes senhores negociantes disputam contratos para construir bases, alimentar tropas, oferecer munição para os que estão em combate, além de terem empreiteiras responsáveis pela "reconstrução" do país que ajudaram a destruir. Em outra carta, assinada de forma anônima por um caminhoneiro da empresa KBR (Kellogg Brown and Root), é relatado que:

Desde que comecei neste emprego, vários meses atrás, 100% (isso mesmo, e não 99%) dos operários que conheço estão inflacionando o tempo que declaram em suas planilhas de horas de serviço. Há muito mais que eu poderia lhe contar. Mas o fato é que MILHÕES e MILHÕES de dólares estão sendo saqueados dos contribuintes norte-americanos e do povo iraquiano, por causa do inacreditável nível de ganância e corrupção que há por aqui. (MOORE, 2004, p.40)

O superfaturamento não se manteve só na logística, mas em todos os locais em que as empresas militares se instalaram, visaram retirar a maior lucratividade possível,

nem sempre seguindo os contratos. Tais companhias utilizam de vários mecanismos para fugir de qualquer forma de regulamentação ou de qualquer forma de controle, instalando suas sedes em países em que não há leis que impeçam o setor de atuar livremente. Além disso, fazem de tudo para manter o sigilo dos contratos, afinal ninguém quer se responsabilizar, diretamente, por operações nada populares.

4.3 ESPÓLIOS DA GUERRA

Não pegamos nossa força e vamos ao redor do mundo tentando tomar os terrenos de outros povos ou as propriedades de outros povos, o petróleo deles. Isso simplesmente não é o que os Estados Unidos fazem. Nunca fizemos e nunca vamos fazer. Não é assim que as democracias se comportam. - Rumsfeld em entrevista a Al Jazeera.

A denúncia de superfaturamentos nos contratos mostra o interesse das empresas militares em extrair o maior lucro possível. As empresas militares privadas agem em nome do Estado, contudo não devem explicações públicas, pois, por serem privadas só prestam conta aos seus clientes. Os contratos entre as companhias e o Estado são de caráter sigiloso, o que dificulta o controle do Congresso, ou de qualquer instância democrática.

No caso dos Estados Unidos, o governo tem respaldo legal a não dar explicações ao parlamento sobre contratos inferiores a 50 milhões de dólares (UESSELER, 2008, p.38). Dessa forma, a administração Bush pode criar vários contratos menores com as empresas militares, garantindo assim, sigilo nas negociações e alta lucratividade para as empresas. Elas emprestam os mesmos serviços do que as forças de segurança pública. A área de atuação se concentra em quatro ramos: segurança; formação; inteligência; e logística (UESSELER, 2008, p. 39).

Na questão da formação, essas empresas possuem universidades de segurança para treinamento espalhadas em várias partes do mundo. No ramo da inteligência oferecem serviço de espionagem, consultoria, análise de risco, planejamento de cenários, serviços muito semelhantes aos de uma agência de inteligência estatal. Na parte de logística oferecem todo o serviço de Intendência, também, constroem infraestrutura bélica e bases. Segundo Uessler (2008, p.45), os Estados tem transferidos toda a parte de logística e Intendência para empresas privadas, os motivos alegados, são os baixos custos pela prestação do mesmo serviço.

No Iraque, de acordo com o *American Security Information Council - BASIC*, foram contratados 68 empresas privadas, fontes não oficiais afirmam que esse

número passa de 100 (UESSELER, 2008, p.46). As empresas militares possuem todo o tipo de contrato com o governo dos Estados Unidos no Iraque, prestam serviços de refeição, alojamento, transporte, reconstrução de infraestrutura, e de treinamento das novas forças de segurança iraquiana, é o caso da *Vinell*, responsável por treinar o novo Exército Iraquiano, enquanto a *DynCorp* treina a nova polícia (UESSELER, 2008, p.47).

A presença da empresa *Kellog, Brown & Root* (KBR) chega a ter 50 mil funcionários no Iraque e oferta todo o serviço de logística (UESSELER, 2008, p.47). No escândalo da prisão de Abu Ghraib, exposto pela rede de televisão CBS em abril de 2004, trinta especialistas em interrogatórios pertenciam a empresas privadas, como a *CACI International* e a *Titan Corporation* (UESSELER, 2008, p.49).

Segundo Uessler (2008), existem três categorias de empresas militares: as que possuem unidades de combate, estas apoiam as forças terrestres militarmente; as de aconselhamento militar, que elaboram estratégias e planejam cenários de ação; e as de fornecimento militar, responsáveis pela logística e Intendência. O interesse dessas empresas é como a questão da segurança, um dever do Estado, possa ser privatizado.

Os ganhos da indústria privada da guerra é assombroso, entre 1994 à 2001 seus ganhos foram de 300 bilhões de dólares, em 2001 foi entre 100 à 120 bilhões, após ser decretada a Guerra ao Terror, tendo como alvos o Afeganistão e o Iraque, no ano de 2005, seu ganho foi de 200 bilhões de euros. A *Group 4 Securicor* (G4S) teve um faturamento em 2004 de 5 bilhões de euros, empregando 360 mil funcionários (UESSELER, 2008, p.53-54).

As empresas militares tornaram-se as mais lucrativas nas bolsas de valores (como a *Lockheed Martin*), responsáveis por produzir aviões de guerra, teve entre o ano de 2003 à 2004 64% de valorização na bolsa de valores (UESSELER, 2008, p.55). O contraditório é que as empresas militares privadas fazem propagandas em prol de um mundo sem guerra e conflitos, favorecendo o desenvolvimento de condições mais humanitárias pelo mundo. O lema da *Blackwater* era: "Em prol da Liberdade e da Democracia em qualquer lugar" - *In support of Freedom and Democracy everywhere* (UESSELER, 2008, p.56).

Contudo, o olhar da guerra dessas empresas é, apenas, pelo lado econômico, visam reduzir custos e elevar os ganhos. Buscam fugir de qualquer forma de controle governamental sobre suas ações.

Essas empresas estabelecem sua sede "jurídica" preferencialmente em países pequenos ou nos chamados "paraísos fiscais": por um lado, para economizar impostos e proteger suas contas dos olhares curiosos da fiscalização bancária e das procuradorias; por outro, por razões de responsabilização, a fim de poderem escapar com mais facilidades das exigências de recursos em termo de direito civil (por exemplo, em quebras de contrato); além disso, para estarem mais bem protegidas em casos de desrespeito ao direito penal - o que não raramente ocorre - ante a jurisdição de "estados de direito fortes", nos quais elas estão na maior parte das vezes "em casa" - o que é quase obrigatoriamente o caso, quando a jurisdição se encontra, por exemplo, nas ilhas Bismarck, no Pacífico; e, por fim, para poderem escapar rapidamente, quando necessário, da obrigação de prestar contas ou da intervenção jurídica, por meio de uma mudança rápida da "sede da empresa". (UESSELER, 2008, p.57).

Dessa forma, apenas, a lei do mercado as controla, fogem de qualquer forma de regulamentação estatal e dos regimentos de controle internacionais, sendo intocáveis para a ONU, pois "a Convenção de Genebra de 1949 só reconhece as figuras do combatente e da população civil" (UESSELER, 2008, p.224).

O combatente de uma empresa militar não é um soldado, pois não é contabilizado junto com as tropas regulares, e não acatam ordens do comando militar, e nem é civil, pois estão envolvidos diretamente com os conflitos, e estão vinculados a demandas do governo que o contratou. Dessa forma, um crime de guerra cometido por tal combatente, não há legislação internacional que o possa responsabilizar. Na atividade comercial, as empresas militares oferecem produtos personalizados aos seus clientes, que uma vez utilizado, é completamente descartado, e preparado outro para o próximo cliente.

É essa centralização no cliente que torna as empresas militares privadas tão atraentes para aqueles que contratam o serviço, pois se trata, na verdade, de soluções drásticas, mas rápidas e eficiente. E, com efeito, elas trabalham sob o seguinte lema: se o senhor tem um problema com rebeldes armados, com círculos de população insurgentes, com milícias estrangeiras em seu território, com ataques terroristas, com sindicalistas revoltosos, etc., preencha um cheque que nós resolvemos o resto de maneira rápida, não burocrática e para a sua mais plena satisfação. Ou com as palavras de Doug Brooks, presidente da IPOA: "Write a cheque and end a war".⁴⁷ (UESSELER, 2008, p.58)

Prometem, assim, resolver qualquer crise ou conflito relacionado a segurança nacional, evitando desgastes aos governos que os contratam, uma vez que, não são utilizados forças oficiais de segurança. Porém, esse "cheque" tem ficado, cada vez mais "gordo", pois o superfaturamento indireto ficou evidente no Iraque, além do Exército de

⁴⁷ Faça um cheque e acabe com a guerra.

Coalizão pagar um dólar por galão de gasolina iraquiana, pagaram USD 2,27 para KBR, também, cobram por 10 mil refeições diárias sem, nunca sequer, servi-las (UESSELER, 2008,p.59).

A "eficiência" administrativa fica por conta na gestão dos negócios das empresas. A *ArmorGroup*, uma das maiores empresas privadas do mundo, possui 8 mil funcionários contratados, em épocas de grandes contratos as cifras pode chegar a centenas de milhares. A *DynCorp* conta com 50 mil *freelancer* cadastrados que podem ser convocados a qualquer momento, se necessário. Os salários variam em torno de 10 a mil dólares diários, dependendo da função exercida (UESSELER, 2008, p.62).

Afinal, finda a Guerra Fria, milhões de soldados, técnicos e até cientistas renomados, viram-se subitamente desempregados, formando uma vasta mão de obra de reserva a ser aproveitada pelas empresas militares. Diferente de outros ramos, elas não tem que enfrentar sindicatos e leis trabalhistas, e negociam os contratos de trabalho, diretamente, com sua mão de obra.

Enquanto o Estado tem que recrutar e ter todo o custo de formação de sua mão de obra bélica, as empresas privadas já contratam-na devidamente formadas para entrarem em ação. O mesmo vale para veteranos de guerra, em que o governo tem que manter programas de reabilitação do soldado, pegar pensões e auxílios, as empresas militares tem custo reduzido, caso não tenha contratos, pois só efetivam o grosso de seu pessoal quando há várias missões, dispensam sumariamente os empregados.

Outra diferença em relação ao Estado, é que estas empresas não tem que manter estrutura física, estocar armamentos bélicos, zelar pela logística, pois são prestadores de serviço, na qual o cliente que deve fornecer todo o material a ser utilizado. O governo estadunidense trabalha com dois tipos de contratos, o I-D/I-Q (*indefinite delivery/indefinite quantity*) que "não fixa nenhum teto para os serviços a serem realizados e para as mercadorias a serem fornecidas"; e o *Cost Plus*, em que "os ganhos são calculados em percentuais com base nos custos acumulados".

Assim a empresa recebe de acordo com o serviço prestado. Na Guerra do Iraque foi comum o relato de caminhoneiros, como a carta citada anteriormente, que faziam várias viagens com carga vazia, apenas, para gerar maiores ganhos para as empresas (UESSELER, 2008, p. 218).

A privatização, contudo, já levou ao seguinte fenômeno: de maneira direta ou indireta, as empresas militares privadas vêm dirigindo cada vez com mais intensidade as estratégias de intervenção, de tratamento de conflitos e de condução da guerra, tanto pública quanto internacionalmente (UESSELER, 2008. p.230).

Portanto, as empresas militares tem voz ativa no desenho da política externa dos Estados Unidos, e é decisiva na escolha dos locais onde terá a ação militar. Para garantir seus contratos com o governo estadunidense o *lobby* das empresas militares chega nas casas dos 60 à 70 milhões de dólares ao ano. No período eleitoral, 80% das doações dessas empresas são destinadas ao partido Republicano (UESSELER, 2008, p.231).

4.4 VETERANOS CONTAMINADOS

Figura 3 - Soldados Mortos no Iraque



Fonte: Disponível em: <http://democraciapolitica.blogspot.com.br/2013/03/guerras-no-afeganistao-e-no-iraque.html>. Acesso em 24 fev. 2014.

A vida dos soldados que lutam pelos Estados Unidos na guerra, quando retornam acusam o governo de não estar oferecendo o serviço de assistência que merecem. É o caso do veterano Craig Smith, um voluntário que lutou no Iraque no início da invasão, março de 2003, até os dez meses seguintes.

Após servir dez meses no Iraque, voltei aos Estados Unidos com a esperança de seguir minha vida. Foi quando começaram os pesadelos. Fiquei muito nervoso. Pode chamar de "nervoso e irritável". Lidei com isso por algum tempo; então, resolvi que precisava de ajuda. Fui ao Fort Carson Hospital, para ver de que modo poderia conseguir um tratamento para PTSD, distúrbio de estresse pós-traumático. Fiz um exame de avaliação. Minha papelada foi

perdida pelo hospital. Voltei para outro exame de avaliação. Dessa vez, fui examinado por uma médica. Durante a consulta com a médica, ela me disse que, sim, eu tenho PTSD. Posteriormente, quando fui verificar a minha documentação, lá dizia que eu não tinha PTSD, mas que isso não queria dizer necessariamente que eu não sofria do sucedido. Também afirmava que eu tinha pesadelos com crianças mortas. Também afirmava uma porção de outras coisas. (MOORE, 2008, p. 54).

O relato acima mostra a angústia do soldado que ao retornar para casa busca o tratamento para seu transtorno psicológico e não encontra amparo, por aqueles que deveriam cuidar dos veteranos de guerra.

Frustrado e sem tratamento, continuei procurando ajuda. O hospital de Fort Carson me forneceu um número para ligar - um telefone de socorro de 24 horas. Eles me deram a porra de um telefone de socorro 24 horas para me ajudar com os meus pesadelos, senhor Moore. Depois, me disseram que o Fort Carson sofre de falta de pessoal e que eles têm APENAS DOIS MÉDICOS NA EQUIPE PARA AJUDAR PACIENTES COM PTSD. Imagine só, Michael - MILHARES DE TROPAS retornado de COMBATE e apenas dois médicos para ajudá-las a retornar à vida! O que eles estão fazendo com aqueles que dão tanto e só pedem que os nossos líderes tomem decisões acertadas? Farto disso, escrevi para o meu senador. Ele respondeu e me ofereceu ajuda, Wyne Allard, para ser exato. Agradeço a ele por sua resposta imediata. Igualmente fui ao centro da cidade de Colorado Springs, ao Centro dos Veteranos, para também procurar ajuda com eles. Ofereceram-me ajuda. Todo mundo quer ajudar, senhor Moore, exceto o nosso próprio pessoal (MOORE, 2008, p. 54).

O veterano de guerra mostra que o governo faz um jogo de "gato e rato" com seu combatente, não chegam a recusar, diretamente algum tipo de assistência ao soldado, contudo não lhe dão o devido cuidado, daqueles que deixaram sua vida para defender o país.

Desde o fim da Segunda Guerra Mundial com o G.I Bill of Rights⁴⁸, o governo dos Estados Unidos buscou dar uma assistência maior para aqueles cidadãos que pegaram em armas. No período pós-Segunda Guerra o G.I Bill foi considerado um programa modelo de reintegração aos veteranos de guerra.

Desde 2001, nas guerras realizadas pela administração Bush, o *G.I Bill post 9/11* ofertava série de benefícios para aqueles que se comprometem em pegar armas. Porém,

⁴⁸ Este plano foi aprovado em 22 de Junho de 1944 contendo três provisões chaves: a) a educação e o treinamento - a lei provia um ano integral de estudo e treinamento para todos os veteranos que serviram por no mínimo 90 dias; o ato provia um pagamento da mensalidade dos estudos; b) os empréstimos, tendo facilidades e benefícios nos financiamentos tomados aos bancos; c) o emprego dos veteranos, através do pagamento de uma compensação para os veteranos desempregados - os que serviram por no mínimo 90 dias recebiam \$20 dólares por mês durante no máximo 52 semanas, e através de uma agência governamental especial para encaminhar os veteranos a ocupações de acordo com suas capacidades e formação. Os veteranos tinham que se registrar nessa agência e comparecer a ela regularmente.

como se percebe, o veterano Smith não consegue aproveitar das benesses como ex-soldado. É, abandonado, por aqueles que deveriam assegurar direitos, historicamente, oferecidos aos veteranos de guerra.

Além do descaso em relação ao tratamento psicológico, há também casos de veteranos de guerra que sofrem danos a saúde causados pela exposição de Urânio Empobrecido⁴⁹ que é um resíduo do lixo das usinas nucleares. Ao enriquecer o urânio, apenas o isótopo U-235 é utilizado em reatores e armas nucleares, o restante do material contém altas quantidades de U-238, e quantidades menores de U-235 e U-234. O U-238, que é altamente radioativo, é utilizado na produção de armamentos contendo urânio empobrecido.

O soldado Keith Pilkington escreve na carta enviada para Michael Moore no dia da independência dos Estados Unidos em 2004, afirmando a tristeza de ter sido enganado pelo governo que apresentara, entre outros argumentos, a libertação do povo iraquiano de seu tirano Saddam Hussein.

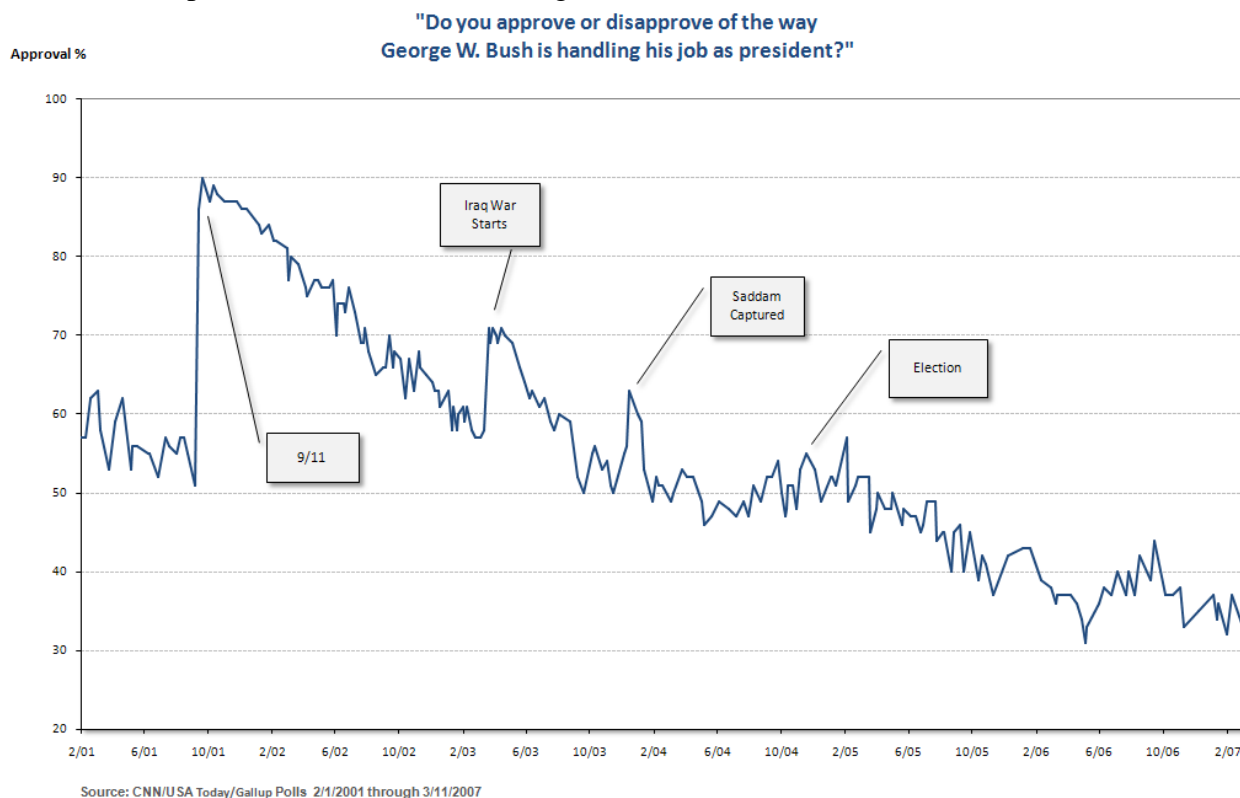
O governo norte-americano jamais assegurou os direitos dos iraquianos à vida, à liberdade e à busca da felicidade. [...] Os campos de petróleo estão seguros, e empresas americanas garantiram contratos multibilionários com o governo para saquear o petróleo iraquiano. Devemos todos nos orgulhar. O nosso direito à propriedade iraquiana está garantido (MOORE, 2008, p.58).

A propaganda governamental para justificar a guerra afirmava, o tempo todo, que Saddam Hussein representava um perigo aos Estados Unidos e a comunidade internacional, por possuir armas de destruição em massa. Em nenhum momento foi utilizado o argumento da necessidade do petróleo como forma de justificar a guerra.

A tão aclamada Guerra ao Terror decretada por George W. Bush fez com que seu governo ganhasse uma gigantesca popularidade, alcançando os índices de 90% dias após o 11 de setembro. Conforme exposto na tabela abaixo, os picos de aumento da popularidade do presidente ocorre em épocas emblemáticas, como o início na Guerra do Afeganistão (2001), Guerra do Iraque (2003), e a captura de Saddam Hussein.

⁴⁹ O Exército dos Estados Unidos utilizou na Guerra do Iraque (2003) munição de D.U (*Depleted Uranium*), conhecidas também como “bala de prata”. As Forças Armadas estadunidenses negam qualquer dano colateral causado pelo uso dessa munição, contudo, a ONU, numa reunião em outubro de 2008, aprovou uma resolução permitindo que a Organização Mundial da Saúde, Agência Internacional de Energia Atômica, e o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente realizassem estudos para verificar os danos causados pelo uso da munição de D.U, no meio ambiente e entre os veteranos de guerra. O texto que aprovou a ONU realizar pesquisas e estudos sobre o D.U, teve 141 votos favoráveis, 34 abstenções, principalmente de ex-membros da URSS e da OTAN, e quatro votos contrários, dos Estados Unidos, Reino Unido, Israel, e França.

Gráfico 7 - Popularidade do Governo George W. Bush



Fonte: Disponível em: <<http://blasfemias.net/2008/09/22/medo/>>. Acesso em: 23 fev 2014

Isso demonstra, também, que as guerras de Bush tem, aliado aos interesses econômicos, interesses políticos, de realizar um *marketing* de seu governo, pois como a guerra é um ato estritamente ligado a uma decisão do executivo, que necessita do aval do Congresso, essa superexposição do presidente, como o líder que guiará a nação na guerra do "bem contra o mal", fez com que Bush consolidasse seu poder, e vencesse as eleições de 2004. Afinal, para a equipe do marketing político de Bush, sair do Iraque era um sinal de fraqueza, e de admitir um erro internacionalmente.

Com a ocupação, e o saque evidente dos recursos iraquianos, os soldados viram que a retórica de seu governo os enganará, estavam lutando em uma guerra que defendia sobretudo os interesses de grandes Corporações que tinham contratos com o governo norte-americano, das petrolíferas, e da política externa, desenhada de maneira nada democrática, de reorganizar a geopolítica da região. Há, porém, soldados que quiseram enfrentar a estrutura militar e se recusar a lutar numa guerra, que considerava sem sentido. Foi o caso do soldado Vadim Nuniyants.

Os jovens com quem me encontrei em Nova Orleans eram algumas das pessoas mais corajosas com quem já me deparei. Preferiam ir para a cadeia a lutar no Iraque. Aliás, um dos meus colegas lá, Stephen Funk, enfrentou a corte marcial e passou seis meses em uma prisão militar. Mas tenho certeza de que ele percebeu que o preço a pagar por agir de acordo com o que acredita foi pequeno. O engraçado, porém, é que ele é o único opositor consciente que conheci que foi para na cadeia. Isso porque foi o único opositor consciente que tornou pública sua recusa em lutar. Deu entrevistas a programas de rádio e a jornais. No final das contas, consegui uma dispensa honrosa, e é por isso que estímulo mais e mais que membros das forças armadas se mantenham firme diante do que acreditam (MOORE, 2008, p.73).

O relato acima demonstra que não foram todos os militares que, cegamente, acreditaram na propaganda governamental da guerra. No entanto, em alguns casos com o de Stephen Funk o preço foi maior, por exercer sua liberdade de expressão. Estranho pensar que numa sociedade que se diz como modelo de democracia no mundo, escolher quais pessoas podem exercer seus direitos fundamentais, e universais, presente até mesmo na Declaração Universal de Direitos Humanos, que teve como líder, para assinatura da carta, Eleanor Roosevelt.

O soldado Joseph Cherwinski, por sua vez, relata o que o desmotivou na sua participação da Guerra do Iraque:

[...] dia após dia eu me perguntava por que estávamos lá. "Pela liberdade do povo do Iraque", nos disseram, mas, dia após dia, operários iraquianos iam à nossa base para trabalhar, e nesses dias eu lhes perguntava se a situação tinha melhorado pelo fato de estarmos lá, e toda vez ele diziam que piorou ou estava a mesma coisa. [...].(MOORE, 2008, p.74).

O soldado Cherwinski ao ter contato com a população local, constatou que a vida do povo iraquiano nada tinha mudado. A ideia de lutar no Iraque como forma de "libertar" esse povo de um governo tirano, levando assim melhorias na qualidade de vida da população, foi mera retórica política.

Certo dia, eu estava vigiando um grupo de operários iraquianos. O trabalho deles era encher sacos de areia para a nossa base. a temperatura era de no mínimo 50 graus. Eu tinha de ficar sentado ali, vestido com todo o equipamento, observando-os. Eu estava sentado e tomando água, e mal conseguia suportar o calor, portanto mandei que os operários fossem para a sombra e tomassem água. Deixei que descansassem na sombra por uns 20 minutos. Então um suboficial, que era encarregado de todos os prestadores de serviço iraquianos que trabalhavam para a base, me disse que eles não precisavam de descanso e que deveriam encher sacos de areia até as vacas voltarem para casa. Em seguida, mandou os iraquianos voltarem ao trabalho.

Após cerca de 30 minutos, mandei que eles fizessem outra pausa, desse modo, desobedecendo ordens. Se fossem soldados enchendo sacos de areia, naquele calor todo, eles fariam um período de 10 minutos de trabalho por 50 minutos de descanso, para evitar baixas motivadas pelo calor. (MOORE, 2008, p.74-75).

Nesse relato o soldado demonstra a forma como as lideranças militares tratavam a população local. Neste caso, os operários iraquianos trabalhavam em um regime semelhante ao de escravidão. As condições de trabalho eram subumanas, e, ainda tinha um agravante, os civis que trabalhavam para as tropas invasoras, poderia sofrer represálias de seus pares por ser considerados colaboracionistas.

O suboficial veio novamente, mandou os iraquianos voltar ao trabalho e me disse que eu não precisava ficar sentado no sol para vigiá-los, que eu poderia me sentar na sombra. Eu lhe disse que não, que eu precisava ficar ali com eles porque, quando eu começasse a precisar de água, então eles estariam realmente precisando de água. Ele me disse que isso não era necessário, que eles viviam ali e estavam acostumados àquilo.

[...] ao passar por isso, percebi que não estamos lá por causa da liberdade deles, não estamos lá por causa de armas de destruição em massa. Não fazemos mais a mínima ideia pelo que estamos lutando. (MOORE, 2008, p.74-75).

Nesta última parte da carta, Cherwinski mostra que não entende o fato de lutar no Iraque, uma vez que a realidade não era libertar os iraquianos de seu governo tirano, mas substituí-lo por outro, o Exército invasor, que reprimia e destratava a população, mudam os métodos, porém os resultados são semelhantes.

É interessante notar nos relatos dos soldados as suas decepções em relação ao conflito quando também demonstram terem acreditado na propaganda pró-guerra executada pelo governo dos Estados Unidos. Porém, ao estar no *front*, percebem que no dia a dia as tropas de coalizão não ofereciam nenhuma melhoria significativa ao povo iraquiano, pelo contrário, viam caminhões e mais caminhões transportando o petróleo iraquiano, não para salvar o povo, mas para enriquecer os conquistadores do território.

Ao perceberem que foram enganados pelo próprio governo que ajudaram a eleger, ficam desmotivados por estar ali, por não saberem os motivos que os fizeram largar suas vidas para defender seu país. Outros, como a soldado Mari Lalley não entende as razões que levam os civis iraquianos hostilizarem as tropas da Coalizão:

Sou uma Seabee [membro de batalhão de construção da Marinha norte-americana em zonas de combate], e iremos construir escolas e refazer as conexões elétricas e de abastecimento de água de lá. Não estou empolgada com isso. Sete Seabees já foram mortos tentando ajudar os iraquianos. [...]. Os iraquianos não querem a nossa ajuda. Se quisessem, não estariam tentando nos matar. (MOORE, 2008, p.78)

Até mesmo, quando o combatente vai ao Iraque, por algum motivo mais nobre, como no caso citado acima em que há a promessa do soldado em reconstruir o país, não há motivação em deixar a vida nos Estados Unidos e ir ao Iraque. O relato de Lalley mostra, também, que a soldado não compreende o porquê os iraquianos rejeitam tanto os soldados, não aceitando a suposta "ajuda" das tropas invasoras. Um oficial enviou uma carta para Moore de forma anônima, com receio se descoberto, segundo o combatente de ser enviado para Guantánamo como represália. Ali afirma que tinha medo de ser atacado por mísseis *scud* com armas químicas e biológicas, afinal, como nos várias relatos já demonstrados, os combatentes acreditaram em seu governo.

O que me matava de medo era me encontrar no alvo de um scud com uma arma química ou biológica e não conseguir colocar minha máscara a tempo. Se alguém já viu ou leu sobre o que essas armas são capazes de fazer entenderá o meu medo. Nos primeiros dois dias da guerra recebíamos um alerta cada vez que um míssil era disparado. O medo ao colocar a máscara o mais depressa possível, e depois esperar para ver se você levava a melhor ou era atingido pelo scud é algo que nunca mais quero vivenciar. [...]. Saddam jamais lançou um ataque químico. Creio que, certamente, precisamos agradecer a algum general por não cumprir ordens, já que Saddam SÓ PODIA ter todas aquelas armas. [...] as armas nunca foram encontradas. Me senti usado e traído. (MOORE, 2008, p.88).

Esse como em outros relatos mostram que o soldado lutou numa guerra sem sentido para eles, as acusações de que o Iraque possuía armas de destruição em massa, causou temor nos combatentes durante a invasão, porém tais armas nunca foram encontradas, o que confirma a inspeção organizada por Hans Blix, que constatou ser difícil o governo iraquiano possuir tais armas.

Após ler os relatos desses homens e mulheres que lutaram pelo seu país, é importante destacar, que todos afirmam amar o seu país, todos se declaram patriotas que de uma forma ou outra foram enganados pelo governo central. Claro que as cartas selecionadas por Moore, em seu livro, afirmam a causa que defendem como a retirada das tropas do Iraque, pois não há motivos dos soldados estarem naquele país. Não há na fonte qualquer carta que

contrapunha ao pensamento de Moore, afirmando que a Guerra é necessária, e que o trabalho no Iraque, ainda, não está pronto, o que justificaria a permanência dos soldados.

Porém, por não apresentar opositores aos ideias defendidos pelo cineasta, não desmerece o fato de combatentes, das forças regulares ou pessoas contratadas por empresas regulares, deram sua versão ao que vivenciaram no Iraque, suas angústias, e as razões que as levaram estar ali, a crença no seu comandante-em-chefe, e o sentimento patriótico, de alguma forma, estar defendendo seu país.

CONCLUSÃO

Os Estados Unidos atacaram o Iraque em março de 2003, sob alegações de que o regime de Saddam Hussein possuía armas de destruição em massa. A Guerra ao Terror decretada por George W. Bush "elegeu" novos inimigos da "América" e o Iraque era um deles. Apoiados pela mídia estadunidenses, as tropas da coalizão anglo-estadunidenses invadiram o Iraque, contudo não encontraram tais armas, mas muito petróleo, agora "sem dono" para ser devidamente explorado e expropriado. Os soldados estadunidenses que lutaram na guerra para se vingar dos seus mortos no World Trade Center, concluíram que atacaram o "inimigo" errado. Meses se passaram e o objetivo da guerra era outro, pois estavam em jogo interesses que, caso revelados, não teriam apoio da população americana.

Na pesquisa constatei que houve três interesses em prol da invasão do Iraque. Primeiro, o econômico, as companhias de petróleo ganharam uma nova oportunidade de negócios e se apropriar da segunda maior reserva de petróleo do mundo. O interesse em preservar o "ouro negro" foi tamanho que o único Ministério do regime de Hussein mantido com a invasão ao Iraque foi o do petróleo, a justificativa utilizada era de que o dinheiro obtido com a extração de petróleo seria utilizado para "reconstruir" o país que os próprios anglo-americanos haviam destruído. O povo iraquiano não viu esses recursos serem aplicados para melhorar suas vidas destroçadas; mas o mesmo não se pode afirmar das Companhias de Petróleo, um dos setores que mais lucrou com a guerra.

Outro setor econômico "vencedor" da guerra foi o das Empresas Militares Privadas que viram na Guerra do Iraque a chance de aumentar seus negócios e contratos com o governo de Washington ao controlar todo o serviço de intendência e de logística da guerra. A vantagem, tanto para Bush quanto para as empresas, é que, como esses contratos são sigilosos, há subterfúgios legais para escapar de controle e fiscalização por parte de Instituições Republicanas, como o Congresso americano. As sedes dessas empresas ficam em "paraísos fiscais", uma solução excelente para garantir a segurança do contratante e do contratado.

Além do aspecto econômico, a guerra, também trouxe importante capital político para George W. Bush. Sua administração estava com popularidade em queda, até que em 11 de setembro tudo mudou. A escolha rápida dos inimigos, Osama Bin Laden e depois a necessidade de associar este a Hussein, fez com que Bush ganhasse popularidade. A Guerra ao Terror trouxe a Bush a chance de que precisava para implementar a política que o grupo por trás do governo queria e continuar a política externa de Reagan, e em certa parte, de Bush

pai no Oriente Médio. Se a tentativa de derrubar Hussein não funcionou com os sistemas de sanções econômicas, a invasão bélica foi a alternativa que se apresentou. Pelos índices de popularidade do Bush filho nota-se que há picos positivos em momentos em que há forte exposição do presidente, como no início da Guerra do Iraque e da captura de Hussein. Dessa forma, conclui-se que foi a guerra midiática em prol do Executivo que o levou a uma reeleição presidencial.

Aliado aos interesses da política interna, no plano externo, havia o claro interesse em ocupar áreas que antes pertencia a esfera soviética. Os planos de Washington, após a conquista do território iraquiano era seguir para a Síria e Irã. Durante a Guerra Fria (1946-1991), dificilmente os "camaradas" soviéticos permitiram tal intromissão dos Estados Unidos na região. Contudo, sem o temível "Exército Vermelho" para garantir os interesses de Moscou, os Estados Unidos queria reorganizar a geopolítica da região, mudando os regimes em pró-estadunidenses.

Porém, o inesperado aconteceu, a ocupação foi muito mais difícil do que o esperado, e as baixas tanto civis quanto militares foram maior no pós-guerra, o que se agravou a esse cenário foi que as armas de destruição em massa não foram encontradas, o que levou aos combatentes e a população civil questionar as ordens do comandante-em-chefe das forças armadas de ficarem no Iraque.

Os combatentes foram enganados e abandonados pelo seu presidente. O uso de armamentos com urânio empobrecido tem causado danos irreversíveis a saúde desses homens que pegaram em armas para defender os interesses de seu país. A *Veterans Administration*, agência do governo norte-americano responsável por atender os veteranos de guerra, alega, em informativo destinado aos combatentes e seus familiares, que o urânio empobrecido só seria danoso à saúde se a pessoa fosse atingida pelo material; agentes do governo negam que a utilização de armamentos com DU possa causar danos a saúde. Como forma de justificar o uso militar do DU, o Exército dos Estados Unidos alega que o armamento com este material tem maior eficácia ao atacar veículos blindados.

Em documento publicado pela Agência Mundial de Saúde em 26 de abril de 2001, o contato com o urânio empobrecido poder causar câncer nos pulmões, se inalado, ou no rim, se houver contato intravenoso. Por não ser considerado nem arma nuclear, nem arma química, possibilita que qualquer país possa desenvolver armamentos em DU, um material radioativo que pode causar danos irreversíveis ao meio ambiente, principalmente nesse caso na água. Há dessa forma, uma necessidade de estudo sobre o uso de DU no Iraque e seus

efeitos em combatentes e população civil, pois, no caso particular desse país do Oriente Médio, o DU foi utilizado tanto na Guerra do Golfo (1990-91) quanto na do Iraque (2003).

Portanto, os vencedores da Guerra não foram os combatentes que pertenciam da coalizão anglo-americana, mas a administração Bush, com ganho de popularidade na luta contra o "mal", as Companhias de Petróleo assim como as Empresas Militares Privadas.

REFERÊNCIAS

ACESSOS À INTERNET

A CRISE NO IRAQUE EM MAPAS. **Alcance dos mísseis iraquianos**. Disponível no sítio eletrônico do BBC BRASIL.com. Disponível em:

<<http://www.bbc.co.uk/portuguese/especial/iraqkeymaps/page3.shtml>>. Acesso em 22 fev. 2014.

A CRISE NO IRAQUE EM MAPAS. **As Bases Militares Iraquianas**. Disponível no sítio eletrônico do BBC BRASIL.com. Disponível em:

<<http://www.bbc.co.uk/portuguese/especial/iraqkeymaps/page2.shtml>>. Acesso em: 22 fev. 2014.

A CRISE NO IRAQUE EM MAPAS. **Campos de Petróleo, Oleodutos e Refinarias iraquianas**. Disponível no sítio eletrônico do BBC BRASIL.com. Disponível em:

<<http://www.bbc.co.uk/portuguese/especial/iraqkeymaps/page6.shtml>>. Acesso em: 22 fev. 2014.

A DIREITA AMERICANA E A QUESTÃO DA SÍRIA. **Mapa político do Oriente Médio com o sudoeste da Ásia Central**. Disponível no sítio eletrônico do o Jornal de todos os Brasis. Disponível em: <<http://www.advivo.com.br/blog/luisnassif/a-direita-americana-e-a-questao-da-siria>>. Acesso em: 10 jun.2013.

BRITISH EMPIRE 1921 INDIAN SUBCONTINENT. Disponível no sítio eletrônico do Wikimedia Commons. Disponível em:

<http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/a/a3/British_Empire_1921_IndianSubcontinent.png>. Acesso em: 22 fev. 2014.

CRESCENTE FÉRTIL DEVE DESAPARECER NESTE SÉCULO. **Nem Oriente Próximo, nem Médio, A Ásia Menor, segundo os gregos**. Disponível no sítio eletrônico do Área de hidráulica e irrigação da UNESP Ilha Solteira. Disponível em:

<<http://irrigacao.blogspot.com.br/2009/07/crescente-fertil-deve-desaparecer-neste.html>>. Acesso em: 22 fev. 2014.

CUMBRE ASEAN (ASSOCIATION OF SOUTHEAST ASIAN NATIONS) EN INDONÉSIA. **Bases e Presença Militar dos Estados Unidos no Mundo**. Disponível no sítio eletrônico do Clic Asia, Centre d'Idiomes Orientals. Disponível em:

<http://xiaolongceo.blogspot.com.br/2011_11_01_archive.html> Acesso em: 10 jun. 2013.

GEOPOLÍTICA DOS OLEODUTOS. **Oleodutos e Gasodutos na Ásia Central**. Disponível no sítio eletrônico do Geopolítica do Petróleo. Disponível em:

<<http://geopoliticadopetroleo.wordpress.com/geopolitica-dos-oleodutos/>> Acessado em 8 jun. 2013.

GUERRAS NO AFGANISTÃO E NO IRAQUE AFETARAM MILHÕES NOS EUA.

Soldados mortos no Iraque. Disponível no sítio eletrônico do Democracia & Política.

Disponível em: <<http://democraciapolitica.blogspot.com.br/2013/03/guerras-no-afeganistao-e-no-iraque.html>>. Acesso em 24 fev. 2014.

INAUGURAÇÃO DO CANAL DO SUEZ. **Zona do Canal de Suez**. Disponível no sítio eletrônico do O mar do poeta. Disponível em: <<http://cambetabangkokmacau.blogspot.com.br/2010/11/17-novembro-1869-inauguracao-do-canal.html>>. Acesso em: 24 fev. 2014.

L'HISTOIRE DU MONDE CONTEMPORAIN (DE 1815 À NOS JOURS) EN CARTES. **Tratado de Sèvres 1920**. Disponível no sítio eletrônico do Atlas Historique. Disponível em: <www.atlas-historique.net>. Acesso em: 20 fev. 2014.

MEDO. **Popularidade do Governo George W. Bush**. Disponível no sítio eletrônico do Blasfêmias. Disponível em: <<http://blasfemias.net/2008/09/22/medo/>>. Acesso em: 23 fev. 2014.

O CERCO AO IRÃ. **Bases Militares dos EUA no Oriente Médio**. Disponível no sítio eletrônico do NavalBrasil.com. Disponível em: <<http://navalbrasil.com/o-cerco-ao-ira/>>. Acesso em: 30/06/2013.

PORTUGAL PODE BENEFICIAR COM A CRISE NO EGITO. **Canal de Suez**. Disponível no sítio eletrônico do Planetalgave. Disponível em: <<http://planetalgave.com/2013/07/08/portugal-pode-beneficiar-com-a-crise-no-egito/>>. Acesso em: 22 fev. 2014.

SOBRE ÁSIA CENTRAL. **Ásia Central e mar Cáspio**. Disponível no sítio eletrônico do Oriental Express Central Ásia. Disponível em: <http://www.orexca.com/img/map_central_asia.jpg>. Acesso em: 22 fev. 2014.

TERRORISMO MUNDIAL. Disponível no sítio eletrônico do Vision of Humanity. Disponível em: <<http://www.visionofhumanity.org/#/page/indexes/terrorism-index>>. Acesso em: 22 fev. 2014.

FONTES AUDIOVISUAIS

YOUTUBE. **Eisenhower Farewell Address (Full)**. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=CWiIYW_fBfY>. Acesso em: 20 jan. 2014.

YOUTUBE. **Fahrenheit 9-11 Legendado**. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=rxINyUFIj4>>. Acesso em: 19 jan. 2014.

YOUTUBE. **Michael Moore's Slacker Uprising**. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=FEI_GNob9Ws>. Acesso em: 15 dez. 2013.

FONTES SECUNDÁRIAS

HANS, Blix. **Desarmando o Iraque**: inspeção ou invasão? São Paulo: A Girafa, 2004.

MOORE, Michael. **Cartas da zona de Guerra**: algum dia voltarão a confiar na América? São Paulo: Francis, 2004.

PIKE, Sidney. **Nós mudamos o mundo**: um pioneiro revela a história da CNN Internacional. Barueri, SP: Manole, 2006.

BIBLIOGRAFIA

BRADLEY, James. **O cruzeiro Imperial**: Uma história secreta de império e guerra. São Paulo: Larousse do Brasil, 2010.

CARLOS, Newton. **Bush e a doutrina das guerras sem fim**. Rio de Janeiro: Revan, 2 ed. 2003.

CARR, Calab. **A assustadora história do terrorismo**. São Paulo: Ediouro, 2002.

CLAUSEWITZ, Carl Von. **Da guerra**. São Paulo: Martins Fontes, 1979.

CORVISIER, André. **A Guerra**: ensaios históricos. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1999.

COSTA, Maria da Conceição Nascimento, et. al. Mortalidade infantil no Brasil em períodos recentes de crise econômica. In: **Revista Saúde Pública**. v.37. n.6. São Paulo, 2003.

DEMANT, Peter. O Islã no espaço. In: **O mundo muçulmano**. São Paulo: Contexto, 2004.

FERGUSON, Niall. **A lógica do dinheiro**: riqueza e poder no mundo moderno 1700-2000. Rio de Janeiro: Record, 2007.

_____. **Colosso**: ascensão e queda do Império Americano. São Paulo: Editora Planeta Brasil, 2011.

_____. **Império**. Como os britânicos fizeram o mundo moderno. São Paulo: Editora Planeta Brasil, 2010.

FERRO, Marc. **História da colonização**: das conquistas às independências. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

FONTANA, Josep. **Introdução ao estudo da história geral**. Bauru, SP: EDUSC. 2000.

FROMKIN, David. **Paz e Guerra no Oriente Médio**. A queda do Império Otomano e a criação do Oriente Médio moderno. Rio de Janeiro: Contraponto, BIBLIEX, 2011.

GOWAN, Peter. **A Roleta Global**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

HOBBSBAWM, Eric. **Globalização, democracia e terrorismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. **Nação e Nacionalismo desde 1780**: programa, mito e realidade. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

JOHNSON, Chalmers. **As aflições do Império: militarismo, operações secretas e o fim da república**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

KANT, Immanuel. **A paz perpétua**. Porto Alegre: L&PM, 1989.

KEEGAN, John. **Uma história da Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. **Inteligência na guerra**: conhecimento do inimigo, de Napoleão à Al-Qaeda. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. **Guerra do Iraque**. Rio de Janeiro: BIBLIEX Ed. 2005.

LOSURDO, Domenico. **A linguagem do Império**: léxico da ideologia estadunidense. São Paulo: Boitempo, 2010.

MEAD, Walter Russell. **Poder, terror, paz e guerra**: os Estados Unidos e o mundo contemporâneo sob ameaça. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

SAID, Edward W. **Orientalismo**: o oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SMITH, Dan. **Atlas dos conflitos mundiais**: um apanhado dos conflitos atuais e dos acordos de paz. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007.

_____. **O atlas do Oriente Médio**: o mapeamento completo de todos os conflitos. São Paulo: Publifolha, 2008.

TALBOTT, Strobe; NAYAN, Chanda (orgs). **A era do Terror**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

UESSELER, Rolf. **Guerra como prestação de serviços**. São Paulo, Estação da Liberdade, 2008.

VISACRO, Alessandro. **Guerra Irregular**: Terrorismo, guerrilha e movimentos de resistência ao longo da história. São Paulo: Contexto, 2009.

YERGIN, Daniel. **O petróleo**: uma história mundial de conquistas, poder e dinheiro. São Paulo: Paz e Terra, 2012.